



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

LEONARDO ANDERSON RICARDO VIEIRA

**O FAZER DE UM FORMIGUEIRO: O MTST, OS SEM TETO E A OCUPAÇÃO
POVO SEM MEDO EM FORTALEZA**

**FORTALEZA
Novembro, 2017**

LEONARDO ANDERSON RICARDO VIEIRA

**O FAZER DE UM FORMIGUEIRO: O MTST, OS SEM TETO E A OCUPAÇÃO
POVO SEM MEDO EM FORTALEZA**

Dissertação a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof.^aDr^a. Linda Maria de Pontes Gondim.

FORTALEZA
Novembro, 2017

- V716f Vieira, Leonardo Anderson Ricardo.
 O Fazer de um Formigueiro : O MTST, os Sem Teto e a Ocupação Povo Sem Medo em Fortaleza / Leonardo Anderson Ricardo Vieira. – 2017.
 146 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2017.
 Orientação: Profa. Dra. Linda Maria de Pontes Gondim.
1. MTST. 2. Sem-Teto. 3. Ocupação 4. Ocupação Povo Sem Medo (OPSM). I. Título.

LEONARDO ANDERSON RICARDO VIEIRA

O FAZER DE UM FORMIGUEIRO: O MTST, OS SEM TETO E A OCUPAÇÃO POVO
SEM MEDO EM FORTALEZA

Dissertação a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Linda Maria de Pontes Gondim (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luiz Fábio Silva Paiva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. David Moreno Montenegro
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará (IFCE)

Aos meus pais, Ana Cristina e José Wellington por todo o amor, apoio e confiança.

Aos meus irmãos de sangue Jeffrey e Vinícius e a minha avó Suzana pelo carinho.

Devo tudo e sou para sempre grato por conviver com vocês.

AGRADECIMENTOS

Sou grato a Neivania Rodrigues, minha grande amiga e companheira de profissão que muito me auxiliou e me incentivou desde 2016 para que eu não desistisse da minha pesquisa e vida acadêmica. Os créditos desse trabalho, também são seus. Aos meus amados amigos Samuel, Jaci, Camila Cruz, Thiago Bruno, Juliana Evandro, Anderson Gomes, Marcos de Lima, Johnny Filho, Renato Lobo, Emídio, Raoni, Sijone, Franklin Augusto, Benjamim Lucas, Jonas, Hugo Dantas, Márcio Renato, Camila Barros, Ícaro, Caroço, e ao querido Sociólogo Marcelo Ribeiro por compartilharem comigo suas presenças tão leais e intensas. Ao Diego Correia, Mozeley Ribeiro, André Filho e André Gomes que não estão aqui em corpo, mas que continuam presentes na memória. À Juliana Magalhães que me apoiou a prosseguir meus estudos, lendo, debatendo e corrigindo muitos dos meus textos, minha honesta gratidão.

Agradeço aos valorosos companheiros que pude conhecer e compartilhar importantes momentos da minha vida nos últimos quatro anos, no Ceará e no Maranhão. Ao Carlos Augusto, Kélvyn Cavalcante, Marcos Silva, Duda, Roger Medeiros, Lara Costa, Dóris Soares, Fábio Rodrigues, Sérgio Farias, Igor Mateus, Pool, Pedro, Tatiane Bezerra, Tatiane Evangelista, Angelita Oliveira, Kaká, Dea, Lara Silva, Armando, Daniel, Tibério, Seu Dedé, Daniel Pustowka, Marcelo Ramos, Germano Correa, Paulo Cunha, Monalisa Pinheiro, Geysse, Mariana Lacerda, Iorran, Lanna Luiza, Dona Elza, Fábio Machado, Isabella Miranda, Professor Francisco, Professor Milton, Carlos, Dallila Moraes, Mariana Castro, Juliana Carvalho, José Luis, Reynaldo Costa, Renan Chaves, Isac Ferreira, Larissa Raquel, Tamyres Lima, PH Oliveira e Joana Borges. Aos também professores Luana Carolina, João Santiago, Alberto Barros, Thiago Ribeiro e Caio Rabelo. Sinceramente, sem vocês eu não conseguiria. Os bônus desse trabalho, também são de e para vocês.

À minha professora e orientadora Linda Gondim por sua intensa personalidade e profissionalismo, pelo rigor na leitura, crítica e correção textual daquilo que eu escrevia e também pela compreensão e flexibilidade para com os meus prazos.

Agradeço ao professor Domingos Abreu pelas horas de atenção dedicadas a mim e por ter aceitado participar da minha banca de qualificação. Ao professor Luiz Fábio que aceitou participar da minha banca de qualificação, dissertação e pela sugestão para que eu me empenhasse em fazer um trabalho honesto. Dentro dos meus limites, segui seus conselhos.

Aos professores Renato Pequeno e David Moreno pelo interesse para com a minha pesquisa. À professora Alba Carvalho, minha orientadora na graduação, por ser quem é, e manter-se firme no árduo trabalho da docência. Muito obrigado. Ao estimado professor Manoel Moreira Neto. Ao Paulo Henrique Rodrigues, Sulamita e Uribam que leram, criticaram meus rascunhos e contribuíram para meus acertos.

Para aqueles que a liberdade há de cantar. Para os que foram e para os que virão, serão povo, e saber serão, lutando.

Ao P. S. da maneira que eu acredito - refrigera minha alma e guia-me pelo caminho da justiça.

A gente colhe o que planta, o que fala, o que lê, o que ouve e o que canta.
Tapa em ponta de faca é atitude menor. O paraíso é mentira, realidade é maior.
Quem dança sacode o corpo. Quem cala ouve falar.
E essa menina hoje: amanhã, amanhã, amanhã...
O nosso grande momento: ainda não, não, não...”
(Geraldo Azevedo – Grande Momento)

“Vou aprender a ler para ensinar os meus camaradas!”
(Roberto Mendes/ José Carlos Capinam – YáYá Maseмба)

RESUMO

Pesquisa a Ocupação Povo Sem Medo (OPSM), que ocorreu num terreno às margens da Avenida Estrada da Urucutuba, no bairro Bom Jardim, localizado na periferia de Fortaleza, dirigida pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Procurei compreender como se produziram e reproduziram as relações sociais entre os participantes da ocupação e a fim de descrevê-la para interpretá-la, tive como fio condutor, o que gerou a edificação de três mil barracos de lona preta, construídos a partir do dia 20 de maio de 2016. Alguns destes permaneceram até agosto de 2017. Por um olhar socioantropológico, através de uma observação militante, realizada entre julho de 2014 e julho de 2017, apresento os resultados de um trabalho de observação, aproximação e posterior participação junto ao MTST, aliado a entrevistas semiestruturadas e debate bibliográfico. Ao longo da pesquisa, surgiram duas hipóteses. A primeira é que as práticas do MTST, tal qual seu modelo de organização e método político, incidem diretamente no cotidiano da ocupação e na formação de identidades dos ocupantes. A segunda hipótese se refere a semelhanças sociais entre aqueles que ocupam, decorrente destes representarem uma parcela dos que vivem do trabalho, porém, não conseguem por meio deste, a obtenção dos meios necessários para o acesso à moradia digna.

Palavras-chave: MTST; Sem-Teto; Ocupação Urbana; Ocupação Povo Sem Medo (OPSM)

ABSTRACTS

I study the Occupation Povo SemMedo (OPSM), which occurred on a terrain along the Avenida Estrada da Urucutuba, in the BomJardim district, located in the periphery of Fortaleza, directed by the Homeless Workers Movement (MTST). I tried to understand how the social relations between the participants of the occupation had been produced and reproduced and in order to describe it in order to interpret it, I had as a guideline what led to the construction of three thousand black tarpaulins shacks, built from the 20th of May 2016. Some of these remained until August 2017. From a socio-anthropological perspective, through a militant observation, carried out between July 2014 and July 2017, I present the results of a work of observation, approximation and later participation with the MTST, coupled with semi-structured interviews and bibliographic discussion. Throughout the research, two hypotheses have emerged. The first one is that the practices of the MTST, like its model of organization and political method, directly affect the daily occupation and the formation of identities of the occupiers. The second hypothesis refers to the social similarities among those who occupy, represent a portion of those who lives from work, but are unable to obtain the means necessary for having access to decent housing.

Keywords: MTST; Homeless; Urban Occupation; Occupation Povo Sem Medo (OPSM)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BJ – Bom Jardim
BNB – Banco do Nordeste do Brasil
BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento
BNH – Banco Nacional de Habitação
BP RAI0 – Batalhão de Policiamento de Rondas e Ações Intensivas e Ostensivas
BRICS - Acrônimo que se refere aos países membros fundadores, que juntos formam um grupo político de cooperação. (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul – South Africa.)
CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CDVHS – Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza
CEASA/CE – Central de Abastecimento do Ceará
CEB – Comunidades Eclesiais de Base
COVIO – Laboratório de Conflitualidade e Violência
CUT – Central Única dos Trabalhadores
COTAM – Comando Tático Motorizado
CUCA – Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte
DCE – Diretório Central dos Estudantes
DSPGBJ – Diagnóstico Sócio Participativo do Grande Bom Jardim
EEFM – Escola de Ensino Fundamental e Médio
FBP – Frente Brasil Popular
FEJUVE – Federação de Juntas Vecinales
FHC – Fernando Henrique Cardoso
FGTS – Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
FIFA – Fédération Internationale de Football Association – Federação Internacional de Futebol
FJP – Fundação João Pinheiro
FM – Frente de Mobilização
FPSM – Frente Povo Sem Medo
FTA – Força Tática de Apoio.
G – Grupo
GBJ – Grande Bom Jardim
GPDU – Grupo de Estudo: Gestão Pública e Desenvolvimento Urbano
HABITAFOR – Fundação para do Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFCE – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará
INTERSINDICAL – INTERSINDICAL – Central da Classe Trabalhadora
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPECE – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
LEC – Laboratório de Estudos da Cidade
MCP – Movimento dos Conselhos Populares

MLB – Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas
MP – Medida Provisória
MPL – Movimento Passe Livre
MSU – Movimento Social Urbano
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MTST - Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
N – Núcleo
NMS – Novos Movimentos Sociais
ONG – Organização Não Governamental
ONU – Organização das Nações Unidas
OP – Orçamento Participativo
OPSM – Ocupação Povo Sem Medo
PAC – Programa de Aceleração de Crescimento
PIB – Produto Interno Bruto
PCMV – Programa Minha Casa Minha Vida
PJ – Pastoral da Juventude
PMCE – Polícia Militar do Ceará
PMF – Prefeitura Municipal de Fortaleza
PNHIS – Plano Nacional de Habitação e Interesse Social
PT – Partido dos Trabalhadores
PPGS – Programa de Pós Graduação em Sociologia
PSOL – Partido Socialismo e Liberdade
RU – Resistência Urbana
RUA – Juventude Anticapitalista - Coletivo de juventudes
RMF – Região Metropolitana de Fortaleza
SBPE – Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo
SER – Secretaria Executiva Regional
SUDENE- Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
UFC – Universidade Federal do Ceará
UNE – União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
INTRODUÇÃO.....	16
Breves considerações sobre adentrar coletivamente em terrenos.....	16
Breve histórico do MTST.....	17
Figura 1 – Travamento feito com pneus queimados em Fortaleza(01/05/2017) .	19
Breve histórico das ocupações em Fortaleza.....	20
Quadro 1	23
Mapa -1: Região Metropolitana de Fortaleza.....	25
Mapa 2: Regionais da Cidade de Fortaleza	26
CAPÍTULO 1: REFLEXÕES METODOLÓGICAS.....	27
1.1 O Caminho.....	27
1.2 De perto e por fora - De perto e por dentro	31
1.3 Modificando as táticas de inserção no campo.....	33
Figura 2 – Divulgação do Sarau do Gereba.....	34
Figura 3 – Exibição Documentário 11 no Sarau no Gereba.	35
Figura 4 – Fazendo pesquisa em campo	39
1.4 Fazendo o trabalho de base	39
Figura 5 – Reunião no bairro Bom Sucesso	41
1.5 Caminhada no Chão da Noite.....	42
Figura 6 – Trabalhadores sem teto ocupam terreno em Fortaleza	43
Figura 7 – Primeiras bandeiras fixadas nas extremidades do terreno	45
Figura 8 – Amanhecer na Ocupação Povo Sem Medo	46
1.6 O terreno amanhece ocupado	47
Figura 9 – Flyer elaborado pelo movimento divulgando a ocupação	47
Figura 10– Assembleia OPSM	50
Figura 11 – Poste Erguido por Gambiarra	51
1.7 Sobre erguer o meu próprio barraco	52
CAPÍTULO 2 – ESPAÇO URBANO EM TEMPO HISTÓRICO	56
2.1 Breves considerações sobre espaço (urbano) e políticas públicas.....	56
2.2 O Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV).....	58
Figura 12 – Flyer elaborado pelo MTST, revelando a importância do PMCMV	
Entidades.....	62

2.3 A cidade em Fortaleza.....	63
2.4 O jardim do formigueiro	65
Mapa 3: Bairro Bom Jardim – Fortaleza	68
2.5 Novo movimento social ou movimento social de novos trabalhadores?	70
CAPÍTULO 3 - SER SEM TETO	79
3.1 Subproletários de alhures	79
3.2 Os sem teto da Ocupação Povo Sem Medo	82
3.3 Trabalhos; trabalhadoras e trabalhadores	87
Figura 14 – <i>Tomato</i> , ocupante, trabalhando no setor de infraestrutura da OPSM	88
Figura 15 – Mulheres da OPSM em marcha.	93
3.4 Moradia	93
3.5 Entrar na ocupação e ser Sem Teto	97
3.6 Tornar-se Coordenador	101
Figura 16 – Ocupante Coa Café.	104
3.7 A Pedagogia do MTST.....	105
QUADRO 2 – PERFIL SIMPLIFICADO DOS ENTREVISTADOS, JULHO DE 2017	107
CAPÍTULO 4 – ORGANIZAR UM FORMIGUEIRO: SOBRE O MÉTODO DO MTST	108
4.1 Preparando o Formigueiro: escolher um lugar e trabalhar sua base.....	108
4.2 A Organização do Formigueiro	111
4.2.1 O início da ocupação.....	111
4.2.2 Acordos coletivos	112
4.2.3 A cozinha: espaço privilegiado de socialização	114
Figura 17 – Construção de uma Cozinha	114
Figura 18 – Dia de Festa na Cozinha do G5.	116
4.2.4 Comunicação interna, reuniões e assembleias	117
Figura 19 – Reunião de Coordenação da OPSM.....	118
4.2.5 A segurança do formigueiro.....	119
4.3 Fazer Três Mil Barracos de Lona Preta ou Construir um Formigueiro.....	121
Figura 20 – Ocupantes constroem barracos durante a noite.....	121
Figura 21– Rua da OPSM iluminada durante uma noite do mês de julho de 2016	123

4.4 O Cotidiano do formigueiro:	125
Figura 22 – A Favela de Plástico	125
Figura 23 – Poeta do G3, numa noite de Sarau	127
<i>4.4.1 Ausência de recursos</i>	128
<i>4.4.2 A Ocupação em Fogo Morto</i>	129
CONSIDERAÇÕES INICIAIS:	131
REFERÊNCIAS	134
APÊNDICE A - PERGUNTAS NORTEADORAS PARA ENTREVISTAS	140
Perguntas para Coordenadores de Grupos e Setores	141
ANEXO A – NOTÍCIAS SOBRE O MTST EM FORTALEZA	142
ANEXO B – NOTÍCIAS SOBRE O MTST EM FORTALEZA	144
ANEXO C – NOTÍCIAS SOBRE O MTST EM FORTALEZA	145

APRESENTAÇÃO

No território do Grande Bom Jardim, que recebeu um elevado crescimento populacional, nas últimas três décadas, majoritariamente constituído por trabalhadores pobres, houve a ocupação de um terreno, formulada e dirigida por um movimento popular que existe em diversos estados brasileiros, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, MTST. Denominada Ocupação Povo Sem Medo (OPSM), nela, foram edificados três mil barracos de lona preta, interferindo no cotidiano de cerca de uma dezena de milhar de seres humanos.

Busquei interpretar as relações sociais entre aqueles que vivenciaram a OPSM. Estive dentro da ocupação, enquanto observava, participava e descrevia; voltei-me para os relatos daqueles que se reivindicam como MTST, dos seus sujeitos, os sem teto que fizeram parte da sua construção, relacionando-os ao território periférico e às condições de trabalho e moradia que os cercam. O método analítico perpassa a *retirada do véu*, ou no caso, da lona, refletido no trabalho coletivo de erguer barracos de madeira e plástico. Como metáfora, utilizo o substantivo “formigueiro”, vindo da própria cultura do MTST quando se refere à organização e divisão do trabalho coletivo do fazer de uma ocupação.

Início a Introdução dialogando sobre a construção social do MTST, a concepção do movimento sobre o ato de ocupar terrenos e apresentando um breve histórico das ocupações realizadas pelo MTST na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF). Posteriormente, no capítulo 1, discorro sobre o pesquisar sob um olhar distante, perante a necessidade de um trabalho de campo engajado. Também apresento como ocorreu a incursão na ocupação, as primeiras observações e sentimentos. No capítulo 2, debato a relação entre os movimentos sociais, as políticas públicas e a produção do espaço social cidadão. No capítulo 3, pondero sobre a concepção de “sem teto”, pelo movimento em nível nacional e segundo os membros da OPSM. No capítulo 4, explico a aplicação do método nacional de ocupação deste movimento, a partir de uma abordagem empírica. Por fim, nas considerações iniciais, disserto sobre os apontamentos desta pesquisa.

INTRODUÇÃO

Breves considerações sobre adentrar coletivamente em terrenos

“Ocupar” e “invadir” são palavras semanticamente semelhantes, referentes à ação de adentrar ou tomar posse de determinado espaço, no caso observado, espaço urbano, logo social. Apesar de semelhantes, ocupação e invasão possuem conotações distintas. O invadir é visto de forma negativa, relacionando-se à posse de um espaço (propriedade) alheio, de outrem, privado. Já o ocupar, tem conotação positiva, referente ao ato de colocar-se sobre um espaço vazio, inabitado ou inútil, sem função social.

Sob a égide do senso comum e propagado pela grande mídia, as ocupações realizadas por movimentos sociais, sejam em terras no campo ou em terrenos na cidade, não raro, são mal vistas pelos trabalhadores que moram próximo a estas. Apesar das ocupações urbanas fazerem parte do processo histórico de formação da periferia de Fortaleza, a exemplo da formação espacial e povoamento do bairro Bom Jardim, atribuem-se estigmas àqueles que adentram em terras sem título de propriedade.

Faz parte da política (contra) ideológica dos movimentos sociais, contraporem-se a este discurso, demonstrando a necessidade do ocupar terras coletivamente, atribuindo a estas, uma função social e, ao mesmo tempo, expondo suas pautas, a exemplo da reivindicação de moradias populares. Segundo a constituição federal brasileira, as ocupações de terras vazias podem ser interpretadas como legítimas e legais em seus artigos 5 e 170.¹ Guilherme Boulos (2014), um dos principais líderes do MTST, afirma que:

[...] é preciso diferenciar os termos *invasão* e *ocupação*. Invasão foi o que fizeram os portugueses e depois deles os grandes proprietários brasileiros. É grilar e roubar uma terra que é pública e que deveria ter destinação social, em benefício da maioria. Ocupação é algo bem diferente. É retomar a terra dos invasores, para que possa ser utilizada em favor da maioria, dos trabalhadores. É transformar uma área vazia, que só serve para a especulação e lucro dos empresários, em moradia digna para quem precisa. (p. 46)

¹**Art. 5º** - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: [...] Inciso XXIII - a propriedade atenderá a sua função social; e **Art. 170º** - A ordem econômica, fundada na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa, tem por fim assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social, observados os seguintes princípios: [...] Inciso III - função social da propriedade;

Portanto, neste trabalho, perante o termo invadir, elenco o substantivo ocupar, compreendendo a legitimidade da ação de adentrar coletivamente em terrenos abandonados, atribuindo-lhes posteriormente a esta atividade, função social.

Breve histórico do MTST²

No ano de 1997, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, (MST),³ construiu a Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça⁴, partindo de pontos distintos do Brasil, com destino a Brasília, cruzando diversas cidades por dois meses. Essa atividade proporcionou uma rede de contatos e trocas de experiências entre membros do MST e outros movimentos sociais urbanos e rurais. Durante esse período foi gestado o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), originário da unificação de membros do MST com outros militantes que atuavam em processos de luta urbana na cidade de São Paulo. Em uma das suas publicações, o MTST explana sobre sua origem e caracteriza o MST como:

[...] um movimento conhecido por todos nós por sua luta árdua por uma vida digna para quem mora no campo. É um movimento sério que sabe que a maioria do povo pobre vive na cidade e não nas áreas rurais. Com isto, percebeu a necessidade de ajudar os trabalhadores urbanos a se organizarem para lutar também por melhores condições de vida (CARTILHA DO MILITANTE, 2005, apud GOULART, 2011).

Conforme um dos interlocutores da presente pesquisa,

² Não pretendo me alongar sobre o histórico da formação do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, (MTST). Para maiores informações, sugiro os trabalhos de RODRIGUES (2002) e GOULART (2011).

³ “O Movimento Sem Terra está organizado em 24 estados nas cinco regiões do país. No total, são cerca de 350 mil famílias que conquistaram a terra por meio da luta e da organização dos trabalhadores rurais. Mesmo depois de assentadas, estas famílias permanecem organizadas no MST, pois a conquista da terra é apenas o primeiro passo para a realização da Reforma Agrária”. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

⁴ A Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça ocorreu em 1997 para denunciar a impunidade dos policiais que empregaram a violência, no fato que ficou conhecido como Massacre de Eldorado dos Carajás, ocorrido no Pará em 1996. Nessa ação para desobstrução a uma rodovia, foram assassinados 19 trabalhadores rurais. Outro objetivo da Marcha era dar visibilidade à oposição do movimento ao governo federal de Fernando Henrique Cardoso. A Marcha saiu de três localidades: São Paulo (SP), com agricultores vindos do sul e sudeste; Rondonópolis (MT) e Governador Valadares (MG), rumo à Brasília (DF), e durou 60 dias, com a participação de cerca de 1300 pessoas. (GOULART, 2011)

A gente é um movimento que nasce de uma iniciativa de fazer a luta na cidade com MST e em 97 a gente faz as nossas primeiras atividades em São Paulo. No começo ainda tem uma dinâmica de campo. O MST foi a referência do campo. A dinâmica da cidade é perturbadora, ela é esmagadora e aí sai de um eixo mais das dinâmicas do campo e vem pro eixo mais da cidade. (Entrevista realizada pelo autor em 17/09/2016, com Charles⁵).

No início dos anos 2000, o MTST ganhou musculatura e autonomia, intensificando o número de ocupações e sofrendo os seus primeiros reveses, a exemplo das ocupações Carlos Lamarca, Santo Dias e Rosa Luxemburgo, ocorridas na região da Grande São Paulo em 2002 e 2003 e removidas em menos de um mês, sem abertura de canais de negociação.

De 2003 a 2005, o movimento passou por um período de formulação interna, estabelecendo sínteses programáticas e grupos de atuação, acumulando experiências em mobilização e ocupação de terrenos em São Paulo. Foram intensificadas as ocupações, os debates sobre a atuação e a formação política dos militantes. Esse processo de ampliação colocou o MTST em enfrentamento direto com o governo estadual. Procurando a abertura das negociações, as manifestações acabaram por causar um desgaste político ao governo, na medida em que conseguiram a atenção da população e da mídia.

A partir do segundo mandato do governo Lula (2007-2010), o MTST relançou-se ao objetivo de nacionalização⁶ e para tal, estabeleceu contatos com militantes de outros movimentos de moradia presentes em outras capitais brasileiras, desta vez, sob uma organização nacional unitária.

Aprofundaram-se as práticas de protesto, a exemplo dos trancamentos de estradas (travamentos – ver figura 1), forçando a interrupção da circulação de mercadorias, mesclando-se a outras táticas como marchas, acorrentamentos e greves de fome em locais de grande circulação. Um marco desse processo foi o acorrentamento de militantes em frente à casa do então presidente Lula, em julho de 2009⁷. Após oito dias, foram abertas negociações com a promessa de inclusão das

⁵Todos os nomes dos interlocutores foram mantidos em sigilo por questão de segurança. Em seu lugar, faço uso de pseudônimos, alguns destes estrangeiros, a fim de evitar qualquer possível alusão aos seres reais que participaram desta pesquisa.

⁶Ressalto que antes desse processo ocorreram tentativas de construção do MTST em outros estados do Brasil, alheios a uma estratégia nacional unificada. Todas estas experiências foram efêmeras e encerradas antes de 2007. Para maiores informações, RODRIGUES(2002) e GOULART(2011).

⁷Disponível em: <http://www.correiocidadania.com.br/colunistas/luiz-eca/33-artigos/noticias-em-destaque/3487-09-07-2009-integrantes-do-mtst-se-acorrentam-em-frente-a-casa-de-lula-e-exigem-moradia> Acesso em 13/09/2017 e <http://passapalavra.info/2009/07/8009>. Acesso em 13 set. 2017.

famílias acampadas no Programa Minha Casa Minha Vida, PCMV⁸.

Figura 1 – Travamento feito com pneus queimados em Fortaleza(01/05/2017)



Fonte:<https://www.facebook.com/pg/mtstce>. Acesso em: 16 jul. 2017.

O MTST tem obtido destaque no cenário político brasileiro nos últimos quatro anos, pelo poder de mobilização de dezenas de milhares de pessoas em capitais de grande porte, a exemplo do Rio de Janeiro, Brasília e, sobretudo, São Paulo.

Durante a Copa das Confederações, em 2013, ganhou maior visibilidade em nível nacional em decorrência da organização de marchas que reuniram dezenas de milhares de famílias nas cidades sede desse evento. O movimento obtém seu poder de mobilização, pondo os sem teto em massivos atos, a partir das ocupações que realiza. Até 2013, o MTST ainda não havia realizado ocupações em Fortaleza.

Nesta capital, os primeiros contatos ocorreram em meados de 2009 através do estreitamento de contatos de lideranças do MTST em nível nacional, com lideranças de movimentos por moradia em nível local, que até então eram componentes do Movimento dos Conselhos Populares (MCP). Débora Goulart (2011), aponta que:

⁸ A relação entre o MTST e as políticas públicas de moradia no Brasil será debatida no capítulo II.

Durante o segundo semestre de 2009, surgiu uma nova configuração nas lutas urbanas com caráter nacional, com a realização da Jornada Nacional de Lutas que mobilizou movimentos urbanos em seis estados (São Paulo, Bahia, Amazonas, Roraima, Pará e Ceará). Essa campanha foi organizada e realizada pela Frente Nacional de Movimentos Urbanos, que, formada em 2009, congregou organizações de oito estados brasileiros, reunindo movimentos sociais de caráter urbano, como movimento de conselhos populares, ocupações de terrenos, fóruns de moradia de bairros e regiões e, em número maior, movimentos de moradia, como o MTST. (p. 58)

Após os contatos iniciais, em 2011 criou-se um coletivo para articulação, formação política e organização para a luta pelo direito à moradia. Um dos entrevistados para a presente pesquisa informa que:

A gente construiu o MTST. A gente era do MCP. Eu, o Douglas e aí a gente fez contato com o MTST. A gente era o MCP e (estava) dentro da construção da Frente de Mobilização e da Resistência Urbana. Então, a gente fez essa relação. A gente antes de entrar participou de várias agendas coletivas junto ao MTST. Inclusive, a gente fez uma marcha, por exemplo, a gente fez uma luta que a gente tá recuperando em função dos restaurantes populares, os restaurantes de R\$ 1,00. A gente fez diversas campanhas e jornadas em conjunto com a MTST nacional. [...] Eu não sei exatamente o ano, mas quando houve a ocupação 17 de Abril, a gente saiu do MCP, conhecidos como grupo da Água Fria e mais algumas pessoas. A gente saiu do MCP naquele período e aí algum tempo depois a gente passa a construir o MTST. A gente fica desse período até o dia 04 de julho de 2014, quando a gente faz a nossa primeira ocupação que é a Copa do Povo. (Entrevista realizada pelo autor em 26/06/2016, com Robert).

Breve histórico das ocupações em Fortaleza

A primeira ocupação dirigida pelo MTST em Fortaleza foi batizada como *Copa do Povo* e ocorreu em julho de 2014, num terreno no bairro da Paupina⁹, no mesmo período da Copa do Mundo e da sexta reunião da cúpula dos BRICS¹⁰. Segundo alguns dos líderes do movimento, a ocupação teve o intuito de iniciar o processo de experiência em ocupações enquanto movimento na cidade, aproximando e consolidando novos militantes.

⁹Fortaleza é dividida institucionalmente em seis secretarias executivas regionais. Paupina é um bairro periférico de Fortaleza, localizado na Regional VI, a qual corresponde a 42% do território fortalezense, vizinho ao distrito e bairro Messejana, limítrofe ao município do Eusébio. Todas as ocupações realizadas pelo MTST-CE ocorreram na Região Metropolitana de Fortaleza, RMF. Falarei mais sobre elas adiante.

¹⁰Em 15 de julho de 2014, ocorreu em Fortaleza VI a reunião de cúpula dos BRICS, bloco econômico formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, a qual teve como pauta a criação de um banco de desenvolvimento.

Na Copa do Povo a gente ocupou e foi a primeira experiência, aquele gás, a gente tinha um método de fazer luta, depois da ocupação. Se sair vai pros núcleos. A gente fez isso nas outras ocupações também. [...] A Copa do Povo é uma experiência que a gente vai aprender com uma ocupação e a gente não tem referência como é que é outra. [...] Foi esta experiência que me motivou a tá no movimento. Já vinha de um histórico de luta, mas que naquele momento decidi que é onde eu quero tá, na luta. [...] Na Copa do Povo teve o detalhe de que não teve como fazer isso. Teve o início da formação dos grupos, mas a ocupação foi muito rápida. [...] O primeiro mês pra gente também foi muito novo esse processo. A gente não tinha meses, que a gente não aprendeu a contar em meses. Aqui no Ceará as ocupações foram muito rápidas. Na Copa do Povo a gente teve uma negociação muito rápida, de 15 dias. A gente aprendeu a contar em dias. (Entrevista realizada pelo autor em 17/09/2016, com Charles).

Depois de cada ocupação os nomes dos que participaram foram recolhidos pela organização do movimento e divididos em núcleos, de acordo com a sua região de moradia. Através destes núcleos ocorreram os contatos para as atividades nas ruas. Nas semanas que seguiram, ocorreram caminhadas e travamento de rodovias, para o estabelecimento de negociações com órgãos públicos, a exemplo da Fundação para o Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza (HABITAFOR).

Após a negociação com estas instâncias, houve a desocupação do terreno; e, posteriormente, reuniões com outros movimentos sociais, na tentativa de se fazer avançar uma campanha permanente encabeçada pelo MTST na cidade. Tal campanha, intitulada “Pão, Paz e Terra”¹¹, surgiu para estabelecer unicidade na reivindicação por restaurantes populares, regulamentação fundiária e combate à violência urbana. Ao longo desse processo ocorreram, periodicamente, panfletagens em locais de grande concentração de fluxo de pessoas, tais como terminais de ônibus e entrada de fábricas.

A segunda ocupação ocorreu em Maracanaú, município localizado na RMF, em abril de 2015. Esta ocupação, nomeada Bandeira Vermelha, foi rapidamente encerrada pela ameaça de homens armados, a serviço dos proprietários do terreno. Segundo relatos:

Na Bandeira Vermelha, a gente tem uma experiência que é diferente [da experiência da ocupação Copa do Povo]. É uma desocupação ilegal que tem cachorro, polícia, polícia não, com a milícia. E aí a gente tem que ocupar uma creche. Aquilo ali foi uma experiência e também serviu como aprendizado. Na Bandeira Vermelha a gente sai. [...] A gente não teve tempo de encarar a milícia, de saber que tinha uma milícia. A milícia já tava esperando a gente lá. (Entrevista realizada pelo autor em 17/09/2016, com Charles).

¹¹ Em alusão às Teses de Abril, de Lenin.

Após pouco mais de seis meses, dias depois da chacina da região da Grande Messejana¹², entre os bairros do Jangurussu e Messejana, surge uma nova ocupação, chamada 12 de Novembro. Esta foi desmobilizada rapidamente, por medo de represálias, como narra um dos informantes da presente pesquisa:

Na [ocupação] 12 de Novembro a gente teve, assim como no Maracanaú, a represália de uma milícia e aí a gente, estrategicamente, pensou em sair dessa zona aqui do Jangurussu. A gente sofre um baque na Bandeira Vermelha e aí toma todos os cuidados e aí na 12 de Novembro, que acontece no dia 20 de novembro dura apenas 20 horas. A gente ocupa no dia 19, dia 19 pro dia 20 se eu não me engano, e aí a gente vai sair 8 horas do outro dia. Só tem a primeira assembleia, porque ou a gente sai ou a gente morre. (Entrevista realizada pelo autor em 17/09/2016, com Charles).

Em maio de 2016 ocorreu a quarta ocupação do MTST no Ceará, a Povo Sem Medo, na Avenida da Estrada da Urucutuba, no Bairro Bom Jardim.

Na [ocupação] Povo sem Medo, fora o método de trabalhado de base, você tem um espaço de permanência, você consegue permanecer. E aquele é um laboratório. Um laboratório pros militantes do movimento. (Entrevista realizada pelo autor em 17/09/2016, com Charles).

Abaixo, no quadro 1, apresento a linha temporal dos acontecimentos que ocorreram no Ceará e no Brasil e que foram importantes para os movimentos de ocupação até o presente momento, 2017. Destaco que tais acontecimentos influenciaram de maneira não só indireta, mas diretamente na forma de agir dos movimentos de ocupação apresentados neste trabalho.

¹²Na madrugada do dia 11 para o dia 12 de novembro do ano de 2015, ocorreu uma série de homicídios entre os bairros do Curió, São Miguel, Lagoa Redonda e Messejana, conhecida como Chacina da Região da Grande Messejana ou Chacina do Curió. A principal linha investigativa se refere à represália perante a morte do policial Valtemberg Chaves Serpa, morto numa tentativa de assalto no início da noite do dia 11 de novembro no bairro Lagoa Redonda. Todas as 11 vítimas eram do sexo masculino, nove delas sem antecedentes criminais, adolescentes, na faixa etária de 16 a 19 anos. A investigação segue em segredo de justiça. 46 policiais militares foram denunciados e estão sendo investigados, destes, 43 encontram-se presos no Batalhão de Polícia. Foram vítimas da violência: Antônio Alisson Inácio Cardoso, Jardel Lima dos Santos, Álef Sousa Cavalcante, Marcelo da Silva Mendes, Patrício João Pinho Leite, Jadson Alexandre de Sousa, Francisco Enildo Pereira Chagas, Valmir Ferreira da Conceição, Pedro Alcântara Barroso, Marcelo da Silva Pereira, Renayson Girão da Silva e Valtemberg Chaves Serpa (BRITO, 2016).

Quadro 1

Linha do Tempo
1997 • Marcha nacional por reforma agrária
• Primeiras reuniões de formação do MTST
2000 • Primeiras ocupações do MTST em São Paulo
2002 • Lula (PT) é eleito presidente do Brasil.
2004 • O MCP estrutura-se de forma orgânica
• Luizianne Lins (PT) é eleita prefeita de Fortaleza.
2005 • Início do programa Orçamento Participativo (OP) em Fortaleza e a disputa do MCP pelos seus recursos e direcionamento político. ¹³
• As ocupações em São Paulo são intensificadas
2006 • Lula é reeleito presidente com mudança no perfil do eleitorado – fenômeno do lulismo, dilatação da base eleitoral.
2007 • Início do processo de expansão nacional do MTST
2008 • Luizianne é reeleita prefeita de Fortaleza
2009 • Formulado pelo Ministério da Casa Civil e vinculado ao PAC – Tem início o PMCMV
2010 • Dilma Roussef é eleita presidente do Brasil. Cid Gomes é reeleito governador do Ceará. Ambos com apoio de Lula e Luizianne.
2011 • Ocupação Comuna 24 de abril no bairro José Walter – Dirigida inicialmente pelo MST e MCP.
• Racha do MCP – início da nucleação do MTST em Fortaleza
2013 • Jornadas de junho.
• MTST realiza atos massivos em São Paulo
• Intensifica-se e consolida-se o seu processo e expansão nacional.
2014 • Julho: primeira ocupação do MTST em Fortaleza. A Copa do Povo.
• Outubro Dilma é reeleita para a presidência.
2015 • Abril – Segunda ocupação do MTST no Ceará – a Ocupação Bandeira Vermelha, em Maracanaú.
• Abril – Início dos protestos pelo impeachment da presidente Dilma Roussef.

¹³ Para maiores informações sobre a relação do MCP e o Orçamento Participativo, ver: COSTA JÚNIOR, 2010; SOUTO, 2013.

● Outubro – Écriada a Frente Povo Sem Medo ¹⁴
● Novembro – Terceira ocupação do MTST no Ceará. A Ocupação 12 de novembro.
2016 ● Abril – O Congresso Nacional dá o aval para a abertura do processo do impeachment de Dilma Rouseff.
● Maio – Quarta ocupação do MTST no Ceará: a ocupação Povo Sem Medo
2017 ● Agosto – Desocupação do terreno da Ocupação Povo Sem Medo

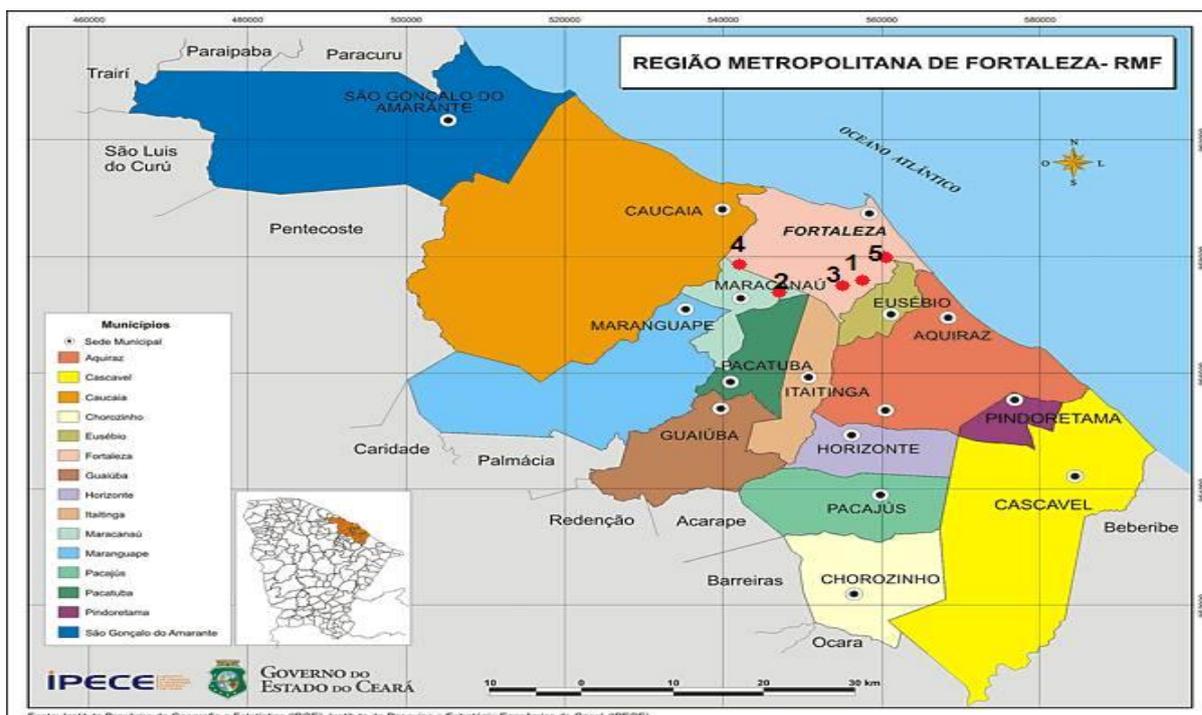
Fonte: Dados elaborados pelo autor

A seguir apresento nos mapas 1 e 2, as localizações das ocupações realizada pelo MTST no espaço geográfico do Estado do Ceará. No primeiro mapa, demonstro a localização das ocupações supracitadas nos municípios de Fortaleza e Maracanaú. Três ocupações estão localizadas na cidade Fortaleza, e uma na cidade de Maracanaú.

Na figura seguinte, mapa 2, a localização dessas ocupações está mais detalhada, indicando os bairros onde elas se estabeleceram, marcados por pontos vermelhos no mapa. Duas ocupações estão na Regional VI, nos bairros de Messejana e Paupina e uma na Regional V, no bairro Bom Jardim. Para os dois mapas: a numeração de 1 a 4 indica a ordem cronológica de ocupações e isso é importante, pois destaca o desenvolvimento desses movimentos realizados; o ponto número 5 indica o local da sede do MTST, no bairro Sapiranga.

¹⁴Dentre os espaços de atuação conjuntura do MTST com outros movimentos sociais, houve a Frente Povo Sem Medo (FPSM), frente política criada em outubro de 2015 e que articula movimentos, centrais sindicais, partidos políticos de esquerda a fim da construção de ações unitárias contra as reformas no âmbito econômico nos direitos trabalhistas, apresentadas pelo até então governo Dilma, no início de 2015. Posteriormente, junto a Frente Brasil Popular (FBP), a FPSM, realizou ações em conjunto contra o impeachment da presidenta Dilma, elencando a palavra de ordem: “FORA TEMER”. Posteriormente, foram incorporadas as pautas: “NENHUM DIREITO A MENOS” e “DIRETAS JÁ!”.

Mapa -1: Região Metropolitana de Fortaleza



Fonte: Dados elaborados pelo autor com auxílio de pesquisa pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE)

Lista de ocupações:

- 1- Copa do Povo
- 2- Bandeira Vermelha
- 3- 12 de Novembro
- 4- Povo Sem Medo
- 5- Sede do MTST na Sapiranga

CAPÍTULO 1: REFLEXÕES METODOLÓGICAS

Após este breve panorama do surgimento do MTST e das ocupações organizadas por ele, apresento como se gestou a pesquisa que deu origem a esta dissertação – começando pelas escolhas existenciais, epistemológicas e metodológicas deste trabalho.

1.1 O Caminho

“Caminho se conhece andando então vez em quando é bom se perder”(Chico César)

Meu primeiro contato com o MTST ocorreu em meados do ano de 2011 quando acompanhava as atividades de alguns movimentos sociais que atuavam na cidade, por fazer parte da gestão do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Ceará (DCE-UFC). Através do espaço político do movimento estudantil, fui convidado a participar de uma reunião de apresentação do MTST para alguns militantes da cidade de Fortaleza, na sede do DCE-UFC. Nesta ocasião, vieram dois membros de São Paulo e fizeram uma avaliação sobre conjuntura política nacional daquele momento.

Após dois anos deste primeiro contato, escrevi uma monografia de graduação sobre um movimento social de juventude que atuava no bairro do Conjunto Ceará e do Pirambu, o Movimento Livre e, seus métodos de reivindicação de direitos perante o Estado e as políticas públicas, (VIEIRA, 2013). Em seguida, trabalhei no Banco do Nordeste do Brasil, na cidade de Açailândia, interior do Maranhão, retornando à Fortaleza em 04 de julho de 2014. Neste mesmo dia ocorreu a primeira ocupação do MTST no Ceará, a Copa do Povo, no bairro Paupina, a qual perdurou até 19 de julho do mesmo ano.

Revelo a existência do engajamento pela própria escolha do objeto. Esclareço que busquei de início uma síntese entre meu trabalho de pesquisador e minhas condicionantes subjetivas como militante. Devido a experiências pregressas, minha aproximação com o campo ocorreu antes da redação dos primeiros diários. Esta pesquisa é fruto da sistematização textual do que foi formulado e experimentado durante um contínuo trabalho de campo, estando impregnada da vivência do pesquisador, pautada por meus limites, experiências e acúmulos de *capitais* culturais, acadêmicos e militantes.

Sublinha Vagner Gonçalves da Silva (2000) que,

O envolvimento com o campo pode inclusive começar antes do desembarque do antropólogo [pesquisador] em sua 'aldeia' e prosseguir mesmo quando ele já o abandonou. O 'campo' não é somente a nossa experiência concreta (mesmo se essa fosse mensurável de forma tão objetiva) que se realiza entre o projeto e a escrita etnográfica. Junto a essa experiência, o 'campo' (no sentido amplo do termo) se forma através dos livros que lemos sobre o tema, dos relatos de outras experiências que nos chegam por diversas vias, além dos dados que obtemos em 'primeira-mão'. Projeto de pesquisa, trabalho de campo e texto etnográfico não são fases que se concatenam sempre nesta ordem e de forma linear. Na prática essas etapas são processos que se comunicam e se constituem de forma circular ou espiral. Às vezes é somente no final da pesquisa que se encontra o que se procurava. Também pode acontecer de, não se encontrando o que se procura, "remodelar-se" o texto, de modo a valorizar o que se encontrou (p. 27)

Escolher pesquisar o MTST exigiu um posicionamento a partir da própria escolha do tema, abordando a política como elemento metodológico científico (HAGUETTE, 2010). A delimitação do objeto de estudo foi atitude política na medida em que as próprias condicionantes para a inserção no campo foram elencadas pela subjetividade do pesquisador. A busca pela objetividade não ignorou a subjetividade do redator na elaboração trabalho final.

Após retornar a Fortaleza, antes de iniciar a construção do meu projeto de pesquisa, fase inicial do trabalho científico, por duas vezes visitei a Ocupação Copa do Povo. Na primeira visita, dia 10 de julho, exercitei o trabalho de observação, atentando para as aparências e práticas dos que estavam naquele espaço. Cheguei ao final da tarde e observei a grande quantidade de mulheres e crianças. Percebi que alguns trabalhavam numa cozinha coletiva e outros ainda montavam barracas, divididas em grupos. Observei que cada grupo contava de 300 a 500 barracos, divididos por ordem de construção e localização no terreno ocupado.

Entre conversas e caminhadas por dentro da ocupação, atentei para a presença de distintos movimentos sociais, coletivos, partidos políticos neste espaço, saudando esta atividade e demonstrando apoio, dentre eles o MST, o RUA¹⁵ e o PSOL¹⁶. Saliento que atuei dentro das duas últimas organizações citadas até o final de 2015.

¹⁵RUA–Juventude Anticapitalista, coletivo de juventudes. Disponível em: <<http://www.movimentorua.org/ruajuventudeanticapitalista>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

¹⁶ Partido Socialismo e Liberdade. Disponível em: <<http://www.psol50.org.br/>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

Na segunda visita, dia 12 de julho (sábado), participei de um sarau e após o seu fim, passei a noite na *trilha*¹⁷, podendo observar de perto uma das atividades do movimento por dentro das ocupações. Através destas incursões ao campo pude conversar com alguns membros do movimento.

Retornei à minha casa no dia seguinte e, a partir de publicações sobre o MTST e leituras acadêmicas, iniciei a elaboração do meu projeto de pesquisa de dissertação. Após concluir a redação do projeto, pela primeira vez, busquei apresentá-lo para algumas lideranças do mesmo, não recebendo retorno. Pretendia estudar as práticas de ocupação urbana do MTST em Fortaleza. Pela amplitude do objeto, pelas dificuldades para sua delimitação e para minha inserção no campo, modifiquei-o por completo ao longo da pesquisa.

Posteriormente, enquanto cursava as disciplinas obrigatórias do Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, (PPGS/UFC), intensifiquei as tentativas de entrada no campo e o estreitamento de diálogos com outros militantes. Participei como observador, de alguns atos e atividades, vez por outra, explicando meu projeto de pesquisa para alguns dos membros que conheciam as minhas intenções naquele espaço. Solicitei os seus *e-mails* e lhes enviei novamente alguns dos meus textos, não obtendo resposta, mais uma vez. Apesar da ausência deste retorno, continuei a pesquisa relatando minhas impressões e informações em diários de campo.

Durante a produção da minha pesquisa, surgiram questionamentos sobre as possibilidades de um olhar desinteressado sobre os movimentos sociais. A contribuição sociológica bourdieusiana buscou superar uma cisão analítica entre subjetivo/objetivo, partindo do conhecimento sobre a prática. A prática viria como uma espécie de fio condutor derivada das relações entre os sujeitos e seus campos, do jogo de subversão/manutenção de poder entre dominantes e dominados, segundo estruturas estruturantes que intervém e condicionam, embora não determinem por completo a *agência*. Pierre Bourdieu me trouxe alguns elementos na medida em que a *objetivação* não exclui o viés do pesquisador e a sua produção intelectual, aqui vista em forma de texto. O trabalho intelectual estará mais habilitado cientificamente “quanto maior interesse ele [o pesquisador] tiver em revelar o que está censurado, reprimido, no mundo social” (BOURDIEU, 1983, p. 19).

¹⁷A trilha e seus significados serão discutidos posteriormente, no capítulo IV. Ver item 4.2.5.

Para o antropólogo Gilberto Velho (1987), a pesquisa em qualquer realidade, seja ela familiar ou exótica, sempre é filtrada por uma perspectiva subjetiva do próprio pesquisador. Velho (1994a), salienta que

Esse movimento de relativizar as noções de distância e objetividade, se de um lado nos torna mais modestos quanto à construção do nosso conhecimento em geral, por outro lado permite-nos observar o familiar e estudá-lo sem paranóias sobre impossibilidade de resultados imparciais (p.129).

A produção da ciência e a realização da pesquisa são pautadas por relações de poder. O fazer da ciência está entrelaçado ao fazer da política, perpassando a elaboração da metodologia, tal qual a sua aplicação. Ao optar por realizar um trabalho científico sobre o MTST, recusei a neutralidade como possível em relação a método ou finalidade. A participação é práxis, da teoria à prática é subjetiva e objetiva. Segundo Alba Zaluar (1985),

[...] a pesquisa é a prática, é ação, leve este nome ou não. E é política não só no sentido amplo de que é datada e se inclui nos movimentos políticos, nacionais e internacionais, nas discussões e lutas políticas, mais amplas, sejam estas explicitadas num projeto restrito que inclui a participação de grupos locais a serem estudados, sejam elas parte de projetos que, embora presentes e influentes em muitos discursos feitos na sociedade, não chegam a ser articulados de modo explícito no projeto de pesquisa propriamente dito. Mas o texto final pode vir a fornecer manancial teórico e prático para as lutas específicas que os grupos estudados travam na sociedade, sem que o antropólogo seja o porta-voz ou o líder, muito menos o representante do grupo que estuda. Quando muito, um aliado. (p.116).

Nota-se que o próprio fazer da observação não é congênito, ou seja, inato ao cientista; é, sim, guiado pelas categorias, conceitos e teorias impregnados no pesquisador e carregados para o campo: “a descrição etnográfica requer uma ‘atitude de deriva’, que se concretiza mediante a ‘atenção flutuante’: trata-se de ficar, simultaneamente, ‘atento’ e ‘desatento’, de modo a ser capaz de incorporar o imprevisível e o inusitado.” (LAPLANTINE, 2004, p. 18).

As visões de mundo dos participantes da pesquisa não devem tornar-se obstáculos para a interação, fundante da inserção no campo. Os discursos oriundos dos interlocutores, quando analisados pelo pesquisador durante a redação textual, não foram exteriores aos autores que os produziram. Uma análise feita sobre o olhar do próprio observador se revela importante, à medida que toda observação e todo relato são situacionais, pautados sobre circunstâncias que incidem sobre o modo e o conteúdo do que é dito.

1.2 De perto e por fora - De perto e por dentro

Proponho, nesta pesquisa sobre uma ocupação urbana, incrustada na periferia de Fortaleza e dirigida por um movimento social, um diálogo com José Guilherme Cantor Magnani (2001). Articulando reflexões sobre cidade e etnografia, esse antropólogo estabelece dois modelos em contraste para a compreensão das formas de socialização presentes nas *grandes cidades contemporâneas*. O primeiro é denominado *por de fora e de longe*, e o segundo, de cunho etnográfico, é chamado *de perto e de dentro*. Nas palavras de Magnani (2001),

[...] o que se propõe inicialmente com o método etnográfico sobre a cidade e sua dinâmica é resgatar um olhar *de perto e de dentro* capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques que, para efeito de contraste qualifiquei como *de fora e de longe* (grifo do autor, p.17).

O MTST atua em Fortaleza junto a outros movimentos sociais, coletivos e partidos políticos. Nas atividades nas quais estes distintos atores interagem, ocorrem divergências, disputas e conflitos¹⁸. Quando iniciei os primeiros contatos com o movimento, ainda fazia parte do PSOL e do RUA, que, não raro, concordavam ou divergiam das propostas e posicionamentos do MTST. Acredito que por essa condição, inicialmente, houve desconfianças sobre a minha presença e incursão nas atividades realizadas pelo movimento.

Durante esta primeira fase de pesquisa, cursei as disciplinas do mestrado, realizei leituras sobre o objeto e fiz uma observação “de perto”, porém “*por fora*” do movimento, participando esporadicamente de atividades abertas para não-membros, a exemplo do lançamento da Revista Território em Movimento, publicada semestralmente pelo MTST e pela Resistência Urbana¹⁹. Essa fase, a qual denomino, “*observação de perto e de fora*”, perdurou cerca de um ano, ocorrendo do início de 2015 ao início de 2016.

¹⁸Para não me afastar dos objetivos prioritários desta pesquisa, não pretendo me aprofundar aqui sobre a dinâmica e divergências das organizações políticas que compõem a *rede política da esquerda cearense*.

¹⁹ Frente Nacional de Movimentos Sociais.

Esse período de incursão sobre o campo foi de pouco sucesso, o que me causou certo sentimento de desânimo e preocupação, por não superar barreiras para inserção. Refleti sobressuspender a pesquisa, porém prossegui. Entre as minhas atividades de “*observação de perto e de fora*”, em 2015, diariamente, acompanhava a página do MTST CE na rede social de internet, *Facebook*²⁰. Enquanto me encontrava *por fora* do campo, o uso dessas redes sociais foi deveras importante como fonte de informações e como ferramenta de aproximação²¹.

Soube por esta rede social que, no final de semana seguinte, ocorreria uma reunião para discutir sobre os próximos passos da ocupação Copa do Povo. Logo marquei uma conversa com um dos membros que, com o passar do tempo, viria a tornar-se um dos meus principais interlocutores, *Mr. Este*, para a minha surpresa, me convidou para uma conversa em sua casa.

Durante o início da pesquisa, *Mr.* foi o meu principal facilitador na inserção no campo. Nesta conversa, expliquei o intuito da pesquisa e após me ouvir, me avisou sobre alguns obstáculos. O maior deles seria a dificuldade de construir uma relação de confiança entre mim e o movimento.

Ainda que tivesse intenções acadêmicas e profissionais perante o movimento/objeto, eu *pertencia* a outras organizações, que, não raro, atuavam de forma presencial nos mesmos espaços políticos: ora convergindo, ora divergindo, outrora conspirando junto com outras organizações que compõem a esquerda fortalezense. Sobretudo, por essa condição, a minha presença nos espaços traria desconforto a alguns membros do MTST. Por esta razão, compreendi que não era bem-vindo nas reuniões e pensei em mudar o recorte do meu objeto.

Após esse período inicial da pesquisa, paralisei as tentativas de incursão ao campo, me dedicando à leitura e às aulas teóricas do PPGSUFC. A rotina acadêmica e sua carga de leituras e elaborações textuais me afastaram das atividades políticas. No final de 2015, acabei por me afastar das organizações das quais participava por questões pessoais, profissionais e de saúde.

Em meio a esse processo, me angustiei, passando por algumas crises que surgiram durante pesquisa. Além das frustrações para com a inserção no campo, sofri um conflito interno, decorrente de dúvidas sobre a produção científica acerca dos movimentos sociais e o retorno desta para os mesmos. Não me sentia

²⁰ MTSTCE. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mtstce/?fref=ts>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

²¹ Para ampliar o debate sobre o fazer etnográfico no ciberespaço, ver, Ribeiro (2017).

satisfeito com a possibilidade de coletar dados sobre o MTST, analisá-los cientificamente, satisfazer minhas obrigações profissionais, sem retorno algum para o movimento, meu “objeto”. Senti-me imerso numa lógica utilitária da pesquisa, em que eu galgava espaço no campo acadêmico a partir dos saberes produzidos pelas experiências de sujeitos, que pouco ou nada se beneficiam do saber acadêmico-científico.

1.3 Modificando as táticas de inserção no campo

Esses bicho tão desconsiderando o nêgo, mas onêgo é cabeça de gelo. (Shalon Israel)

Após o término das disciplinas obrigatórias do PPGSUFC, no final do ano de 2015, reorganizei meus roteiros de inserção no campo, pois até então, mesmo que “de perto”, percebi que não era possível uma imersão com maior profundidade, havendo empecilhos e desconfortos em relação aos dirigentes do movimento.

Depois de me afastar do campo pelos motivos já mencionados, voltei a este com outros olhares e perspectivas, em janeiro de 2016. Ao mudar o foco do olhar das práticas do movimento para o sujeito sem-teto por dentro da ocupação, compreendi a necessidade da aproximação com a militância que toca as tarefas braçais e massifica os atos.

De início, atentei para a necessidade de diversificar os interlocutores, neste caso, substituindo o contato com os dirigentes para o estabelecimento de laços com “as bases”. Decidi me aproximar dos “militantes de base”, além de comparecer a outros espaços construídos pelo Movimento, como os saraus nas comunidades.

Em paralelo a esse momento, realizei leituras sobre a pesquisa-participante que me trouxeram algum ânimo e novas perspectivas. Antes da ocupação Povo Sem Medo, quinzenalmente, o MTST promovia saraus junto a comunidades de bairros periféricos, espaços lúdicos que mesclavam música e poesia, abertos para o público, a exemplo do Sarau do Gereba²² (figura 2). Soube da realização desta atividade, novamente, pelo Facebook.

²²A comunidade do Gereba se encontra sobre o antigo aterro sanitário do Jangurussu. Apresenta escassez de serviços públicos de infraestrutura urbana, a exemplo de insuficiência da oferta de iluminação pública e espaços destinados à cultura e lazer.

Figura 2 – Divulgação do Sarau do Gereba.



Fonte: https://www.facebook.com/pg/mtstce/events/?ref=page_internal. Acesso em 16jan. 2017.

Então sozinho, às 19 horas de uma sexta-feira, no dia 26 de fevereiro de 2016, embarquei na linha de ônibus Parangaba-Messejana que vai do lado sudoeste para o lado sudeste da cidade. Durante a incursão ao campo, pude conhecer vários locais distantes do centro de Fortaleza e carentes de políticas de infraestrutura urbana. O Gereba foi um deles, *de quebrada*²³. Sobre longas viagens para o exercício da pesquisa urbana, Santos, (1981, p.15) afirma:

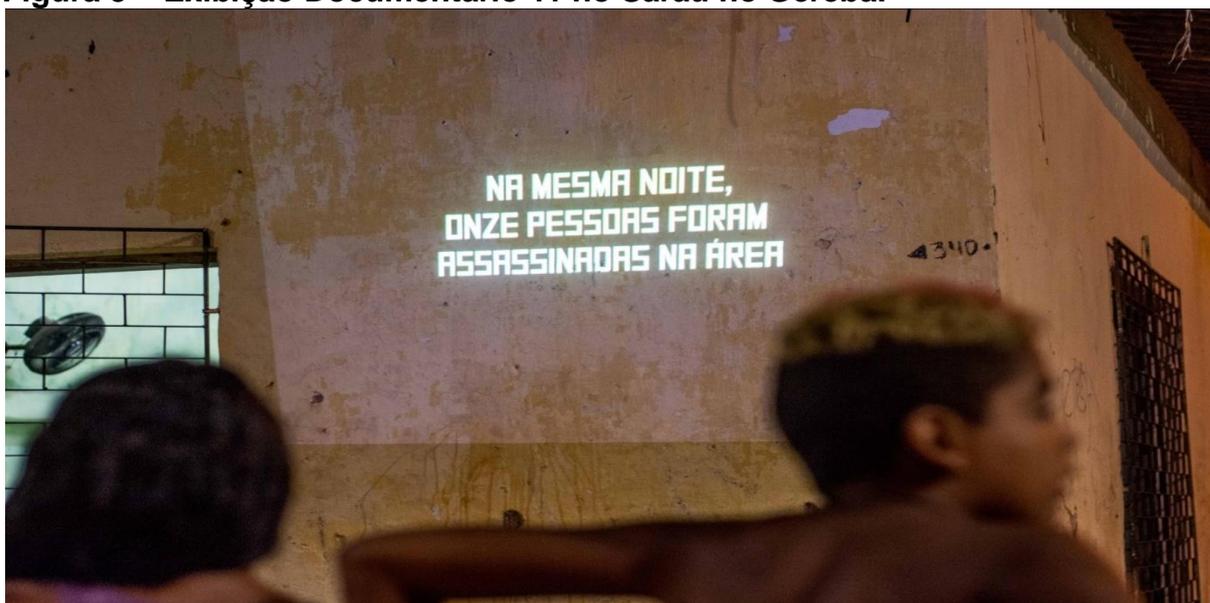
Essas sociedades, até recentemente, tinham recebido atenção dos antropólogos que se voltavam para os mundos de práticas primitivas, buscando o exótico, a distância crítica e fingindo ignorar que o desconhecido também existe em nós. A viagem vertical “dos que se dispuseram a chegar ao fundo do poço de sua própria cultura” (Da Matta, 1978, p.28) pode levá-los a descobrir que há um “anonimato relativo na grande metrópole” onde existem “áreas e domínios até certo ponto autônomos que permitem um jogo de papéis e de construção de identidades bastante rico e complexo” (Velho, 1978b, p.40). O “mundo” do pesquisador urbano pode lhe apresentar descontinuidades tão chocantes que se comparem a viagens a lugares estranhos.

²³Periferia muito distante, de difícil acesso, categoria nativa.

Nesta noite, o MTST, junto à Pastoral da Juventude (PJ), realizou um Sarau Popular pela iluminação do campo de terra, localizado na entrada do Gereba. Ao chegar, fui reconhecido por *Petere Preto*, integrantes do movimento, que me explicaram brevemente o que estavam construindo e os porquês. De início, tive dificuldades em puxar assunto, mas eis que durante o sarau, foi aberto um litro de cachaça. Convidaram-me a beber e não hesitei. Após esse aceite, as conversas fluíram e pude trocar ideias com os presentes.

Durante o sarau, houve a apresentação musical de dois jovens moradores da comunidade e posteriormente a exibição de um documentário (ver figura 3) sobre a chacina da noite de 11 de novembro, em que 11 jovens foram assassinados no Bairro do Curió. Até a data do sarau, nenhum suspeito havia sido apresentado pela polícia. Segundo conversas que tive com alguns participantes deste evento, acredita-se que esta chacina está relacionada com a demonstração de força de grupos de extermínio perante o processo de pacificação²⁴ das comunidades em Fortaleza.

Figura 3 – Exibição Documentário 11 no Sarau no Gereba.



Fonte: www.facebook.com/pg/mtstce. Acesso em: 16 jan. 2017.

²⁴ Como um conceito nativo, propagado por populares, compreende-se neste trabalho, a Pacificação como o processo de cessar fogo do crime organizado no Ceará que ocorreu durante grande parte do ano de 2016. Em 2017, defronte o aumento dos índices de violência, ataques à ônibus e agudez na crise do sistema penitenciário cearense, compreendemos o encerramento deste processo. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/jornal/colunas/segurancapublica/2017/03/politicas-juvenis-e-os-limites-da-paz.html>>. Acesso em 06 set. 2017 e <<http://www20.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2016/01/28/noticiasjornalcotidiano,3567759/aliancas-de-faccoes-fortalecem-o-crime-organizado.shtml>>. Acesso em 06 set. 2017

Após o término da exibição do documentário, sobre motos, seis membros do RAIO²⁵ abordaram alguns jovens que estavam próximos ao espaço onde se realizava a atividade. Foi um momento de tensão e aparentemente ninguém sabia como proceder. Entre os silêncios e os protestos dos que lá estavam, um dos militantes, *Peter*, pegou o microfone e fez uma fala sobre os elementos desencadeadores do Sarau, reconhecendo o trabalho da polícia e criticando o extermínio e a opressão que sofre a juventude negra e periférica. Não encontrando “nada” ou nenhum flagrante com os garotos abordados, o RAIO retirou-se sem nenhuma explicação aos presentes.

Ao fim do Sarau, fui convidado para um Reggae que ocorria na Praça da Cruz Grande, na Serrinha, realizado por outro coletivo (o Ensaio Rock – movimento cultural atuante no bairro da Serrinha) que possuía, até então, integrantes e amigos do MTST. Após o fim desse espaço, fui chamado a conversar mais um pouco e beber ainda mais na casa de Mr., junto a Peter, Charles e Kenny. Pude, durante uma noite, beber e estar mais próximo a eles. Acredito que essa noite foi um marco para o meu contato e estreitamento de laços com o movimento.

Dentre os espaços de atuação unitária do MTST com outros movimentos sociais, houve a Frente Povo Sem Medo (FPSM), criada em outubro de 2015 e que articulou movimentos, centrais sindicais e partidos políticos de esquerda a fim de construir ações unitárias contra as reformas no âmbito dos direitos trabalhistas, apresentadas pelo até então governo Dilma, a partir do início de 2015. Posteriormente, junto à Frente Brasil Popular (FBP), a FPSM realizou ações em conjunto contra o impeachment da presidenta Dilma, elencando a palavra de ordem: “FORA TEMER”. Posteriormente, foram incorporadas as pautas: “NENHUM DIREITO A MENOS” e “DIRETAS JÁ!”.

Ao fim do Sarau do Gereba, fui convidado a participar de uma reunião desta frente em março de 2016. Com o acirramento da crise política do governo Dilma, diversas organizações políticas aderiram a Frente Povo Sem Medo (FPSM) realizando uma série de ações de protesto frente o avanço da direita conservadora e

²⁵(BP RAIO), Batalhão de Policiamento de Rondas de Ações Intensivas e Ostensivas. Tropa especializada em abordagens policiais e operações em áreas inóspitas, como favelas e outros locais onde as viaturas comuns não conseguem ter acesso. Em duas áreas específicas da Capital, há um trabalho mais intenso, com o maior número de patrulhas em circulação. São o ‘Território da Paz’ (formado pelos bairros Bom Jardim, Granja Portugal, Granja Lisboa, Siqueira e Canindezinho), e a Barra do Ceará, localizada na zona Oeste de Fortaleza. Disponível em: <<http://www.acsmce.com.br/bpraio-chega-aos-10-anos-de-combate-ao-crime-na-capital/>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

pela retirada de direitos sociais por um governo acuado. Estiveram presentes nesta reunião coletivos e entidades, a exemplo do PSOL, UNE, CUT, MLB²⁶ e INTERSINDICAL.

O convidado ao debate naquela noite foi Guilherme Boulos, principal líder do MTST. Na sua intervenção de 20 minutos, pautou quatro pontos acerca do futuro e da importância daquela frente: a crítica à política de conciliação e os cortes do governo; o combate à pauta conservadora; o avanço da direita; e o apontamento de *saídas à esquerda*. Neste espaço fui cumprimentado por diversos membros do movimento. Senti que “o jogo virou” em favor da minha pesquisa.

Após esta atividade, participei de uma ocupação da sede do Cuca do Jangurussu²⁷, realizada em pela FPSM do Ceará, a qual MTST e RUA, dentre outros coletivos, constroem em conjunto. Essa ocupação criticava a política para as juventudes daquele entorno. Foi um momento decisivo de inserção, pois ocorreram disputas políticas entre os ocupantes e a gestão do Cuca. Foi neste momento que acabei estreitando laços, me tornando próximo e confiável ao MTST, o que pode ter sido representado simbolicamente pelo acesso a uma quentinha (marmitta de comida) vinda por uma cota, rateada entre os membros do movimento.

Quando optei por mudar o método da minha aproximação, surgiu-me uma nova inquietação: percebi que era impossível desvincular aqueles que ocupam, das suas práticas por dentro da ocupação – eles tornavam-se sem-teto (do MTST), à medida que ocupavam. Amadureci um novo olhar sobre o MTST, sobre uma demanda concreta do movimento, podendo nesta, coletar dados e ter o respaldo científico da universidade. Esta nova perspectiva de observação foi responsável pelo prosseguimento dos meus estudos. Dialoguei com a pesquisa participante, à medida que aguicei a observação militante:

Não é necessário que o pesquisador se faça operário ou como ele, para conhecê-lo. É necessário que o cientista e sua ciência sejam, primeiro, um momento de compromisso e participação com o trabalho histórico e os projetos de luta um do *outro*, a quem, mais do que conhecer para explicar, a pesquisa pretende compreender para servir. A partir daí uma nova coerência de trabalho científico se instala e permite que, a serviço do *método* que a constitui, diferentes *técnicas* sejam viáveis: o relato de outros observadores, mesmo quando não cientistas, a leitura de documentos, a

²⁶ União Nacional dos Estudantes (UNE); Central Única dos Trabalhadores (CUT); Movimentos de Luta de Bairros, Vilas e Favelas (MLB).

²⁷ Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte da cidade de Fortaleza. Consistem em complexos culturais voltados para o público juvenil.

aplicação de questionários (Marx mesmo fez um, mas às avessas), a aplicação de vida e do trabalho. Estava inventada a *participação da pesquisa*. (BRANDÃO, 1985 p.12).

Após a ocupação, enviei pelo *Facebook* texto para alguns membros do MTST CE, explicando as minhas intenções, como pesquisador e militante, para com o movimento. Recebendo retorno imediato, após uma semana, entrei no movimento e fui convidado a iniciar os trabalhos de base preliminares do que se viria a ser a Ocupação Povo Sem Medo.

A entrada no movimento foi marco na transposição necessária para o envolvimento com o campo. Embora “de perto”, me encontrava distante por não estar “por dentro”. Este “por dentro” vai muito além de uma ideia de espaço material. Estar “por dentro” indica lugar simbólico, posição social e política, confiança, credibilidade e, sobretudo, compromisso. Somente através do pesquisar ‘por dentro’ pude encontrar sentido e conforto para a minha subjetividade como pesquisador, podendo assim prosseguir com a pesquisa, me aproximar dos interlocutores, explorando o campo para além de uma postura utilitarista. Segundo (BRANDÃO, 1999),

Quando o outro se transforma em uma convivência, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua vida, de sua cultura. Quando o outro me transforma em um compromisso, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua história. Antes da relação pessoal da convivência e da relação pessoalmente política do compromisso, era fácil e barato mandar que ‘auxiliares de pesquisa’ aplicassem centenas de questionários apressados entre outros que, escolhidos através de amostragens ao acaso ‘antes’, seriam reduzidos a porcentagens sem sujeitos ‘depois’. Isto é bastante mais difícil quando o pesquisador convive com pessoas reais e, através delas, com culturas, grupos sociais e classes populares. Quando comparte com elas momentos redutores da distância do outro no interior do seu cotidiano. (p. 12)

Os interlocutores, membros do MTST, organizados politicamente, também racionalizam sobre o trabalho de pesquisa, sobre as possibilidades de retorno desta para os seus objetivos. Aceitar auxiliar-me, para além da gentileza, também foi intenção compromissada. A relevância do meu trabalho para o dia-a-dia dos ocupados e o seu retorno como contribuição aos seus interesses foram questões levantadas. Somente após a entrada no movimento, pude ter contato com estas questões, apurando meu olhar para aqueles que ocupam e suas práticas de ocupar (ver figura 4). Afirmando que este conhecimento local, popularmente experimentado nos apresenta racionalidade própria, vindo das experiências, com mérito e possível validade científica.

Figura 4– Fazendo pesquisa em campo



Fonte: www.facebook.com/pg/mtstce. Acesso em 16 jan. 2017

1.4 Fazendo o trabalho de base

Antes de cada ocupação, o MTST realiza o trabalho de “base”, que se inicia pelo mapeamento de possíveis ocupantes que habitam nas proximidades das vindouras ocupações. Este mapeamento é feito majoritariamente pelo boca a boca, por parentes, vizinhos ou conhecidos de membros de outras ocupações. Aparentemente, todos os membros do movimento conhecem outros em situação de vulnerabilidade habitacional, que pagam aluguel, compartilham moradia ou são carentes de serviços públicos, como esgoto, água encanada e luz elétrica.

Após o mapeamento, separam-se brigadas para estabelecer contatos em cada localidade e marcar reuniões com os sem-teto. Nestas reuniões, são apresentados os fatos geradores da ocupação, o próprio movimento e o seu método de atuação.

Fui locado para fazer o trabalho de base no bairro do Bom Sucesso, situado na periferia de Fortaleza, que pertence à Regional III, próximo ao Bom Jardim. No primeiro dia de atuação, com alguma dificuldade, me locomovendo por pés e ônibus, novamente me orientando por populares, consegui chegar ao local, conhecido por popularmente como “Sem-Terra”. A brigada era formada por mim e mais dois jovens membros do MTST, Douglas e John, que se atrasaram por dificuldades em encontrar o caminho.

O antigo centro comunitário, local onde nossa brigada deveria reunir pessoas para participar da ocupação vindoura, havia sido ocupado por cerca de 12 pessoas, cinco famílias no total. Dentre estas, quatro crianças pequenas e três bebês, um deles com apenas 15 dias de nascido. Estavam divididas em duas moradias, compartilhando um banheiro. Outras pessoas em condições semelhantes também participaram. Ao todo, na lista de chamada da primeira reunião, contabilizei 15 nomes de adultos.

Entramos no centro comunitário e nos acomodamos da forma que foi possível: alguns no chão, outros em bancos, outros no sofá, próximos ao recém-nascido. Na primeira reunião, apresentamos o movimento, o seu surgimento, sua vinda para o Ceará, *os acordos coletivos*²⁸ durante a ocupação e a palavra de ordem “MTST, a luta é pra valer!”. Dos 15 presentes ao longo da reunião, estiveram 12 mulheres e apenas três homens. Cinco idosas, sete mulheres jovens, um homem idoso e dois homens jovens.

Por questões de organização, a segunda reunião só ocorreu após 15 dias, já no início do mês de abril de 2016. Dessa vez, fui com outro membro, Mr. Levamos no seu carro uma tela de televisão, um notebook emprestado e cabos. Apresentamos o movimento e as suas práticas por vídeos. O primeiro deles foi o vídeo “Quem manda na cidade”²⁹ (ver figura 5). Ao final da reunião, fiz a chamada baseado na lista de presença da última reunião e tive uma desagradável surpresa ao chamar nome a nome. Uma voz me interrompeu: *“Morreu lá no Conjunto Esperança, na semana passada! Tu não soube do tiroteio nessa sexta-feira? Ele era irmão dela aqui, oh!”*

²⁸Os acordos coletivos serão abordados no capítulo IV, no tópico 4.2.2, a partir da página 111.

²⁹Curta metragem de animação que contextualiza a produção do espaço urbano, a atuação do mercado imobiliário, o impacto da especulação imobiliária e o crescimento do número dos sem teto. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NXWJxuzTNG4>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

Figura 5 – Reunião no bairro Bom Sucesso



Fonte: Autor, 2016

Um dos dois homens jovens, presentes na reunião anterior, havia sido assassinado por motivo banal uma semana antes. A irmã deste jovem lacrimejou quando chamei seu nome, trazendo ao ambiente um clima de tristeza. Engoli seco e mantive o silêncio.

Refleti um pouco sobre o tempo de vida dos homens e mulheres. Alguns morrem mais cedo, para além das circunstâncias naturais, biológicas (BAUMAN, 2006). A morte, banalizada pelos programas policiaiscos do meio-dia, não é naturalizada pelos familiares. Creio que, no fundo, ninguém se conforma. Recolhemos os materiais, nos despedidos e no caminho de volta, Mr. me contou sobre o número de homens jovens mortos na última ocupação. O campo me impactou. Enquanto lia outros autores célebres, porém desconhecidos e inacessíveis para os não iniciados no *campo acadêmico*, quando me aproximei e compartilhei relativamente dos efeitos da reprodução de vida daqueles que habitavam meus lugares de estudo, sofri o *anthropological blues*, Da Matta (1978).

Depois de 15 dias, voltei com Mr. novamente ao Bom Sucesso. Conversamos um pouco e apresentamos outro vídeo, sobre como ocorrem as ocupações. O número de pessoas estava muito reduzido, foram apenas sete, todas mulheres, além das crianças pequenas e de colo. Tuquinha, nosso contato mais “firme” daquele lugar, nos informou que pela demora em iniciar a ocupação, muitos estavam desacreditando.

O trabalho de base no Bom Sucesso instaurou um novo momento da pesquisa, “de perto e por dentro”. Agora, analisava o movimento por outro viés, por dentro, como um militante, um companheiro, com envolvimento, tarefas e responsabilidades. O método de pesquisa foi construído após uma inserção substantiva com o “objeto”. Não me dilui por completo, embora tenha me tornado parte. Após três semanas, ocupamos³⁰.

1.5 Caminhada no Chão da Noite³¹

Vinte de maio de 2016, sexta-feira. Acordo ansioso, pois sei que em algumas horas participarei da minha primeira ocupação (de terrenos). Por segurança não me informaram o local; contaram-me apenas, durante o trabalho de base, que seria nas proximidades do Siqueira, no Grande Bom Jardim. Por saber da alta densidade populacional da região, havia perguntado se existiam espaços vazios; responderam-me que existem, e muitos.

Leio, organizo alguns documentos da pesquisa, almoço e não consigo relaxar. Ação direta e risco de prisão, risco de represália e de repressão. Após o almoço, começo a organizar minha mochila, me lembrando das dicas que recebi. Levo uma caneca, prato e colher, tudo de plástico para não quebrar no caminho ou durante a ação. Também levo lençol, roupas, calça, meia, tênis, para não ferir as pernas ou cortar o pé dentro do terreno abandonado. Não comprei repelente, do que sentifalta, posteriormente.

Embarco no bairro Montese onde moro, apanho o primeiro ônibus até o terminal do Papicu³² e de lá, outro, com destino à sede do MTST em Fortaleza, no bairro Sapiranga. Da minha casa para a sede levo cerca de duas horas, devido ao trânsito e à demora de espera entre os dois ônibus. *De quebrada.*

³⁰Os pronomes se modificaram ao longo das circunstâncias. Não raro, posteriormente à participação da fala em primeira pessoa do singular eu, para primeira pessoa do plural, nós.

³¹ Em alusão a Jose de Souza Martins (1989) em seu livro, *Caminhada no chão da noite: emancipação política e libertação nos movimentos sociais do campo.*

³²O Terminal de Integração do Papicu é um terminal urbano da cidade de Fortaleza, localizado na Regional II no bairro Papicu. O terminal é o mais movimentado da cidade com passagem de cerca de 700 mil passageiros por dia. <https://catalogodeservicos.fortaleza.ce.gov.br/categoria/mobilidade/servico/79>. Acesso em 16 jan. 2017

Ao chegar à sede do MTST, encontro vários conhecidos do movimento, tensos, assim como eu, com o aproximar da ocupação. Até que estaciona um caminhão, e, sem muita conversa, vamos à primeira atividade daquela noite: o carregamento de bambus.

As barracas são feitas com bambus, para evitar o desmatamento de árvores do local. Os bambus foram cortados do terreno de um dos apoiadores do movimento que reside próximo à sede. Eles estavam separados em “kits” de três ou cinco unidades, o suficiente para serem cobertos de lona preta e servirem de abrigo provisório para a chuva. (ver figura 6).

Figura 6– Trabalhadores sem teto ocupam terreno em Fortaleza



Fonte: Nigéria Audiovisual – 05 jul. 2014.³³

Foi formada uma equipe com cerca de dez a 12 homens e iniciamos o carregamento. Enquanto alguns pegavam os bambus, outros os organizavam na caçamba do caminhão. Ajustá-los era a tarefa mais difícil, pois além da força, requeria agilidade e senso de organização espacial.

³³ Print Screen do vídeo “Trabalhadores sem teto ocupam terreno em Fortaleza - #OcupePaupina da página do Nigéria Audiovisual. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sHFWxP4kS1A&t=31s>>. Acesso em: 24 ago. 2017

Comecei o trabalho dentro da caçamba do caminhão. Em menos de meia hora, já estava exausto e ferido nas mãos e nas costas. Desta memória, guardo ainda hoje uma cicatriz como experiência corporificada. Desci e fui para a tarefa de carregamento. Terminamos todos suados e cansados, porém, satisfeitos por termos concluído a tarefa de carregar um caminhão inteiro em menos de uma hora. Mais uma atividade coletiva fundamental para a inserção e ganho de confiança com os (agora) companheiros do MTST.

Voltei à sede, tomei banho e me vesti com roupas que não fizessem alusão ao MTST, paisano, pronto para ocupar. Antes, compartilhamos uma janta de arroz, farofa de ovo e suco artificial de tangerina. *A fome é o melhor tempero - lembrei.*

Chega um ônibus e nós que estávamos pela sede, embarcamos. Dentro deste veículo, estávamos todos com muitas expectativas, enquanto nos dirigíamos até um ponto de referência para encontrarmos outros membros do movimento. Já bem perto do terreno, há um longo momento de tensão. Fomos orientados a permanecer no ônibus e durante cerca de meia hora, no calor daquela noite quente, os nervos afloram e alguns dos passageiros começam a reclamar, principalmente pela falta de informações sobre o que acontecia.

Ocupamos mesmo sem os bambus. Posteriormente, soubemos que o caminhão e seu carregamento, haviam sido interceptados pela polícia, mas que já haviam sido liberados. Entramos no terreno e vamos em direção a uma construção abandonada que se encontrava no mesmo. Fomos informados que essa construção, lugar de dormitório dos pedreiros contratados pelo governo estadual, estava vazia desde o término do residencial Miguel Arraes, ligado ao Projeto Rio Maranguapinho³⁴.

O “latifúndio urbano” estava sujo, com muito lixo, plantas, mato alto e sem nenhuma iluminação. Durante a ocupação, encontrava-se sem telhas e servia de banheiro improvisado e esconderijo para drogas. Foi preciso que de imediato, os donos das drogas retirassem sua mercadoria de lá para que não resultasse na criminalização do movimento. Retiraram, temerosos de uma possível presença policial devido à reintegração.

³⁴ Muitos dos moradores que viviam às margens do Rio Maranguapinho foram removidos para o residencial Miguel Arraes, o qual teve recursos do PAC. Para maiores informações ver: Pequeno, (2013).

Fizemos a chamada para a primeira assembleia, que foi iluminada por lanternas e pela luz da lua, cheia naquela noite.

Um dos líderes do movimento, Robert, saúda os presentes e faz uma fala elencando os porquês da ocupação. É interrompido vez por outra, ou mesmo quando o próprio conclama palavras de ordem, a exemplo de *“Pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com a formiga, não assanha o formigueiro”*, ou: *“Criar, criar, poder popular”*, *“MTST, a luta é pra valer”* e *“Fé na luta, venceremos!”*. A necessidade básica do teto, o direito à moradia, o bairro Bom Jardim como local de resistência e a marginalização social são elementos de destaque nas colocações. Na primeira assembleia são elencados os acordos coletivos, que serão discutidos posteriormente.

Finalmente, chega ao local o caminhão com os bambus e muitos correm para o seu descarregamento. Inicia-se a construção dos primeiros barracos: embora com poucas ferramentas e apenas a iluminação da lua, mais de cem barracas são levantadas. A minoria destas foi coberta por lona preta, que veio em pequena quantidade devido aos poucos recursos do movimento. Enquanto alguns montam barracas, outros, como eu, fixam bandeiras, demarcando o território ocupado pelo MTST. Entre as bandeiras, fixamos numa das extremidades do terreno:

Figura 7 – Primeiras bandeiras fixadas nas extremidades do terreno

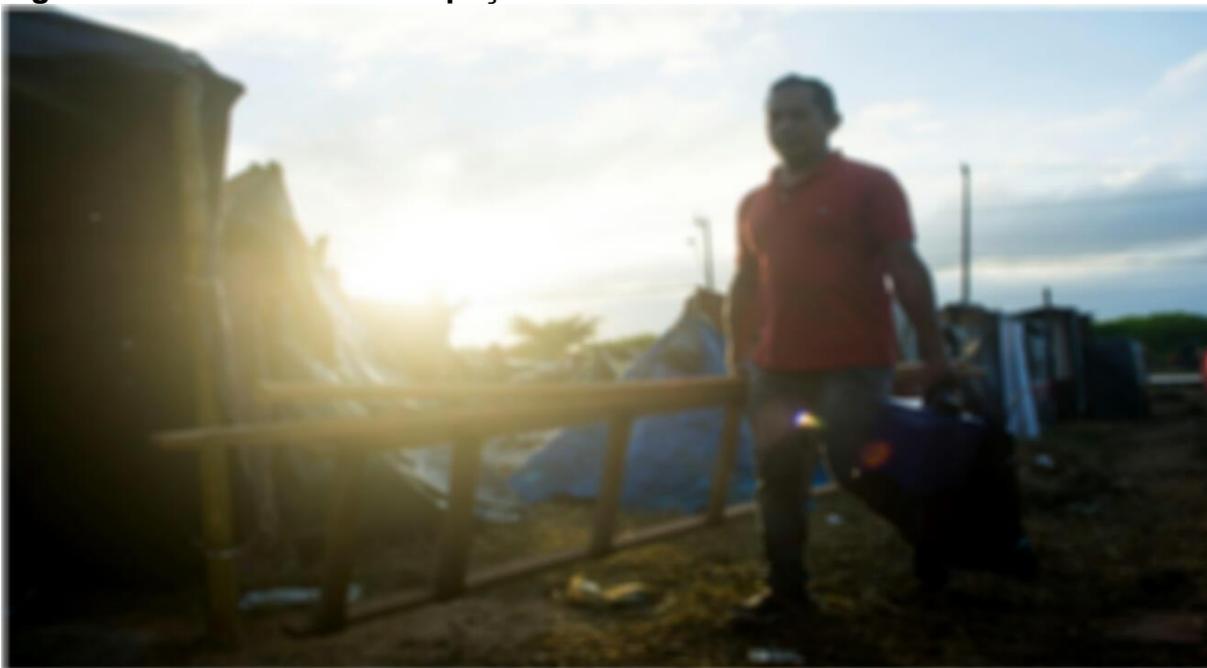


Sobre o terreno ocupado, caminho no chão da noite. Não durmo, nem tomo notas. Busco conversar com o máximo possível de pessoas, vivenciar aquele momento e refletir sobre os inúmeros sentimentos que perpassam minha cabeça. Estou vivendo a pesquisa participante, que, segundo Gajardo (1985)

[...] implica “viver junto” com a coletividade estudada. Em partilhar o seu cotidiano, a sua utilização do tempo e espaço: ouvir, em vez de tomar notas ou fazer registros; ver e observar, em vez de filmar; sentir, tocar em vez de estudar; “viver junto” em vez de visitar. É em geral preferível deixar de lado os cadernos de notas, os gravadores e os questionários. A pesquisa nesse ponto não é estruturada. Nessa situação de pesquisa, o pesquisador se “colocará como um diapasão” dos pesquisados. (p.58).

Deito próximo à construção abandonada que, poucas horas após a invasão, foi revitalizada, transformada em cozinha coletiva e depósito de materiais de construção. Amanhece. (Ver Figura 8)

Figura 8– Amanhecer na Ocupação Povo Sem Medo



Fonte: www.facebook.com/pg/mtstce. Acesso em 16 jan. 2017.

1.6 O terreno amanhece ocupado

Figura 9–Flyer elaborado pelo movimento divulgando a ocupação



Fonte: www.facebook.com/pg/mtstce. Acesso em 16 jan. 2017

Durante a manhã do sábado, recebemos a visita de diversos membros das outras ocupações anteriores: Copa do Povo (Paupina), Bandeira Vermelha (Maracanaú) e 12 de Novembro (Messejana). Vieram prestar apoio e solidariedade para a quarta ocupação do movimento no Ceará, trouxeram alimentos e ajudaram nas primeiras gambiarras (instalações irregulares de água e luz) e na organização da cozinha coletiva.

Logo cedo, as mulheres das três ocupações anteriores prepararam o primeiro café, ainda sem coador, com um fogão improvisado - fundamental para que pudessemos permanecer acordados, após uma noite em claro. Tão logo levantei, senti a ausência de vários itens necessários para uma habitação.

Não havia recursos e sobravam demandas: água encanada e potável, eletricidade e materiais de construção. Quem tinha alguma condição doava, emprestava o que tinha sobrando ou se não tinha, ajudava no que podia. O som do trabalho coletivo era constante e integrou-se ao novo ambiente que se forjava à margem da Avenida Estrada da Urucutuba. Prego na madeira, boca-de-lobo na terra, facão no mato, aos passos de formiga, quase tudo foi feito na base do improvisado.

Apenas pela manhã, pelo que via e ouvia, pude estabelecer uma noção mais precisa das dimensões do terreno; um imenso descampado abandonado, aparentemente sem nenhuma função social, circundado por outras ocupações urbanas e territórios em conflito, esfriado pela *pacificação*.

Às onze horas foi feito o primeiro almoço na ocupação: baião de dois com farofa de frango. Formaram-se filas, iniciando-se pelas crianças como prioridade, seguidas dos idosos, gestantes e mulheres. A comida, vinda de doações dos primeiros ocupantes, era distribuída na base do *jeitinho*, pela escassez de tudo. Várias embalagens de refrigerante cortadas foram improvisadas como pratos e embalagens plásticas de outros produtos serviram como talheres. Comemos ao redor da cozinha que ainda era quente e esfumaçada, antes que reformas fossem feitas. Faltou *mistura*³⁵, sobrou fome.

Novos barracos eram construídos de hora em hora. Continuamente, circulávamos pelo terreno conversando com os que chegavam, respondendo algumas dúvidas e informando sobre alguns dos acordos coletivos, a exemplo da proibição da demarcação de lotes com cordão. Explicávamos que cada barraco correspondia a uma família e que não haveria rateio de lotes naquele local. A exigência era por moradia pronta³⁶.

Circulávamos pela ocupação tomando nota do crescimento e das atividades, enquanto colocávamos bandeiras em locais estratégicos para efeito de ornamentação e demonstração de unidade³⁷. Creio que por termos informações e fazermos atividades uniformizados com as camisas do movimento, estabelecíamos relações de referência daqueles que chegavam para conosco.

Dentre os trabalhos em grupo feitos no primeiro dia, houve a construção dos banheiros coletivos e um palco improvisado para a realização da primeira assembleia. O palco foi feito pelos primeiros ocupadores, com madeiras improvisadas, pregos, serrote e outros materiais emprestados, levantado em cima de outra construção abandonada naquele terreno.

³⁵Palavra tanto usada na cultura caipira paulista quanto na cultura popular cearense; geralmente é proteína animal que acompanha o arroz e o feijão: ovo, carne bovina e suína, peixe e demais processados e derivados de animais. Ver: CANDIDO, (1997)

³⁶Apartamentos do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV).

³⁷Os conteúdos e dispositivos simbólicos de sentido que compõem as ações narradas serão discutidos posteriormente.

Por volta das 19 horas, auxiliada por um carro de som, a assembleia começou, com a saudação a todos os que vieram e com falas de agitação, ressaltando a importância da luta pelo direito à moradia, criticando o alto preço dos aluguéis. Novamente, foram reafirmados os acordos coletivos. Outras organizações políticas também subiram no palanque improvisado e saudaram o evento, a exemplo da Unidade Classista³⁸, PSOL e Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS)³⁹.

Após o término das saudações e reafirmação dos acordos, foram solicitados voluntários para a formação da coordenação do primeiro grupo do acampamento, o G1, constituída, inicialmente por cerca de 50 componentes. A ocupação é organizada espacialmente por grupos que juntam de 300 a 500 barracos, de acordo com os limites do terreno. Posteriormente, iniciamos a organização de filas para a primeira lista de presença. Separamos os presentes na assembleia em três fileiras de homens, três fileiras de mulheres e três fileiras para prioridades (deficientes, idosos e gestantes).

Mais uma vez, ao subir no palco, foi possível observar, embora que de forma não sistematizada, alguns dados sobre a composição social da ocupação (ver figura 10). A fila de mulheres era superior ao dobro da fila de homens, que aparentemente possuía a mesma quantidade de pessoas que a das prioridades. A primeira coleta de assinaturas foi tumultuada e recorrentemente foi preciso pedir calma aos ocupantes, ansiosos para assinar e descansar no sábado à noite, para que não se apressassem, evitando o empurra-empurra. Após seu término, contabilizamos mais de 1900 assinaturas.

³⁸A Unidade Classista é uma corrente sindical da esquerda revolucionária que atua com a perspectiva de ajudar no processo de organização dos trabalhadores para o enfrentamento aos ataques que o sistema capitalista e seus gestores nos impõem. Disponível em: <<http://csunidadeclassista.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

³⁹ ONG com sede no bairro Bom Jardim. Uma das organizações que mais contribuíram com a OPSPM. “O Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza – CDVHS, uma instituição do Ceará que trabalha pela inclusão social de crianças, adolescentes, jovens e mulheres que habitam a periferia das cidades nordestinas, particularmente a capital cearense, Fortaleza. Disponível em: <<http://www.salvemascricancas.org/wp/?p=7153>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

Figura 10– Assembleia OPSM

Fonte: www.facebook.com/pg/mtstce Acesso em 16 jan. 2017

Ao final da assembleia, mal se conseguia ficar de pé. Durante o segundo dia, sábado, meu descanso foi feito por alguns breves cochilos, estava exausto. O CDVHS nos deu suporte, disponibilizando sua sede, que ficava a um quilômetro da ocupação. Ao término das atividades, fui para lá descansar com outros membros do movimento. Fechei os olhos e dormi profundamente por revigorantes oito horas.

No domingo pela manhã, ao voltar ao campo, me deparei com várias modificações no ambiente da ocupação. Muitos outros barracos haviam sido construídos e enquanto caminhava pelo local, via vários novos rostos, limpando o terreno, construindo e trabalhando nas mais diversas atividades. A todo instante, era possível ver e ouvir o trabalho sendo realizado. Parecia um formigueiro.

Nessa ocasião, pude conversar com duas mulheres que haviam montado o seu barraco há poucos instantes, *Catherine e Margareth*, que moravam próximo ao local e se conheciam por fazerem parte da mesma igreja. Estas se tornaram, no decorrer da ocupação, importantes lideranças, sendo a última minha primeira entrevistada. Constantemente, era interpelado para opinar sobre alguma atividade laboral que estivesse sendo realizada ou solucionar algum possível conflito ou questionamento. Talvez, por estar com a camisa do movimento e sempre

acompanhando de outras lideranças do MTST. Aparentemente, nestes primeiros dias, me tornei uma das referências da ocupação⁴⁰.

Durante o dia, numa das várias reuniões da coordenação do MTST, fui encarregado de dar suporte à comissão de infraestrutura. Dentre os grupos de trabalho presentes na ocupação, a infraestrutura era responsável por articular a instalação dos serviços de água e luz, clandestinos, no improviso (ver figura 11) . Por estar nessa atividade, pude observar a grande presença de homens sem trabalho fixo naquele local. Eram muitos, nas mais diversas áreas, como por exemplo, trabalhadores da construção civil.

No final da tarde de domingo, por cortes de bambu e pela doação de fios e lâmpadas, ergueu-se o primeiro poste (de bambu), a cozinha e uma pequena área ao seu redor foram iluminadas. Também nessa tarde, ao modo gambiarra, trouxemos água encanada até a cozinha. Com a presença da luz e da água, os trabalhos corriam de modo mais rápido e intenso.

Figura 11–Poste Erguido por Gambiarra



Fonte: www.facebook.com/pg/mtstce. Acesso em 16 jan. 2017.

⁴⁰ Ocorreu-me também que uma das fontes do meu destaque poderia ser o fato de ser branco (ao menos naquele lugar), em contraste com a maioria de negros.

1.7 Sobre erguer o meu próprio barraco

Meu irmão veio correndo mostrar um brinquedo que inventara com palavras.

Era assim: besouros não trepam no abstrato. (Manoel de Barros)

Embora raramente compartilhem das mesmas condições de existência e carência, nas cidades, pesquisador e pesquisado, embora distintos, estratificados ou apartados, compartilham um universo cultural semelhante e comum, o que faz com que a participação seja (inter)subjetiva e (inter)objetiva. As práticas deste movimento ocorrem sobre um palco que se movimenta pelas intempéries do tempo histórico, no qual habitam pesquisador e pesquisados. “A grande cidade poderia ser entendida como o lugar por excelência onde existem muitos palcos que permitem ao indivíduo segregar os vários papéis que desempenha.” (SANTOS, 1981, p. 17)

Tive como ponto de partida o que vi, escutei, me foi dito e observei in loco, por dentro e no entorno da OPSM. Enquanto refleti sociologicamente sobre *indivíduos, práticas e interações*, também convivi com gente de carne e osso, cor de pele, veste e documentos. Disseram-me, e eu ouvi, fazerem parte de um *Movimento de Trabalhadores Sem Teto*.

Apresentaram-se como queriam ser vistos, e coube a mim, como pesquisador, aprofundar minha análise, aguçando meu ponto de vista. Dito pelo não dito, não cheguei a conclusões definitivas sobre aquilo que me veio através dos sentidos. Ainda não sei se são realmente aquilo que dizem ser, mas acredito que me aprofundei nessa investigação à medida que me aproximei dos sujeitos sem neles me diluir, embora também tenha me distanciado, por necessitar submeter os dados obtidos em campo a um saber douto, construído com teoria método e prática.

A pesquisa social pode ser vista como um quebra cabeças, onde o encaixe de conceitos e hipóteses forasteiros impede a descoberta do que possa estar encoberto sob o véu. Pela dinamicidade própria do MTST como movimento social, a aplicação dos procedimentos metodológicos não ocorreu por circunstâncias previsíveis. Ao longo da entrada no campo, pela proximidade e pela dinâmica do fazer junto, foram estabelecidos laços de confiança. Durante o percurso de pesquisa, fui observador e participante de modo substantivo. O lugar do estudo empírico e a realização da pesquisa desenvolveram-se ao longo da ocupação.

Por conseguinte, o quadro teórico foi definido ao longo dos trajetos no campo, tendo como referências analíticas, aquelas advindas ao longo do caminhar. Essa afirmação não deságua no empirismo, pois tanto a construção do objeto quanto a elaboração dos procedimentos metodológicos não são inatos, ou seja, não partiram do zero enquanto tornavam-se parte do trabalho final.

Pela descrição do método qualitativo, o agir da vivência do pesquisador sobre o conteúdo descrito não impede o rigor científico ou invalida a investigação. Uma apresentação detalhada acerca dos percursos metodológicos faz-se necessária para debates posteriores. Através da apresentação dos caminhos percorridos, os leitores poderão debater sobre o caminhar e sobre a própria confiabilidade dos dados.

Neste trabalho de pesquisa, a participação esteve vinculada à observação. Experimentei *pesquisa participativa* vinculada a uma *observação militante* (BRANDÃO, 1981; THIOLENT, 1994), praticando os estudos sociológicos dentro da política do movimento, me sujeitando às atividades e debatendo as realidades e posicionamentos objetivos, pessoais e coletivos, colhidos durante a pesquisa, junto aos sujeitos desta. Realizei seis entrevistas semiestruturadas⁴¹: duas com membros da direção estadual do MTST e quatro com coordenadores de núcleos desta ocupação, no período de junho de 2016 a julho de 2017.

Os instrumentos metodológicos, assim como o próprio pesquisador, estiveram sujeitos às intempéries e sofreram mudanças durante o caminhar da pesquisa - disserto sobre os mesmos posteriormente. Construí o meu próprio *barracão metodológico*, criei procedimentos próprios para a resolução dos problemas que surgiram durante o caminho. Sobre a elaboração do método científico e dos procedimentos metodológicos, Howard Becker (1999) sugere que se trata de um

[...] modelo artesanal de ciência, no qual cada trabalhador produz as teorias e os métodos necessários para o trabalho que está sendo feito. [...] Além disso [...] os sociólogos deveriam se sentir livres para inventar os métodos capazes de resolver os problemas das pesquisas que estão fazendo. É como mandar construir uma casa para si (p. 12).

⁴¹Ver quadro com características dos interlocutores no capítulo III. Ver perguntas para entrevistas no Apêndice A.

De acordo com Magnani (2002), “[...] o método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos” (p.17). E, como aponta Emerson Giumbelli (2002) “[...] o objetivo fundamental da ‘pesquisa etnográfica’ deve ser buscado a partir de uma variedade de fontes, cuja pertinência é avaliada pelo acesso que propiciam aos ‘mecanismos sociais’ e aos ‘pontos de vista’ em suas ‘manifestações concretas’” (p. 102).

A partir de julho de 2014, iniciei a pesquisa através de uma análise bibliográfica sobre as temáticas do trabalho, Estado, cidade e movimentos sociais na contemporaneidade, junto ao trabalho de campo. Busquei unio levantamento documental bibliográfico às experiências relatadas pelos sujeitos do movimento, munindo-me de entrevistas, conversações espontâneas das atividades e fotografias, pescando os saberes propagados pela direção e base, diversificando versões.

Estive perto com os ocupadores, através de uma vivência sobre as suas práticas, reuniões de organização, ações de mobilização, marchas e, sobretudo, por dentro da ocupação durante o primeiro mês (maio/junho de 2016), coletando e sistematizando dados primários (entrevistas e a própria observação) no que tange à sua composição social e luta (COMERFORD, 1999; HONNET, 2003), imersos numa ampliada, porém limitada vivência, por meio de uma participação observante.

As características individuais e subjetivas dos que ocuparam, junto a suas experiências que ocorreram antes e durante a ocupação, incidiram diretamente sobre a maneira daquilo que foi dito. A apresentação das entrevistas fez-se necessária a fim de atentar para os fatos históricos experimentados e como, a seu próprio modo, cada um dos interlocutores citados neste capítulo os interpretaram e os explicaram para o entrevistador. A análise foi feita em contexto com as relações interpessoais estabelecidas durante a ocupação, de cada um, para com o outro que desempenhou circunstancialmente o papel da coleta de áudio.

Não negligencio neste *ofício do sociólogo* a sistematização de quaisquer dos dados coletados. Afirmando que a riqueza do dito e, quando possível, a forma crua e literal da sua transcrição, foi imprescindível para a apreensão dos detalhes visando àqueles que porventura venham a ler este trabalho. “A ilusão do discurso que ‘fala por si mesmo’: a transcrição literal ‘já é uma verdadeira tradução ou até uma interpretação’” (BOURDIEU, 2001, p. 709).

Coloquei em prática o meu roteiro de entrevistas e, buscando clareza e objetividade, modificava em detalhes suas perguntas, ao término de cada resposta. Expliquei a cada entrevistado que não havia resposta certa ou errada e que todas as respostas às perguntas deveriam ser de acordo com o que os mesmos acreditavam e sentiam-se à vontade para responder. Também informei que os seus nomes não seriam revelados.

Como recurso metodológico, a apresentação de cada entrevistado foi feita pela ordem cronológica da realização das entrevistas, buscando-se, assim, não reafirmar hierarquias entre a participação, protagonismo e importância dos mesmos em relação à organização da Ocupação Povo Sem Medo.

Reitero que todos os nomes e rostos dos interlocutores foram mantidos em sigilo por questão de segurança. Em seu lugar, faço uso de pseudônimos, alguns destes estrangeiros, a fim de evitar qualquer possível alusão aos seres reais que participaram desta pesquisa.

CAPÍTULO 2 – ESPAÇO URBANO EM TEMPO HISTÓRICO

Neste capítulo, elenquei cinco eixos que considero pertinentes para a apresentação da construção social do MTST. O primeiro deles é a relação entre a produção do espaço urbano e as políticas públicas. Em seguida, discorro algumas considerações sobre a maior política nacional de habitação dos últimos 30 anos no Brasil, o Programa Minha Casa Minha Vida. No terceiro e quarto tópicos, trago elementos sobre a formação urbana de Fortaleza e do bairro Bom Jardim, no qual ocorreu a OPSM. Por fim, contextualizo os quatro eixos supracitados com as práticas de ocupação urbana do MTST e como o mesmo se autocaracteriza como um movimento popular que organiza trabalhadores territorialmente.

2.1 Breves considerações sobre espaço (urbano) e políticas públicas

O Estado – mediador das lutas sociais – apresenta contradições na sua própria produção, intrínsecas à superestrutura, relações que superam uma lógica binária, do público ao privado, do coesivo ao coercitivo, do restrito ao ampliado (MARX, LENIN, GRAMSCI *apud* FONTES, 2010). Posteriormente ao período pós-segunda guerra, o Estado amplia suas funções, financiando diretamente o setor privado (POULANTZAS, 1986).

O Estado interfere diretamente na produção do espaço urbano. A formação da periferia é determinada pela lógica do modo de produção e apropriação da cidade. A questão social presente na criação de bairros periféricos se sustenta na valorização da terra em meio ao Estado, propiciando a produção de riqueza, produção esta, que necessita da garantia de condições para manutenção da ordem e reprodução do sistema capitalista. O Estado vai se concretizando “em domínios de ação funcionalmente vinculados à reprodução da força de trabalho, esfera vinculada aos movimentos sociais” (JACOBI, 1993).

As políticas públicas, providas pelo Estado, são de suma importância para a valoração da terra urbana. Ao redor dos locais de trabalho, produção ou venda de mercadorias e serviços, está a maior concentração de recursos públicos e infraestrutura. Nesse contexto, a desigualdade causa segregação, e os locais mais longínquos desses espaços são negligenciados pelo investimento estatal. Quanto mais carente uma região em serviços públicos, menor será o seu preço e menor será a sua importância para o mercado imobiliário.

Em meio à distância dos centros de produção e circulação de mercadorias, aos ambientes de repouso dos que as produzem, há um caminho marcado por intervenções políticas e econômicas, públicas e privadas na malha urbana. Esses fatores têm grande relevância na consolidação de um quadro de insustentabilidade do modo de crescimento urbano. (SILVA, 1992). Prefaciando Lúcio Kowarick, diria Fernando Henrique Cardoso:

Mas a cidade é também, e, sobretudo, a morfologia petrificada de uma forma de divisão social do trabalho que separa o campo e a cidade e que joga quem foi expropriado de seus meios de vida na convivência com os expropriadores. É, portanto, viva de relações sociais, e o caso da cidade orgulhosamente capitalista, é também expressão imediata de uma forma de exploração social e econômica. (KOWARICK, 1979).

A geografia da cidade se constrói e se reproduz sobre uma gama de contradições vindas de um processo histórico anterior ao nascimento dos seres viventes nela. A cidade reflete na arquitetura dos seus bairros e nos seus conflitos urbanos o seu modo de produção social. Unindo os ambientes de produção e reprodução das mercadorias e da vida, dentro dos limites da urbe, habitam seres humanos em diferentes condições de moradia, ocupando diferentes lugares sociais (ARAUJO, 2010).

A cidade opera-se como espaço de consolidação e reprodução da desigualdade social, à medida que o afastamento entre os homens também se reflete na separação dos locais de trabalho em relação aos locais de moradia. Em meio ao crescente custo de vida, também aumenta o valor do aluguel. Os trabalhadores estão cada vez mais afastados dos centros urbanos e essa distância faz crescer a periferia. Como sublinham Gondim e Gomes (2012),

O processo de segregação socioespacial não acontece por acaso, nem decorre simplesmente da expansão das cidades. O mercado imobiliário e os interesses privados têm forte poder na correlação de forças exercida nas disputas pelo espaço urbano, apropriando-se das áreas mais bem dotadas de infraestrutura, serviços e equipamentos urbanos (p.508).

2.2 O Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV)

A partir do segundo ano da primeira gestão do governo Lula (2004), até o início o segundo mandato, desenvolveu-se um cenário político minimamente estável, observando-se o aumento da exportação de commodities e a ampliação das reservas no exterior, junto ao crescimento do número de empregos e da poupança interna, aquecendo o SBPE e ampliando o montante do FGTS.

Em meio ao lento e gradual processo de redução nas taxas de juros, ampliaram-se as políticas de redução tributária e subsídio para o capital produtivo, a exemplo da “MP do bem”, de 2004, que criou mecanismos de dispensa fiscal, beneficiando empresas do setor imobiliário. Também em 2004, o FGTS sofreu mudanças visando investimentos em saneamento e moradia, podendo o trabalhador sacar o fundo a cada quatro anos, caso este fosse investido em bens imobiliários, na aquisição de imóvel residencial ou na amortização de dívida construída de empréstimo no setor habitacional.

Nessa conjuntura de mercado favorável, visto a perspectiva de crédito para a produção e compra dos produtos do setor imobiliário, a partir de 2005 o ramo mobiliário nacional se reestruturou, propiciando a abertura de capital de empresas do ramo imobiliário, com ênfase no lastreamento de papéis das construtoras em estoques de terra e projetos imobiliários futuros.

Numa conjuntura internacional favorável para o Brasil, o governo buscou aquecer a economia por meio de políticas desenvolvimentistas, atraindo novos investimentos e ampliando a infraestrutura e logística nacional, facilitando a comercialização e circulação de mercadorias. Estatais e bancos públicos atuaram como financiadores por meio de programas como o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) de 2007, com foco na ampliação de investimentos nas áreas de habitação, saneamento, transporte, energia, recursos hídricos etc.

Nesse contexto de políticas de financiamento e subsídio da construção civil, crescimento do emprego, integração ao mercado de consumo, aumento gradual do salário mínimo, bolsa família e facilitação de crédito, a partir da reeleição de Lula (2006), André Singer (2012) desenvolveu a tese do “Consenso Lulista”: pela primeira vez o PT recebeu o apoio da população com menos de dois salários mínimos, ganhando retorno eleitoral por meio de financiamento de campanha do grande empresariado evoto das camadas populares.

Contudo, em 2008, o mundo vivenciou uma forte crise financeira, que teve por gota d'água um colapso do setor mobiliário norte-americano. Esse cenário gerou um recuo no crescimento e lucro das empresas brasileiras com capital aberto ao exterior. No ano seguinte, o Brasil sofreu retração da economia e desaceleração do PIB. A revelia dos debates travados por dentro a implementação do Plano Nacional de Habitação e Interesse Social (PNHIS) e em busca de arrefecer os impactos da crise internacional no mercado brasileiro, o governo lançou em 2009 o Programa Minha Casa Minha Vida, (PMCMV).

Para a contenção dos efeitos da crise global de 2008, o governo brasileiro planejou o aquecimento da economia nacional. O ramo da construção civil foi elencado como protagonista desse processo. O PMCMV foi propagado como panacéia para a crise econômica e urbana, buscando reduzir os impactos da crise econômica internacional e o déficit habitacional de 7,2 milhões de moradias.

O Programa nasceu com o investimento inicial de 34 bilhões de reais, dos quais, 25,5 bilhões vieram do orçamento geral da união, 7,5 bilhões do FGTS e 1 bilhão do BNDES. Teve como meta a redução do déficit habitacional para famílias com renda de 1 a 10 salários mínimos e a diminuição do número de famílias sem teto, pela construção de 1 milhão de casas até 2011 e, no segundo momento (2011), entregando mais 2 milhões de moradias até 2014. Além disto, também teve como metas: inclusão Social, dinamização do setor da construção civil e geração de emprego e renda.

O PMCMV produziu mais de três milhões de habitações em cerca de cinco anos, tornou-se um marco da política de habitação nacional e a sua logística é fundamental para a sua compreensão. O cadastramento das famílias foi feito por órgãos municipais. A Caixa Econômica apreciava e financiava os projetos das construções, ocorrendo, portanto, subsídio direto do governo, promovendo a produção por oferta, sem risco de inadimplência para as construtoras.

Esse quadro de ampla segurança do mercado imobiliário brasileiro obteve sucesso no aquecimento da indústria da construção civil e gerou a contratação de ampla mão-de-obra. Logo no mês de julho/2009, registrou-se crescimento de 32 mil postos de trabalho e em agosto/2009, mais 45 mil, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), subordinado ao Ministério do Trabalho.

No âmbito da redução do déficit habitacional, os dados não foram generosos. O choque de interesses entre o PMCMV e o Plano Nacional de Habitação e Interesse Social (PNHIS) se reflete na própria caracterização do déficit habitacional no Brasil. Segundo MARICATO (2011), 90% da demanda se enquadra no perfil de famílias de um a três salários mínimos, porém apenas 40% dos recursos do PMCMV foram destinados a esse setor, enquanto os perfis de 4 a 10 salários mínimos abarcaram 60% dos recursos.

Em contraponto ao PNHIS, que apresentava a demanda real no custo/benefício da gestão de recursos públicos para projetos oriundos de entidades sem fins lucrativos, a parcela para esses setores foi quase insignificante: 97% do subsídio público foi para iniciativa privada. No PMCMV-1, foram cerca de 35 bilhões para projetos vindos de construtoras e cerca de 3%, 500 milhões, para projetos vindos de entidades sem fins lucrativos.

Como já visto, o Estado cumpre papel fundamental, à medida que investe, ou deixa de investir, na infraestrutura, no saneamento, pavimentação, água, luz, esgoto, escola, saúde, dentre outros serviços públicos necessários para reposição da força de trabalho e a produção de mercadorias. O valor de uma propriedade acaba por resultar do conjunto qualidades da terra como mercadoria. Os benefícios promovidos pelo estado por meio da dotação de serviços e equipamentos básicos são de grande importância para a valorização da área urbana.

O valor da propriedade urbana decorre das condições materiais da sua construção, somada às condições da sua localização, acessibilidade aos locais de trabalho e proximidade aos serviços de utilidade pública, como água, luz, esgoto, e a equipamentos; como mercados, bancos, escolas, aliado ao valor de outros imóveis construídos no entorno. O preço por uma propriedade é pago, sobretudo, pelo direito ao seu uso e ao que houver em seu redor. Logo, quanto mais carente uma região em serviços públicos, menor será o seu valor imobiliário.

A rentabilidade durante a produção das casas do PMCMV teve foco na produção em escala. Em decorrência dessa alternativa, não raro, foram feitos grandes condomínios com mais de 1000 moradias padronizadas de 37m² em áreas muito afastadas dos centros urbanos. A construção nesses moldes acabou por criar um quadro geográfico espacial de grande quantidade de moradias familiares sem os recursos de infraestrutura assegurados, tais como transporte, educação e segurança nas proximidades.

Foi somente da alçada das empresas o estabelecimento da porcentagem de lucros no projeto e após a aprovação destes, durante as suas execuções, existiu ainda um segundo momento de rentabilidade, entre a produção e a venda das moradias, seja através da (des)valorização do terreno ou durante a construção das obras. O contraste entre o valor final da mercadoria moradia dos primeiros (construtoras) para os segundos (financiadoras) chegou a triplicar em alguns casos. (ARAÚJO, 2013.)

A desvalorização dos terrenos utilizados nos projetos se refletiu na construção de casas em áreas afastadas dos grandes centros, na zona rural ou mesmo fora da zona de mercado. Esse fenômeno foi possível graças à articulação da esfera privada com as demais esferas institucionais. Houve um processo de flexibilização das leis municipais de regulamentação fundiária que também incidiu no estoque de terras em áreas centrais, aumentando sua valorização.

O PMCMV como política pública contraditória, em dados quantitativos e qualitativos, gerou desenvolvimento na infraestrutura, assim como também contribuiu para um quadro de segregação e amplitude na rede de espoliação urbana⁴². Segundo MARICATO (2011), na cidade de Fortaleza, os preços dos imóveis periféricos dobraram após o PMCMV. Nacionalmente, 83% do déficit habitacional poderia ser sanado através da habitação de imóveis vagos, que não exercem função social. Apesar desse quadro, não há previsão para construção de imóveis nos centros das cidades ou na reforma de edifícios abandonados.

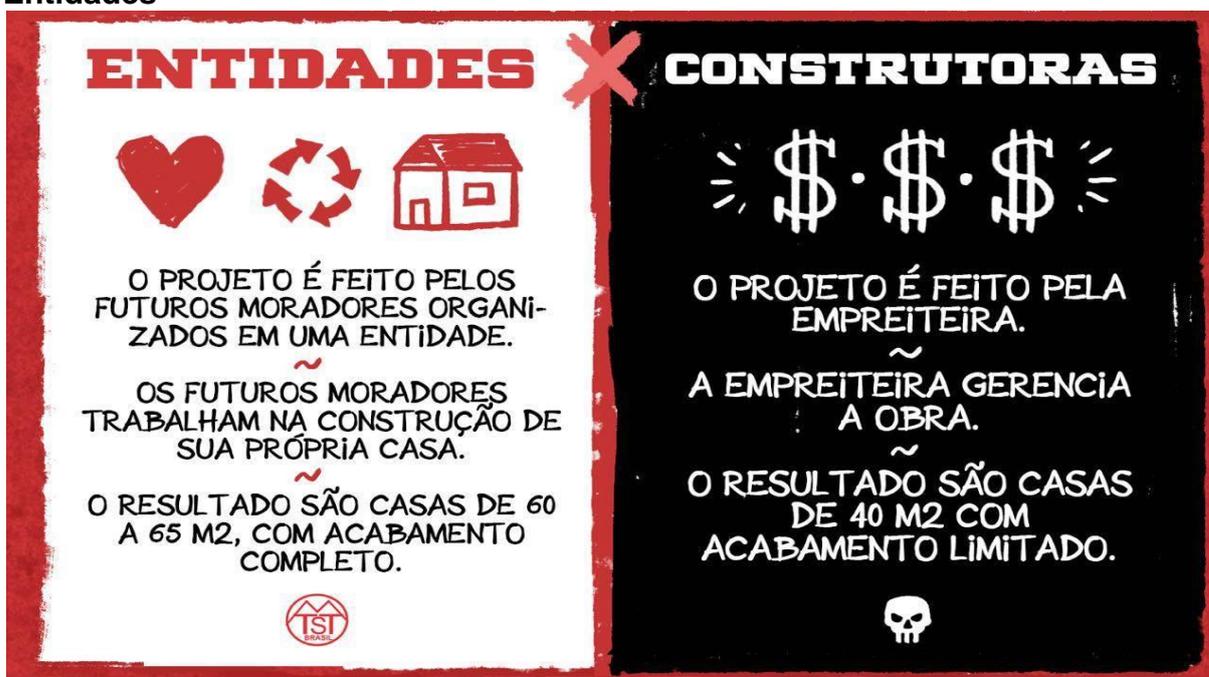
A magnitude do PMCMV trouxe capital político, também para os governantes das esferas estaduais e municipais, através da entrega de chaves. Criaram-se eventos para celebrar a entrega de chaves de apartamentos, buscando-se retorno na entrega de votos. Observa-se que a gama de impactos resultantes do PMCMV pôde gerar um amplo leque de potencialidades de conflitos entre movimentos populares e o Estado.

⁴² [...] é somatória de extorsões que se opera pela inexistência ou precariedade de serviços de consumo coletivo, que juntamente ao acesso à terra e à moradia apresentam-se como socialmente necessários para a reprodução dos trabalhadores e aguçam ainda mais a dilapidação decorrente da exploração do trabalho ou, o que é pior, da falta desta. Na Grande São Paulo, são inúmeras as manifestações dessa situação espoliativa, que vão desde as longas horas despendidas nos transportes coletivos até a precariedade de vida nas favelas, cortiços ou casas autoconstruídas em terrenos geralmente clandestinos e destituídos de benfeitorias básicas, isto para não falar da inexistência das áreas verdes, da falta de equipamentos culturais e de lazer, da poluição ambiental, da erosão e das ruas não pavimentadas e sem iluminação. (KOWARICK, 2000, p.22)

Em São Paulo, o MTST articulou um projeto do MCMV Entidades em Taboão da Serra, no Jardim Salete, através da *Associação Esperança de um Novo Milênio*, pessoa jurídica do MTST. Em 2014, este projeto resultou na redução de custos de construção do condomínio João Cândido⁴³, com 192 apartamentos entregues a famílias *sem teto*, de 54 e 63 m², maiores que o padrão do programa, de 37m². Sobre a relação do movimento com o governo Lula, relata um dos seus membros:

É claro que assim, a nossa preferência por um programa habitacional e que a população tivesse condição de construir as suas casas. Isso veio depois do governo Lula com o Minha Casa Minha Vida Entidades, foi interessante pra o MTST. Conquistas de moradias que não eram quaisquer moradias. Eram moradias com uma qualidade quase da classe média e aí para um trabalhador com nosso perfil, é uma mudança extraordinária de vida. Talvez essa seja a única relação, no meu entendimento, a única relação real como esse processo, com esse período aí do lulapetismo. São algumas conquistas que possibilitaram dentro dos próprios programas o que o Estado previa, algumas conquistas que possibilitaram uma maior visibilidade do movimento. (Entrevista realizada pelo autor em 26/06/2016, com Robert)

Figura 12 – Flyer elaborado pelo MTST, revelando a importância do PMCMV Entidades



Fonte: <https://www.facebook.com/mtstce/>. Acesso em 16 jan. 2016

⁴³ Para maiores informações consultar: <http://www.verboonline.com.br/2014/12/20/com-presenca-de-lula-mtst-entrega-192-apartamentos-no-salete-em-taboao/>

2.3 A cidade em Fortaleza

A chamada crise urbana das metrópoles globais se expressa em dados oficiais da ONU, condensados em ONU Habitat-2010/2011 (BOTELHO 2014). Desde 2008, mais da metade da população mundial vive em cidades⁴⁴. O inchaço urbano global, acentuado ano após ano, se intensificou, no Brasil, a partir da segunda metade do século XX. A superpopulação contribui para a evolução de um quadro de insustentabilidade no panorama de crescimento das cidades brasileiras.⁴⁵ Um retrato desse quadro é o número de moradias sem condições apropriadas para habitação que cresce vertiginosamente no país.

A capital cearense não foge à regra deste quadro. Fortaleza saltou de 180 mil habitantes em 1940, para quase dois milhões em 1990 (BARREIRA, BRAGA, 1983). Hoje, possui 2.551.805 habitantes.⁴⁶ Segundo artigo publicado pelos pesquisadores Renato Pequeno e Clarissa Freitas (2012),

O estado do Ceará apresenta tradicionalmente em sua rede urbana a visível predominância da Capital Fortaleza como município que mais concentra população (2.452.185 habitantes), destacando-se inclusive, na escala nacional, como a capital estadual mais densa do país com 7.786,52 habitantes/km. A população da RMF já corresponde a 3.615.767 pessoas, equivalendo a mais de 42% da população estadual. Em termos de população vivendo em setores urbanos, o percentual urbano da RMF representa quase 55% da população estadual residindo em setores urbanos, configurando a macrocefalia da metrópole frente ao Estado do Ceará. Os desdobramentos desta condição podem ser percebidos nos demais 14 municípios da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), dentre os quais se destacam por seu contingente demográfico: Caucaia (325.441 hab.), Maracanaú (209.057 hab.) e Maranguape (113.561 hab.).

Do Forte de Nossa Senhora da Assunção, com seus canhões voltados para o interior, içado no século XVIII para garantir a posse do território colonizado, ao desenvolvimento da urbe, como pólo intermediário entre a produção agropecuária e o mercado nacional, a capital cearense apresenta-se num quadro social semelhante de outras capitais do nordeste brasileiro - cidades com grande número de habitantes e um profundo quadro de desigualdade social. Essa condição

⁴⁴No Brasil, desde a década de 1970, a população urbana já era majoritária, correspondendo a 55,9% da população total, percentual que em 2000 elevou-se para 81,2% (ROLNIK, 2005 apud GONDIM; GOMES, 2012, p. 509).

⁴⁵No Brasil, De 2000 a 2010, ampliou-se em número de 4,2 milhões o número de moradores de favelas, num total de 10,7 milhões. Em paralelo ao crescimento da economia brasileira nos últimos dez anos em 42%, o número de favelas cresceu em números absolutos 75%. (MARICATO, 2011)

⁴⁶Censo Populacional 2013, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), visitado em 20 de outubro de 2014. <https://censo2010.ibge.gov.br/>

se relaciona com a posição histórica do Brasil no mundo do trabalho e do atraso econômico em meio ao lento desenvolvimento das forças produtivas do Nordeste perante o Centro-Sul brasileiro.

O acelerado crescimento demográfico fortalezense se diferencia do quadro de outras metrópoles que construíram a sua hegemonia com base no capital industrial, como por exemplo, São Paulo. O desenvolvimento em âmbito populacional, econômico e político também sofreu influência da sua localização como praça de mercado, resultando no crescimento e consolidação do comércio como principal atividade econômica. Estas atividades foram hegemônicas por tradicionais famílias, que se reafirmam como classes dominantes, buscando implementar na cidade uma versão modernizada do poder exercido no campo, através de investimentos oriundos da produção rural na infraestrutura urbana. (BARREIRA; BRAGA, 1991; SILVA, 2001).

O crescimento de Fortaleza e a formação dos seus primeiros movimentos populares ocorreram em meio a mudanças globais e nacionais no modelo de intervenção estatal. Estas especificidades da formação econômica de Fortaleza influenciaram a sua formação metropolitana e o seu cenário político, com repercussões diretas no desenvolvimento das lutas populares. (BARREIRA, 1992).

Dialogando com esse quadro está a relação entre os movimentos populares e o Estado em âmbito local (e nacional), marcada historicamente pelo atrelamento de lideranças populares ao próprio Estado, em meio à inclusão e subordinação destas às políticas públicas, vinculadas às secretarias governamentais sob a direção de políticos tradicionais (AMANN, 1991; BARREIRA, 1992; JACOBI, 1993). Estas especificidades da produção do espaço urbano de Fortaleza podem nos auxiliar a compreender o modo contemporâneo de fazer política dos Movimentos Sociais Urbanos, MSUs⁴⁷ nesta cidade.

Hoje, o Estado do Ceará tem obtido crescimento econômico a níveis superiores à média brasileira. Segundo dados do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece) no ano de 2013, o crescimento foi de 3,4%, perante os 2,3% da média nacional, e, no primeiro trimestre de 2017, de 1,87% perante o

⁴⁷ Compreende-se aqui por movimentos sociais urbanos os processos de organização e contestação efetivados por moradores que agregam um conjunto amplo de lutas sociais, cujo objetivo básico é a posse mediata e imediata de bens de consumo individual e coletivo, compatíveis com a inserção no "habitat" urbano e com os padrões culturais e coletivos de reprodução da força de trabalho. (BARREIRA, 1992, p.33)

1,00% da média nacional com ênfase nos índices da sua capital Fortaleza. Esta, entre os anos de 2000 e 2010, tornou-se a metrópole brasileira de maior crescimento proporcional, produzindo o maior PIB do nordeste, destacando-se os setores de prestação de serviços e construção civil.

Dentre as consequências desse incremento econômico, ocorre o aumento no valor da terra e dos aluguéis, elevando-se o déficit habitacional. Essa valorização, intensificada pela especulação imobiliária, aprofunda o cenário da segregação urbana, removendo diversas famílias, tais como em áreas próximas à praia e ao Centro, dotados de infraestrutura e serviços públicos.

O crescimento urbano, junto à intervenção das políticas públicas, molda essas condições, influenciando na valorização dos preços dos imóveis periféricos na cidade. Segundo Gondim e Gomes (2012), “como a oferta de habitação popular pelo Poder Público tem sido historicamente insuficiente, os pobres têm que recorrer a mecanismos informais, como ocupações ou aquisição de terrenos em loteamentos irregulares” (p.508).

2.4 O jardim do formigueiro

“O mundo é diferente da ponte pra cá” (Racionais Mc’s. Da Ponte pra Cá, 2002)

Situado no sudoeste de Fortaleza, o Grande Bom Jardim (GBJ) é formado pelos bairros: Siqueira, Canindezinho, Granja Lisboa, Granja Portugal e Bom Jardim. Faz divisa com os bairros Conjunto Ceará, Bom Sucesso e com o Município de Caucaia. Localizado na Regional V, a mais populosa da capital⁴⁸, que corresponde a 21,1% da população de Fortaleza, contabilizava 530.175 mil habitantes em 2009. O GBJ conta com 204.281 mil habitantes, concentrando 8% da população de Fortaleza. Por sua vez, o bairro Bom Jardim (BJ) conta com 37.758 habitantes e 10.462 domicílios particulares, possuindo a média de 3,6 moradores por habitação e com 93,1% dos domicílios ocupados (PAIVA, 2007).

⁴⁸A Regional V tem uma área total de 6.346,70 ha, possuindo 144,24 (2,27% do total) de praças, áreas verdes, áreas livres e parques. A densidade demográfica é de 83,5 habitantes / km² (2009). São 17 bairros (Conjunto Ceará I e II, Siqueira, Mondubim, Planalto Airton Senna, Prefeito José Valter, Granja Lisboa, Granja Portugal, Bom Jardim, Genibaú, Canindezinho, Vila Manoel Sátiro, Parque São José, Parque Santa Rosa, Maraponga, Jardim Cearense, Conjunto Esperança e Presidente Vargas). A Secretaria Executiva Regional (SER) V também é uma das Regionais com perfil populacional dos mais jovens de Fortaleza: 44% da população têm até 20 anos. É ainda a área da Cidade com segundo maior índice de analfabetismo (17,83%), inferior apenas ao registrado pela Regional VI. A principal atividade econômica é o comércio. Na Regional Vestão concentrados apenas 2,89% dos empregos formais de Fortaleza. A taxa de acesso à rede de esgoto desta Regional é a pior entre as seis regionais, com 24,56% (MAPA..., 2010).

Segundo dados do Diagnóstico Sócio Participativo Grande Bom Jardim (GPDU, 2003), esta região era, até a década de 1950, predominantemente rural. A chegada das primeiras famílias ocorreu pela compra de um grande número de propriedades rurais pela Caixa Econômica Federal, a fim de construir moradias populares, bem como pela ocupação de terras loteadas por João Gentil Alves de Carvalho ⁴⁹. Entre as práticas urbanas de resistência popular na Fortaleza da década de 80, marcaram presença os mutirões, em meio à ocupação urbana da zona oeste da cidade.

O crescimento vertiginoso do GBJ nos últimos 30 anos sofreu maior intensidade, sobretudo, a partir da década de 90. A exemplo do bairro Siqueira que saltou de 4.540 habitantes em 1991 para 33.628 habitantes em 2010, o BJ quase triplicou em população, saltando de 15.857 habitantes em 1991, para 37.758 habitantes em 2010. Este crescimento não ocorreu de forma planejada, ampliando problemas sociais e demandas por políticas públicas.

Segundo José Borzacchiello da Silva (1992), assim como outras grandes cidades do *terceiro mundo*, Fortaleza recebeu, entre as décadas de 1950 a 1980, intenso fluxo migratório, consolidando a massiva presença de trabalhadores nas periferias. O caráter hodierno deste crescimento é expresso em dados (GPDU/CDVHS, 2003), que apontam que 61,21% dos habitantes moram no bairro há menos de dez anos, e que quase a metade, 49,81%, são originários de outros bairros periféricos de Fortaleza. Indicando assim, uma migração intra-urbana da periferia, para a periferia.

As implicações destas ocupações urbanas com relativo grau de espontaneidade, *não organizadas*, não se limitaram ao espaço físico, também reverberando no plano simbólico, nas sociabilidades e nos processos de identidade entre os moradores, como elementos de distinção social. No território do grande Bom Jardim que compreende os arredores da Ocupação Povo Sem Medo, aqueles que moravam em diferentes subdivisões deste território, a exemplo no Conjunto Urucutuba, atribuíam distintos valores aos moradores da Nova Canudos e/ou Marrocos. Esta ação também ocorria de forma recíproca.

⁴⁹ Banqueiro, comerciante e investidor do ramo de imóveis, também conhecido como Coronel João Gentil, grande empresário sobralense (1987 – 1941). Fundador do bairro fortalezense Gentilândia.

A OPSM reuniu moradores de várias destas *ocupações* sobre um mesmo terreno, em um mesmo território. O sociólogo Luiz Fábio Paiva (2007), em pesquisa sobre a construção do imaginário social sobre o bairro, afirmou que:

As invasões de terra ocorridas no Bom Jardim a partir da década de 1970 permitiram a formação de territórios distintos no interior do Bairro como, por exemplo, as sete Ocupações observadas no Caderno do Bairro Bom Jardim (2003). São elas: a Ocupação Conjunto Urucutuba, a Ocupação Santo Amaro (conhecida no início como Pantanal), a Ocupação Lago Verde, a Ocupação Nova Canudos, a Ocupação Igualdade, a Ocupação Nova Esperança e a Ocupação Marrocos. Ao longo da pesquisa, ainda identifiquei mais duas Ocupações: a Mutirão e a Greenville. As Ocupações se integram ao Bairro como formas sociais que não existem apenas no plano físico, mas passam a atuar no sistema de identificação local dos moradores, cujo pertencimento a essas localidades torna-se uma qualidade distintiva dos esquemas de conhecimento e reconhecimento pertinentes ao Bairro. Esses esquemas criam modelos de relacionamentos, constitutivos das ações de aproximação e distanciamento que nutrem formas de sociabilidades e conflitualidades inerentes ao local. (p. 38)

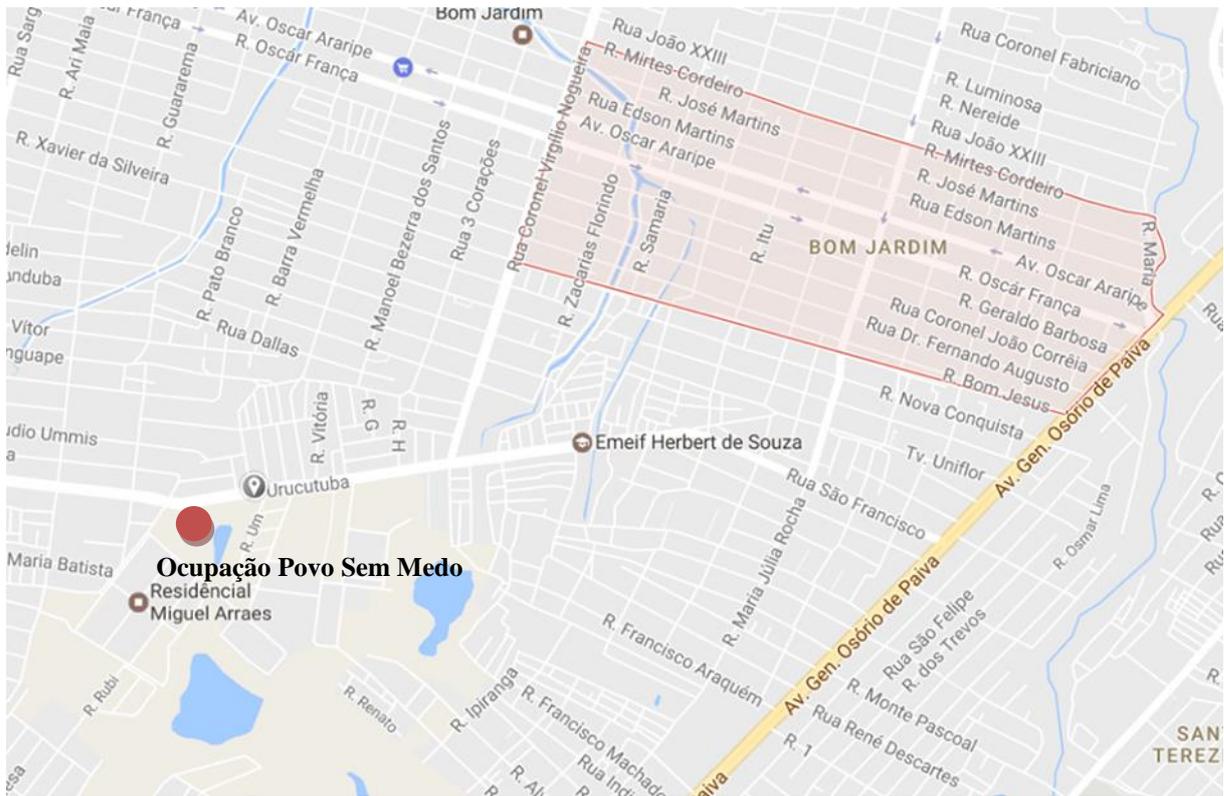
Conforme o censo IBGE 2000, 80,5% dos chefes de família do Bom Jardim recebem entre $\frac{1}{4}$ e 5 salários mínimos. Essa alta variação da renda habitação pode ser representada pela contrastante coexistência de casas de alvenaria de três cômodos, com barracos e casebres. Ainda segundo o GPDU/CDVHS (2003), apenas 7,92% dos moradores têm carteira assinada, o que não significa necessariamente desemprego, podendo caracterizar alta concentração de trabalhadores em situação de informalidade. Segundo Schwartzman (2004),

O Brasil se desenvolveu por meio de um processo — cuja característica principal é, precisamente, a não-incorporação de grandes segmentos da população aos setores modernos da economia, da sociedade e do sistema político. Tal processo, articulado a fatores políticos e culturais, gera uma série de problemas sociais, dentre os quais a desigualdade social evidenciada pelo hiato existente entre as camadas mais ricas da sociedade — residentes, na maioria dos casos, em luxuosas mansões ou condomínios fechados, com fortes sistemas de segurança privada — e as camadas populares — residentes nas periferias urbanas cujas precárias condições econômicas os colocam diante de múltiplos problemas sociais, dentre os quais a segurança pública. (p.32).

Segundo dados do Laboratório de Estudos de Conflitualidade e Violência (COVIO. 2009), o Bom Jardim (ver mapa 3) é o bairro com maior índice de assassinatos, situado na regional com maior número de homicídios da cidade. Relatório apresentado em 2009 (COVIO, 2009) aponta que os moradores do Bom Jardim caracterizam o bairro como violento por quatro motivos principais: a ocorrência de crimes, a ineficiência de um policiamento preventivo e reativo, o sucateamento e descrédito da política judiciária e a inexistência do aparelho jurídico como instituição mediadora dos conflitos sociais.

Mapa 3: Bairro Bom Jardim – Fortaleza

Limites e demarcação



Fonte: Google Maps. Acesso em: jan. 2017

Sobre as representações do bairro perante a violência urbana, apresento dois trechos de falas de moradores da OPSM em contraste:

[...] o Bom Jardim é, digamos entre aspas, o pior bairro de dentro de Fortaleza, porque é um bairro que tem o maior índice de criminalidade. Desde que eu vim pra cá eu me localizei dentro de uma entidade e comecei a trabalhar em cima disso. Eu me identifico muito com o bairro, que é um bairro que eu abracei na verdade, porque como eu vim pra cá muito novo eu não sabia nada da vida, então eu aprendi aqui a viver. Eu aprendi o certo e o errado aqui dentro, entende. Pra mim, eu sou favela, sempre vou ser favela, nunca vou deixar de ser favela e vou tocar minha vida dentro da favela porque a favela é aonde a gente aprende tudo. (George)

Eu não tenho o que gostar e o que não gostar. É um lugar. As pessoas dizem que aqui é perigoso. Eu nunca tive medo de andar no Bom Jardim. Eu ando no Bom Jardim, no Autran Nunes, no Genibaú. Eu ando nesses bairros, qualquer horário da noite, qualquer horário do dia. Nunca me aconteceu nada, graças a Deus. Conheço muita gente nesses bairros. O que gosto no Bom Jardim? É quase um centro na cidade se você andar nas ruas. As vezes você nem precisa ir até o centro para comprar algo. E o que eu não gosto do Bom Jardim? Não sei, não tem o que eu não gosto no Bom Jardim, ainda não achei (risos.) (Elizabeth)

Pelos contatos estabelecidos com meus interlocutores na OPSM, pude observar a caracterização do Bom Jardim por diversos valores e características. Indo além de uma *razão oficial formal*, os sem teto demonstram sua racionalidade própria, subjetiva, quando discorrem sobre sua relação com o bairro. Entre os pontos (problemas) citados, indo ao encontro dos discursos oficiais, está a carência de serviços públicos e a estigmatização como lugar violento e com elevado índice de criminalidade (programas policiais foram citados como referências)⁵⁰. Relativizando os fatos “oficiais”, também foi relatada uma identificação do bairro como um lugar tranquilo, pela ausência de medo dos seus habitantes em serem assaltados ao transitar por suas ruas.

A questão urbana, como objeto de estudo social, pode ser percebida no transitar pelas ruas de Fortaleza e do Bom Jardim. Esbarramos em nossos sujeitos, expoentes de um quadro marcado por contradições e desigualdades, visíveis e táteis, sejam montados de bairro periférico, favela ou barraco. Sofrendo forte influência do meio em que vivem, para além do que possa ser observado a olho nu, nesse ambiente dinâmico, o conflito é presente pelas ações coletivas dos sujeitos sociais que constantemente transformam seu próprio espaço. Segundo Lefebvre, (2008),

[...] o urbano é uma forma pura: o ponto de encontro, o lugar de uma reunião, a simultaneidade. Essa forma não tem nenhum conteúdo específico, mas tudo a ela vem e nela vive. Trata-se de uma abstração, mas, ao contrário de uma entidade metafísica, trata-se de uma abstração concreta, vinculada à prática. O urbano é cumulativo de todos os conteúdos, seres da natureza, resultados da indústria, técnicas e riquezas, obras da cultura, aí compreendidas, maneiras de viver, situações, modulações ou rupturas do cotidiano. Todavia, ele é mais e outra coisa que acumulação. Enquanto diversos, os conteúdos (coisas, objetos, pessoas, situações) excluem-se, e se incluem e se supõem enquanto reunidos. Pode-se dizer que o urbano é forma e receptáculo, vazio e plenitude, super-objeto e não-objeto, supraconsciência e totalidade das consciências. Ele se liga, de um lado, à lógica da forma, e, de outro, à dialética dos conteúdos (às diferenças e contradições do conteúdo). (LEFEVBRE, 2008, p. 110.)

⁵⁰As pesquisas de LöicWacquant (2001, 2002, 2008) revelam as teias complexas em que se tece o processo de criminalização da pobreza, que vão desde a construção simbólica da classe perigosa, o inimigo a ser combatido, imagem sedimentada pela mídia, passando pela produção dos guetos nas cidades divididas, até um amplo processo de encarceramento combinado com um recrudescimento do aparato de segurança e dos estatutos punitivos. (TAVARES, VIEIRA, QUINTANS, 2014.).

A OPSM, construída por históricas e desiguais relações de poder, faz parte do palco urbano no qual ocorrem as práticas daqueles que ocupam. Por essa ótica, as organizações coletivas que atuam sobre este espaço expressam contradições específicas da questão urbana. Refletir sobre suas manifestações também perpassa fazer uma análise de conjuntura (SOUZA, 1999) sobre a qual estas organizações estão imersas.

2.5 Novo movimento social ou movimento social de novos trabalhadores?

“Atordado eu permaneço atento,
na arquibancada pra a qualquer momento, *ver emergir o monstro da lagoa*”(Chico Buarque)

Junho de 2013 foi marcado por grandes manifestações de rua iniciadas pelo Movimento Passe Livre (MPL) - contra o aumento das tarifas de ônibus e metrô, em meio à realização da Copa das Confederações, megaevento organizado pela FIFA, que antecedeu em um ano a Copa do Mundo no Brasil.

Inicialmente, os canais de televisão e os jornais tiveram uma postura crítica ou negligente perante os protestos, porém, por mídias alternativas, a exemplo da internet e das redes sociais, várias fotos e vídeos foram exibidos e compartilhados, explicitando as diversas reivindicações dos manifestantes e a truculência da força policial para com os mesmos. Em poucos dias, estes protestos cresceram e se expandiram por centenas de cidades no Brasil.

Dentre as organizações políticas e os intelectuais que dissertaram sobre estas manifestações, houve aqueles que apontaram um caráter “pós-materialista” deste fenômeno, a exemplo das críticas feitas à corrupção e o rechaço a bandeiras e partidos políticos nos atos. Outros afirmavam que estas manifestações encerravam o ciclo democrático popular, onde o bloco histórico construído em torno do PT (CUT, CEB's, MST e UNE) perderia por completo o poder de mobilização e hegemonia sobre os atos de rua. Houve ainda aqueles, com os quais tenho maior acordo, que relacionaram as Jornadas de Junho com condições materiais, expressando contradições urbanas das cidades sedes da Copa do Mundo: “é impossível dissociar as principais razões, objetivas e subjetivas desses protestos, da condição das cidades” (MARICATO, 2013, p. 19).

Contraopondo-se a pautas difusas, interesses distintos, diversas ideologias, símbolos e perfis sociais daqueles que se manifestavam, ganhou visibilidade um *novo* sujeito. Foi também em junho de 2013 que o MTST protagonizou massivas marchas com dezenas de milhares de pessoas na cidade de São Paulo. Segundos um dos interlocutores da presente pesquisa,

E aí em 2013 com as Jornadas de Junho, [...] e em 2014, o MTST tem o seu ano de maior crescimento. Porque a gente se contrapõe às lutas que foram feitas em Junho e é o único movimento que faz, que é realmente propositivo né, dá proposta pro cenário nacional. Que naquele tempo era só as jornadas de junho, aquele trambolho de pautas que você não entende muito bem e que é incorporada pela mídia que usa pros seus interesses. (Charles)

O poder de mobilização e a unidade no modo de ação do MTST foram fundamentais para a divulgação e reconhecimento deste *novo* sujeito político que foi às ruas. Organizados, marchando em fileiras, vestidos de vermelho, com palavras de ordem e reivindicações próprias, eram os sem-teto em dezenas de milhares. Exigiam bens materiais, afirmavam-se pertencentes a uma classe, reivindicavam-se trabalhadores.

Manuel Castells (1976) afirma que os movimentos sociais atuantes na cidade surgem como sujeitos e produtos do urbano e se manifestam pelas conseqüências da relação capital/trabalho, fundantes da questão social, às conformações do estado, da sociedade civil e do mercado (produtivo e comercial). Essas contradições também são processos decorrentes da incapacidade do sistema capitalista em harmonizar a produção e distribuição dos meios necessários para a reprodução da força de trabalho. Portanto, apresentam-se e incidem sobre a cidade, expressando questionamentos e (des)ordens específicas das contradições urbanas.

Lúcio Kowarick (1983) debate que a luta dos movimentos sociais por equipamentos e serviços públicos pode ser analisada como fenômeno urbano, expressão da relação entre as estruturas de produção e a exploração do trabalho:

*[...] Não se trata de ignorar as condições macro-estruturais e as condições imperantes na sociedade, mas de reconhecer que, em si, a pauperização originária do processo produtivo, a espoliação urbana decorrente da falta de bens de consumo coletivos, do acesso à terra e à habitação ou a opressão que se faz presente no cotidiano da vida nada mais não do que matérias primas que potencialmente alimentam as reivindicações populares: entre estas e as lutas sociais propriamente ditas, há todo um processo de *produção de experiências*, que não está de antemão tecido na teia das assim chamadas condições materiais objetivas. (grifo do autor, p. 18)*

Conversando com os autores supracitados, os Movimentos Sociais Urbanos apresentam-se como expressões da luta de classes, acumulando à formação de uma contra hegemonia forjada pelas experiências de lutas das classes subalternas, em permanente confronto com o Estado, pautando mudanças no meio urbano, inserindo-se no bojo dos movimentos sociais.

A história dos movimentos sociais no Brasil (e em Fortaleza) esteve entrelaçada às mudanças políticas e ao modo de diálogo e inserção destes perante (e junto) ao Estado. Durante a ditadura militar, diversos líderes de partidos políticos, sindicatos e movimentos urbanos e rurais foram presos, torturados e assassinados. Sobre o clima político do período repressivo da ditadura militar, civil e empresarial Linda Gondim e Marília Gomes (2012), afirmam:

Durante a maior parte da década de 1970, a repressão da ditadura militar levou à desmobilização dos críticos do regime nos marcos da legalidade instituída (mídia, parlamentos, sindicatos, partidos políticos, etc.). O descontentamento com as precárias condições de vida dos trabalhadores expressava-se no cotidiano dos bairros populares, mediante organizações cuja dimensão política não era explícita, como clubes de mães, associações de moradores e as Comunidades Eclesiais de Base. As reivindicações se relacionavam com interesses ligados à esfera da reprodução social, como nas campanhas contra o alto custo de vida, pelo acesso à posse da terra e por serviços de saúde, saneamento e transportes coletivos (p.510).

Durante a reabertura política ocorrida na década de 1980, e o início do período de redemocratização, ocorreram mudanças na formação e práticas dos movimentos sociais. Pela liberdade de organização político-partidária, abriu-se espaço para uma reaproximação entre movimentos sociais e partidos políticos, a exemplo das primeiras vitórias do PT no âmbito municipal.

A década de 1990, marcada pela implementação de políticas neoliberais no Brasil, foi concomitante a uma aguda aproximação e estabelecimento de parcerias institucionais entre agentes da sociedade civil das esferas públicas e privadas, a exemplo da colaboração entre empresas Organizações Não Governamentais (ONG'S), associações comunitárias e partidos políticos.

No meu ponto de vista, este momento não representou necessariamente um período de refluxo, mas, sobretudo, um processo de recomposição nos modos, instrumentos e táticas de organização dos trabalhadores. Justamente na década de 1990, em nível nacional, permaneceram em pauta diversas práticas de resistências, a exemplo das ocupações de latifúndios, terrenos e prédios urbanos e o período de maior crescimento e radicalização do MST, do qual o MTST recebeu fortes influências.

Debater sobre movimentos sociais *velhos ou novos (ou mesmo novíssimos)* é ir ao encontro de uma análise sobre a modernidade. A crise dos paradigmas dominantes, pressupostos científicos formulados a partir do século XVI, oriundos de uma racionalidade moderna e de uma cosmovisão eurocêntrica, sustenta-se pelo esgarçamento que estes paradigmas estariam sofrendo, perante uma infinita multiplicidade de circunstâncias de produção de saberes locais, de cosmovisões dos *povos do sul*, de saberes populares, também reivindicados como fontes autênticas de referência, logo, de conhecimento (SANTOS, 1988).

Tal crise de paradigmas ocorre em sincronia ao desenvolvimento de novos paradigmas, denominados como emergentes:

No paradigma emergente o conhecimento é total, tem como horizonte a totalidade universal de que fala Wigner ou a totalidade indivisa de que fala Bohm. Mas sendo total, é também local. Constitui-se em redor de temas que em dado momento são adotados por comunidades interpretativas concretas como projetos de vidas locais, sejam eles reconstituir a história de um lugar, manter um espaço verde, construir um computador adequado às necessidades locais, fazer baixar a taxa de mortalidade infantil, inventar um novo instrumento musical, erradicar uma doença, etc., etc. A fragmentação pós-moderna não é disciplinar e sim temática. Os temas são galerias por onde os conhecimentos progredem ao encontro uns dos outros. Ao contrário do que sucede no paradigma atual, o conhecimento avança à medida que o seu objeto se amplia, ampliação que, como a da árvore, procede pela diferenciação e pelo alastramento das raízes em busca de novas e mais variadas interfaces. (SANTOS, 1988, p. 65)

É lugar comum nos debates acerca dos movimentos sociais a caracterização destes como produtos da modernidade, sejam como novas expressões da expansão do modelo de exploração capitalista, ou como porta vozes do fim da “centralidade do trabalho”. Santos (1999) sustenta que:

A subjetividade colectiva da classe tende igualmente a reduzir à equivalência e à indiferença as especificidades e as diferenças que fundam a personalidade, a autonomia e a liberdade dos sujeitos individuais. Marx reconheceu isso mesmo, mas pensou que tinha a evolução histórica do capitalismo ao seu lado. O desenvolvimento das forças produtivas conduziria à proletarianização da esmagadora maioria da população e à homogeneização total do trabalho, da vida, e, portanto da consciência dos trabalhadores. O conceito classe visava precisamente contrapor à homogeneização reguladora do capitalismo a homogeneização emancipadora da subjetividade colectiva dos produtores diretos. (p. 209)

Aparentemente, Boaventura sustenta a superação da chamada centralidade do trabalho, a partir de uma abordagem sobre os processos de organização que perpassam os movimentos sociais. O sociólogo argumenta que, posteriormente ao desenvolvimento da modernidade em sua fase mais recente, haveria a reorganização dos processos de disputa da sociedade civil. Nesse contexto de reorganização, os (novos) movimentos sociais atuariam pautados mais por suas singularidades, pelas particularidades encontradas na formação de suas identidades, do que necessariamente pelo lugar que ocupam no modo de produção e no mundo do trabalho. Isso porque:

A novidade maior dos NMS⁵¹ reside em que constituem tanto uma crítica da regulação social capitalista, como uma crítica da emancipação social socialista tal como ela foi definida pelo marxismo. Ao identificar novas formas de opressão que extravasam das relações de produção e nem sequer são específicas delas, como sejam a guerra, a poluição, o machismo, o racismo ou o produtivismo, e a advogam um novo paradigma social menos assenta na riqueza e no bem-estar material do que na cultura e na qualidade de vida, os NMSs denunciam, com uma radicalidade sem precedentes, os excessos da regulação da modernidade. Tais excessos atingem, não só o modo como se trabalha e produz, mas também o modo com se descansa e vive; a pobreza e as assimetrias das relações sociais são a outra face da alienação e do desequilíbrio interior dos indivíduos; e, finalmente, essas formas de opressão não atingem especificamente uma classe social e sim grupos sociais transclassistas ou mesmo a sociedade no seu todo. (p. 222)

A meu ver, os movimentos sociais atuantes na cidade se apresentam como fruto das transformações globais que ocorreram na sociedade e que se refletiram não somente na organização do chamado mundo do trabalho, mas também nas possibilidades de questionamento dos próprios paradigmas dominantes. Reafirmar a centralidade do trabalho não nega por si só as singularidades presentes nas realidades locais; antes, contextualiza e traz à tona a fundamentação necessária para uma crítica epistemológica e social.

Pelos relatos que fiz durante o trabalho de pesquisa, me questionei sobre algumas das contribuições de Boaventura referente aos movimentos sociais e de sua própria concepção pós-moderna sobre a contemporaneidade, compreendendo esta como circunstancial e, sobretudo, localizada (ver figura 13). Apresento aqui parte de um diário de campo:

⁵¹Novos Movimentos Sociais.

“Seria a Classe em Movimento? – Breves considerações sobre o Ato do dia 20/08/2015
Fortaleza, 9 da manhã, trinta graus, sol forte.

O Brasil encontra-se numa grave crise política. Tendo como panorama uma crise econômica, o governo federal eleito no final do ano de 2014, propôs uma série de medidas de austeridade. Neste mesmo contexto, a sua legitimidade foi colocada em xeque pelo Congresso e pela Mídia, por suspeitas de corrupção. No dia 16 de agosto (domingo) houve uma manifestação nacional contra a corrupção e pelo impeachment da presidenta Dilma Roussef. Em resposta a esta conjuntura, durante cerca de um mês vários coletivos, partidos políticos e movimentos sociais se organizaram para realizar ações unitárias a fim de enfrentar o avanço de “forças conservadoras” e contra os cortes nas “pastas” sociais.

Pela manhã do dia 20/08/2015, (quinta-feira), o MTST marchou junto com alguns sindicatos, correntes sindicais e partidos políticos. O ato teve com concentração na Praça da Bandeira, contou com cerca de 2000 pessoas. Enquanto converso com outros manifestantes, sou interpelado por um ambulante, que vendia garrafas de água mineral e que também integrava o MTST. Ele fazia duras críticas ao governo federal e à presidenta Dilma.

Dos membros do MTST na manifestação, a maioria eram mulheres, com idade aparentemente superior aos 25 e abaixo dos 60 anos. Crianças aparentemente menores de 14 anos também estavam presentes. Os homens eram minoria, destes, a maior parte estava incumbida da garantia da segurança, trajando camisas brancas, garantindo a vanguarda e retaguarda durante a paralisação das vias.

Antes da saída da manifestação, os “sem teto” das duas ocupações que o movimento até então havia feito; Paupina e Maracanaú, divididos pelas ocupações das quais fizeram parte, se organizavam por filas. Ocorreu por repetidas vezes o apelo da direção do movimento para que os ex-ocupantes participem da manifestação. Para este controle, existem as folhas de assinatura. Essa prática realizada no início e no final da manifestação. Relembrei de Mauss e do Potlatch, sobre a “dádiva” e o “dar, receber e retribuir”. “Quem quer casa tem que ir pra rua”, foi o que ouvi entre os comentários daqueles que caminhavam.

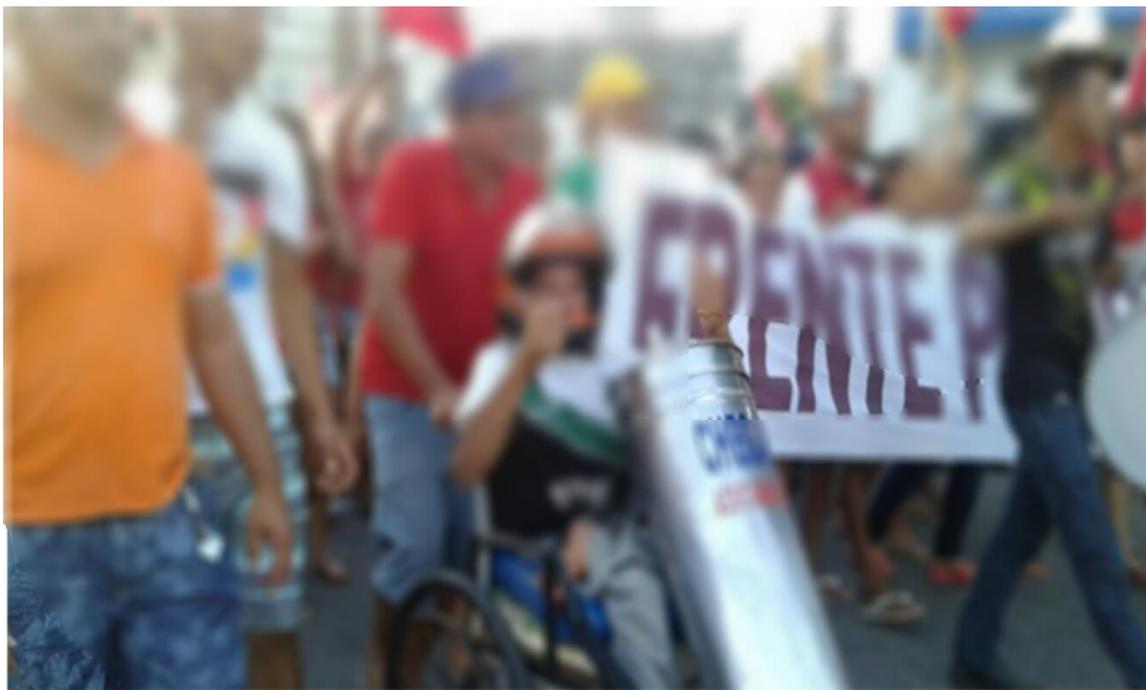
Durante caminhada, algumas jovens da Pastoral da Juventude (PJ), que estavam construindo o MTST faziam a agitação com palavras de ordem a exemplo: “Trabalhadores do Brasil, fogo no pavio, fogo no pavio.” “O povo unido jamais será vencido” “Aqui tem um bando de louco, louco por moradia, pra aqueles que acham que é pouco, não conhecem a noite fria”⁵². Além destas, também procuram animar a caminhada com as palavras de ordem e falas que criticam o modelo de habitação e as desigualdades sociais.

Marchamos até o ate o IFCE (onde Professores e Servidores estavam em Greve) e posteriormente ate a reitoria da UFC onde os servidores desta universidade estavam em assembleia, por também estarem em greve. Foi marcada uma reunião no próximo sábado pela manhã.

Irei. Sem mais. Escrito à noite, no Laboratório de Estudos da Cidade (LEC).”

⁵² Este último canto, em alusão a uma famosa música da Gaviões da Fiel, maior torcida organizada do time de futebol Corinthians e do estado de São Paulo.

Figura 13 –Ato da OPSM⁵³



Fonte: <https://www.facebook.com/mtstce/> Aceso em 16 jan. 2017

Noterrítóriourbanoperiférico, o roteiro do confronto social por melhores condições de trabalho entrelaça-se com confronto por melhores condições de moradia e de vida. O lugar-comum da moradia periférica abre potencialidades para construções e reconstruções de identidades em meio a novas formas de organização coletiva (BARREIRA; BRAGA, 1991).

Semelhante a outros movimentos sociais que atuam nos centros urbanos da América Latina⁵⁴, a criação do MTST tem relação direta com as transformações no mundo do trabalho e com o desenvolvimento da formação do espaço urbano periférico. Um estudo sobre os atingidos pela escassez de moradia, organizados num movimento que pauta o direito ao seu acesso, pode trazer elementos analíticos acerca desse quadro contraditório.

⁵³Nesta, um sem-teto deficiente físico com um capacete motociclístico, vestido com uma camisa do Ceará Sporting Club, um dos maiores e mais tradicionais clubes de futebol do Ceará, carrega um vasilhame de *chegadinha*, doce típico do nordeste - parecido com uma casquinha de sorvete, e é conduzido por uma cadeira de rodas durante um ato da OPSM.

⁵⁴Na América do Sul, a exemplo daqueles que protagonizaram lutas e conquistaram visibilidade nas últimas décadas, os *piqueteros* argentinos e a *fejuve* boliviana. Para maiores informações ver (MACHADO, 2009).

De acordo com sua própria denominação: “Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST)”, há referência explícita sobre determinada organização, que apresenta demandas inerentes à moradia. Segundo definição do próprio movimento, sua base social é composta por subproletários⁵⁵ que se encontram concentrados nas periferias. Busca organizar uma ampla parcela de trabalhadores que está fora do raio de ação do sindicalismo brasileiro, em meio às reivindicações decorrentes da questão urbana, tais como o direito cidade e à moradia.

Para o cumprimento dos seus objetivos, o MTST aposta na ocupação urbana como tática de ação direta contra o capital imobiliário, com grande potencial para a formação de experiências e organização popular no entorno das regiões ocupadas. Para tal, conta-se com um sujeito para a sua base social: a população pobre e periférica das grandes e médias cidades, vinculada a um eixo de atuação: a reivindicação por moradia, vinculada à reforma urbana. (BOULOS, 2014).

O MTST busca a atenção da população, da mídia e dos órgãos governamentais, por meio de ocupações de terrenos, marchas e outras atividades que intervêm no fluxo de pessoas e mercadorias. Essas práticas, não raro, contam com a solidariedade de outros coletivos e organizações políticas, embora o movimento se afirme autônomo em relação a partidos e sindicatos⁵⁶, formas histórias de organização das camadas populares no Brasil.

As formas de protesto dos movimentos sociais diferem de acordo com o tempo, espaço, base social e pautas de reivindicação. O modelo de organização do MTST se diferencia do modelo sindical, pois se afirma como um movimento popular que organiza os trabalhadores territorialmente, a partir da moradia. Assim, através da ocupação de terrenos, desloca a disputa por melhorias nas condições de vida, do território fabril, para o território periférico da cidade.

Diferentemente do que ocorre no espaço fabril, certas táticas como greves e piquetes – tradicionais elementos de enfrentamento entre trabalhadores e patrões – se mostram insuficientes como respostas organizativas para as condições presentes na luta pela moradia. Novas táticas são desenvolvidas, a exemplo das marchas que embora não paralitem a produção de mercadorias, impedem a sua

⁵⁵ Compreende-se como subproletários, uma parcela de trabalhadores em situação mais vulnerável às oscilações do mercado de trabalho, com baixa renda familiar e alheios a organização sindical e não raro, no setor informal.

⁵⁶ As relações entre o MTST e outras organizações políticas diferem de acordo com as circunstâncias e, sobretudo, de acordo com as peculiaridades da formação política de cada cenário regional.

circulação, e as ocupações de terrenos vazios que questionam a posse da terra como uma mercadoria valorizada sob a lógica da especulação imobiliária (BOULOS, 2014).

Numa conjuntura marcada por crescimento econômico e aprovação social do governo Lula, é inclusive no ano de 2007 que a nacionalização do MTST mostrou-se estratégica para a realização dos objetivos traçados em sua cartilha de militantes: a conquista da moradia, a reforma urbana e a transformação social pela via da construção de uma identidade coletiva. A partir de uma avaliação de refluxo dos enfrentamentos com o Estado, entre a desorganização e o enfraquecimento da luta sindical e dos movimentos populares, o MTST se expande e intensifica suas ações, sobretudo, durante os governos do PT.

CAPÍTULO 3 - SER SEM TETO

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte.” (Os Sertões – Euclides da Cunha)

Neste capítulo, apresento a compreensão do sujeito sem teto, a partir das contribuições daqueles que participaram da ocupação na Avenida da Estrada da Urucutuba. Lanço mão de um diálogo entre a *pesquisação* participante e a gravação (com posterior transcrição) de áudios, entre o redator textual que vos fala e alguns daqueles que construíram barracos. Discorro sobre o começo da identificação dos sujeitos com o movimento e com suas reivindicações, como ocorrem as ações coletivas, em que medidos ocupantes se identificam como trabalhadores sem teto em meio às experiências produzidas durante a prática da ocupação (o palco sobre o qual desempenham seus papéis sociais).

Durante a análise de dados, as entrevistas semiestruturadas foram subdivididas por cinco *personagens* principais em seis eixos temáticos. Os personagens foram: Margaret, George, Charles, Charlotte e Elizabeth. Os eixos foram: *trabalhos, trabalhadoras e trabalhadores, moradia, entrar na ocupação e ser sem teto, organizar o movimento e a pedagogia do MTST*. Ao final deste tópico há uma tabela explicativa simplificada sobre os entrevistados protagonistas deste capítulo.

3.1 Subproletários de alhures

O povo é bom. Quando eu saí daqui de Fortaleza pra fazer uma ocupação no Rio de Janeiro, se não tivesse o chiado[sotaque carioca], era a mesma coisa de você sair daqui de uma periferia. O povo é muito bom, e a gente não escolhe por acaso os locais que a gente tá ocupando. É a periferia mesmo (Charles).

Quem seriam os trabalhadores sem teto? Foi uma das minhas perguntas, no início da pesquisa. Compreende-se como famílias sem-teto todas aquelas que pagam um valor de aluguel superior a um terço da renda familiar, o que compromete o acesso a produtos básicos de consumo; que moram de favor na casa de parentes (moradia compartilhada) ou que, mesmo possuindo casa própria, as mesmas são locais insalubres, ou abrigam mais de três indivíduos por cômodo.

A compreensão do sujeito Sem-Teto pelo MTST perpassa uma análise da questão da moradia, envolvendo valores quantitativos e qualitativos. Segundo estudos feitos pela Fundação João Pinheiro (2015)⁵⁷, no Brasil, quantitativamente, existem seis milhões de famílias sem casa. Portanto, é estabelecido um número muito mais amplo que a população de rua ou que vive em barracos, estimada, segundo dados do IPEA (2016)⁵⁸, em 101.854 seres humanos.

Junto a este déficit quantitativo, há um déficit qualitativo de mais 15 milhões de famílias que mesmo com casa própria (regularizada ou não), são carentes de serviços básicos como saneamento, energia elétrica, coleta de lixo, etc. Estes, na sua maioria (67%), têm renda inferior a três salários mínimos.

Em geral, a base social do MTST é de trabalhadores com baixo poder aquisitivo e instabilidade de trabalho, localizados territorialmente nas periferias urbanas (BOULOS, 2014). Segundo um dos entrevistados para a presente pesquisa,

A gente tem como princípio do movimento, desconstruir a imagem do Sem-Teto já estabelecida, antes de entrar no movimento: Sem-Teto é o morador de rua, que não tem casa, que vive em estado de rua. Depois a gente vai entender que o cara que paga aluguel, que trabalha, ele não tem casa, ele tem uma casa pra dormir, mas as condições dele são um pouco melhores do que um morador de rua. O cara que mora na beira do rio, em situação de risco, talvez tenha uma condição melhor do que o cara que tem uma casa na comunidade, ele não tá muito melhor, ele também se encaixa no perfil do sem-teto. O sem-teto é o cara que não tem uma casa própria, não tem uma casa digna, acho que é parcialmente isso. (Entrevista realizada pelo autor em 17/09/2016, com Charles).

Em 2012, André Singer (2009) relacionou as mudanças no perfil dos trabalhadores brasileiros com as mudanças nas intenções de voto das eleições de 2006. Como foi mencionado no capítulo anterior, neste período, pela primeira vez, o PT recebeu apoio das camadas com poder aquisitivo inferior a dois salários mínimos. Esse apoio teve relação direta com as políticas de distribuição de renda, aumento do salário mínimo, microcrédito, investimento estatal no mercado da construção civil e habitação.

⁵⁷ Disponível em: <<http://www.fjp.mg.gov.br/index.php/docman/cei/723-estatisticas-informacoes-3-deficit-habitacional-16-08-2017-versao-site/file>>. Acesso em: 19 set. 2017.

⁵⁸ Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=28819>. Acesso em: 19 set. 2017.

Dando continuidade à sua pesquisa Singer (2012) verifica que 47% do eleitorado é composto por subproletários, uma parcela dos trabalhadores que sob diversas condições, recebem entre um e dois salários mínimos, acarretando vulnerabilidade financeira, endividamento e impossibilidade de aquisição da moradia própria e o pleno acesso a serviços de água, luz e saneamento básico, por exemplo. Neste mesmo período, do segundo governo Lula ao primeiro governo Dilma, ocorre a expansão e consolidação do MTST.

Em *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho*, o sociólogo Ricardo Antunes (1999) elenca o termo “classe-que-vive-do-trabalho” com o objetivo de retomar o conceito marxiano de “classe trabalhadora” para a contemporaneidade.

Em síntese, o argumento de Antunes é que a luta da *classe-que-vive-do-trabalho* é central quando se trata de transformações que caminham em sentido contrário à lógica da acumulação de capital e do sistema produtor de mercadorias. Outras modalidades de luta social (como a ecológica, a feminista, a dos negros, dos homossexuais, dos jovens etc.) são, como o mundo contemporâneo tem mostrado em abundância, de grande significado, na busca de uma subjetividade e de uma sociabilidade dotada de sentido. Mas, quando o eixo é a *resistência ou confronto à lógica do capital e à sociedade produtora de mercadorias*, o centro desta ação encontra maior *radicalidade* quando se desenvolve e se amplia no interior das classes trabalhadoras, ainda reconhecendo que esta empreitada é muito mais complexa e difícil que no passado, quando a sua fragmentação e heterogeneidade não tinham a intensidade do período recente (ANTUNES, 1999). Nesta categoria, *classe-que-vive-do-trabalho*, está a totalidade daqueles que vendem a sua força de trabalho, abrangendo as mudanças ocorridas nesta esfera, após a década de 1970.

No início da presente pesquisa, as categorias elaboradas por Antunes e Singer me eram suficientes. Encarava os Sem Teto como trabalhadores *alhures* e antes da sistematização dos diários de campo e entrevistas, buscava encaixá-los em categorias que não correspondiam a suas próprias percepções, como constatei depois.

Neste trabalho empírico sobre um caso concreto, os seres sem teto encontram-se localizados em determinada cidade, erguida por processos sociais e políticos específicos, tal qual a formação histórica dos seus trabalhadores e das suas experiências em organização. Acredito que nesta pesquisa podemos complementar e desenvolver qualitativamente o conhecimento social sobre os sem teto no Brasil. O que vivi e pude compreender “por dentro” do movimento em Fortaleza, me levou a elementos e detalhes mais nítidos, densos e complexos que qualquer conceito “euro-paulistano” poderia me trazer.

3.2 Os sem teto da Ocupação Povo Sem Medo

Margaret

[...] Eu nasci no interior do Ceará, em Santana do Acaraú, mas com oito anos eu vim pra cá, pra Fortaleza e a minha família e dos meus pais, sempre moramos de aluguel. Eu fiquei sabendo da ocupação e tô aqui. (Entrevista realizada pelo autor em 03/07/2016, com Margaret).

Margaret não quis revelar sua idade, mas aparenta ter cerca de 40 anos. Tem pele clara e baixa estatura, estava sempre acompanhada da sua filha mais velha, uma jovem de 16 anos. Nós nos conhecemos no segundo dia da ocupação, quando ela e uma amiga da sua igreja (Assembleia de Deus) construíam suas barracas com dificuldade. Naquela ocasião, o meu papel era de coordenador e informei-as sobre os acordos coletivos, sobre o proceder da construção do barraco e o horário da assembleia geral. No terceiro ou quarto dia, Margaret ergueu um novo barraco próximo à cozinha do Grupo 2 (G2), que até então funcionava sobre as ruínas do alojamento dos pedreiros.

Esbarrei e dialoguei com Margaret diversas vezes. Pelo protagonismo e referência da ocupante para os demais, convidei-a para uma entrevista em julho de 2016. Ela aceitou de bom grado, tornando-se minha primeira entrevistada.

Tentamos conversar dentro do terreno, na antiga casa dos pedreiros, num cômodo que estava sendo destinado para reuniões da coordenação da ocupação, porém, a dinâmica das atividades não permitiu a pausa e o silêncio necessários para que pudssemos dar prosseguimento ao diálogo com tranquilidade. Afastamo-nos para os fundos de uma lanchonete, localizada do outro lado da avenida da estrada da Urucutuba.

George

Sou coordenador do G1 e do setor de organização da Ocupação Povo Sem Medo. É, tenho 29 anos, no momento. Deus abençoe que eu chegue ao menos aos 40 (risos) (Entrevista realizada pelo autor em 15/09/2016, com George).

Conheci George logo no primeiro dia da ocupação, no sábado de manhã. Eu não havia dormido e quando levantei para tomar café e dar continuidade aos trabalhos de organização da ocupação, encontrei-o já “botando pra gerar”⁵⁹, ao seu modo hiperativo de realizar várias atividades, fosse na construção do seu barraco ou prestando auxílio e opinião sobre o barraco dos outros.

Aí eu já cheguei com tudo, já cheguei botando pra ‘gerar’. Construindo barraco, chamando a galera. Vamo que vamo e reunindo. Tem um monte de gente aqui conhecido meu já. Desde moleque mesmo, gente que me conhece, gente que eu abraço. Cara, isso aqui pra mim é uma vida, é uma história, é a minha história e, eu acho que eu nunca mais vou me esquecer disso, desse momento que eu passei aqui dentro desta ocupação. Eu vou participar de outras ocupações, mas essa daqui foi a primeira e é a que vai me marcar pra sempre. (George)

Creio que a identificação entre mim e George, assim como entre mim e Charles ocorreu por questões etárias e de gênero. Éramos próximos em idade e vez por outra, pela aproximação decorrente pela divisão de trabalho social na ocupação, cumpríamos tarefas em comum, de início na infraestrutura, buscando pessoas e materiais de construção, fosse para fazer postes improvisados para luz elétrica, canos para a instalação de água para as cozinhas, cobertura com lonas, construção de palcos dentro uma diversidade de serviços necessários para um acampamento/ocupação. George já havia trabalhado em inúmeras atividades, inclusive na construção civil. Apesar de não possuir diploma de especialista, sabia de tudo um pouco. Aprendi muito com ele.

Conheci por dentro a moradia de George, quando, em dada ocasião, ele me levou até a sua casa para pegar uma chave de fenda. Pude conhecer sua antiga residência (alugada), esposa, filho e cachorro, assim como um altar em que havia uma imagem de São Jorge. Por possuir identificação com tal santo, prolonguei a conversa e descobri que George era *afilhado* de *Pai III*, importante liderança religiosa (candomblé) da região, cujo apoio havia tido grande importância no trabalho de base para a ocupação.

⁵⁹ “Botar pra Gerar” ou “É o Gera!” São gírias que indicam ações de animação e/ou festivas, ações que geram outras ações, semelhante à expressão “Botar pra Quebrar”.

Apesar de conceber a religiosidade como elemento de elevada importância no cotidiano daqueles que convivi, não pretendo me alongar sobre a discussão da relação entre religiões populares e movimentos sociais. Citei a Assembleia de Deus e o Candomblé, a fim de compreender o contexto de muitas das aproximações e motivações subjetivas daqueles que ocupam. Isso não seria possível sem a proximidade por dentro “dos geras” que ocorriam na OPSM.

A entrevista com George ocorreu em setembro de 2016, dentro da OPSM. Após quase seis meses de ocupação, não estávamos mais no mesmo espaço social que encontramos e ajudamos a erguer anteriormente. Avançava o tempo de “fogo morto”. Rareavam os barracos e foram flexibilizados os acordos coletivos. George havia se divorciado e tinha outra companheira que conheceu durante a Povo Sem Medo. Moravam juntos lá dentro e haviam mobiliado parte da antiga casa de pedreiros.

Afastamo-nos um pouco dos barracos para iniciar a entrevista, às quatro horas e vinte e poucos minutos da tarde de um domingo. Percebi que George tinha muito para falar; portanto, procurei deixá-lo à vontade para que respondesse com o tempo e o modo que achasse necessário. Adiante, pela riqueza dos detalhes do que foi dito, apresentarei literalmente partes da transcrição. A forma de apresentação crua superou quaisquer tentativas frustradas de *tradução*. “Filosofia de fumaça analise, e cada favelado é um universo em crise.” (RACIONAIS MC´S. Da Ponte pra Cá, 2002)

Charles

[...] tenho 25 anos, sou fortalezense, nascido e criado aqui e criado em todos os bairros. A gente é meio nômade⁶⁰, Castelão, Barroso II, Tancredo Neves, Jangurussu, José Walter, Mondubim, Montese e agora Bom Jardim.”(Entrevista realizada pelo autor em 17/09/2016, com Charles).

Conheci *Charles* em julho de 2014, na ocupação Copa do Povo. Ele me apresentou ao MTST enquanto caminhávamos. Alguns meses depois, soube que havia ido para o Rio de Janeiro, participar da ocupação Zumbi dos Palmares, como uma espécie de intercâmbio de aprendizado entre cearenses e cariocas do MTST.

⁶⁰Para outras informações sobre os fluxos migratórios e movimentos pendulares na região metropolitana de Fortaleza, ver: ARAUJO, (2010).

No final de 2014 nos encontramos novamente, lutando contra o aumento de passagens de ônibus novamente alguns meses depois, quando visitei a ocupação Bandeira Vermelha. Mantínhamos até então uma relação distante e por vezes áspera, pelas diferenças entre as organizações das quais fazíamos parte. Naquele momento, eu ainda fazia parte do Coletivo RUA.

Aproximamo-nos somente após a ocupação do CUCA Jangurussu, em março de 2016, à medida que conversávamos e convergíamos politicamente durante os momentos de tensão e tomada imediata de decisões.

Charles, negro, baixo e magro, foi uma das principais lideranças da ocupação Povo Sem Medo, participando e dando apoio a todas as coordenações, setores e grupos desde o primeiro momento. Carregamos juntos o caminhão de bambus, ocupamos, participamos da primeira assembleia, dividimos tarefas, medos e assistimos a violências e solidariedades. Reafirmamos durante a ocupação, nossas distintas trajetórias, cores de pele, padrões de consumo, anseios e oportunidades, embora também tenhamos nos reconhecido naquilo que nos unificava: nossos inimigos em comum, valores, crenças, responsabilidades, indignações e opções de classe.

Foi na escola que estudou no bairro da Sapiranga, EEFM João Nogueira Jucá, que Charles iniciou a sua formação política, ainda no movimento estudantil. Neste mesmo lugar, conheceu Douglas, Robert e outros membros do MCP do núcleo Parque Água Fria, que também vieram a compor posteriormente o MTST.

Entre os cinco entrevistados deste capítulo, Charles foi o único que já havia participado de outras ocupações antes da Povo Sem Medo. Como os demais, *tornou-se MTST*, construindo sua relação de identidade por dentro da ocupação. A Copa do Povo foi marco da sua entrada no Movimento. Em maio de 2016, já havia participado de três ocupações em Fortaleza e uma no Rio de Janeiro.

Morou durante alguns meses na ocupação, onde conheceu sua atual companheira, *Diana*. Após alguns meses mudou-se para o Conjunto Miguel Arraes, onde passou a morar junto com Diana e três filhas dela. Tive algumas dificuldades para entrevistá-lo, pois com sua nova rotina, como chapeiro⁶¹ na cozinha de uma lanchonete, precisava trabalhar muito, das 18 horas da noite às 4 horas da manhã,

⁶¹Cozinheiro que trabalha com fogão de chapa, a exemplo daqueles que preparam hambúrgueres em restaurantes *fast-food*.

longe de sua residência. Durante o dia, estava dormindo pelo cansaço da longa e noturna jornada.

Entrevistei-o no seu local de trabalho, em setembro de 2016, uma hora antes do mesmo entrar na cozinha de uma lanchonete no Jangururu. Havia muito barulho e trânsito de pessoas, além do incomodante olhar do seu chefe, que o via sentado, dando uma entrevista.

Charlotte

[...] Sou coordenadora do G5. Tenho 24 anos. Sou nascida aqui mesmo em Fortaleza. Antes de vir pra cá, eu passei algum tempo no Siqueira, outros tempos no Jatobá e depois eu vim para a Ocupação Povo Sem Medo aqui no Bom Jardim (Entrevista realizada pelo autor em 24/06/2017, com Charlotte).

Charlotte, negra e robusta, não me era próxima como outros daqueles que ocuparam. Acredito que nos conhecemos com pouco mais de um mês de ocupação, quando ia almoçar nos finais de semana no grupo cinco (G5), um dos mais organizados. Porém, na época, da entrevista, não havia mais cozinha neste ou em qualquer outro grupo. As cozinhas tornaram-se individuais.

No final da tarde de um sábado, encontrei-a comendo pipoca com amigos. Reconheceram-me e perguntaram o porquê de eu estar tão sumido; aproveitei para explicar que fazia uma pesquisa e convidei Charlotte para contribuir para meu trabalho. Ela, ainda que tímida, aceitou. Nos afastamos até o campo onde outrora aconteciam as assembleias. Esta foi a penúltima entrevista e ocorreu ao fim de junho de 2017.

Elizabeth

“[...] Eu nasci em São Paulo, vim pra cá pro Ceará com 12 anos, voltei pra São Paulo com 14 e depois retornei com 16 com a minha família, com meus pais e meus irmãos. Morei no interior daqui (Itapiúna). Com 18 vim para Fortaleza. Hoje eu tenho 33 anos e estou aqui agora lutando pela minha casa. Não tenho mais pais. Minha mãe morreu já faz 10 anos e meu pai morreu ano passado. Tenho três filhos. Um de 15, um de 10 e um de 7 anos. É isso.” (Entrevista realizada pelo autor em 01/07/2017, com Elizabeth).

Elizabeth é mãe solteira. De fala articulada, aparenta ascendência negra e indígena. Foi coordenadora do Grupo 4, talvez aquele com maior dinamicidade e organização dentro do OPSM. Sempre nos víamos nos atos e demais atividades, mantendo um contato amistoso, mas com pouca proximidade.

Foi minha última entrevistada: pela sua destacada atuação no seu grupo, me foi indicada por outra companheira da coordenação estadual do MTST. Realizei essa entrevista no início do mês de julho de 2017, período excepcionalmente chuvoso em Fortaleza. Pudemos conversar demoradamente sob um barraco remanescente no meio da ocupação, ilhados pela chuva.

Seguindo o roteiro de entrevistas e modificando-o quando julgava necessário, iniciei nossa conversa por questionamentos referentes tanto aos trabalhos que realizou na ocupação quanto nas suas atividades profissionais.

3.3 Trabalhos; trabalhadoras e trabalhadores

Inicialmente, descrevi as características dos Sem-Teto, sem interpretar suas próprias opiniões. Posteriormente, no exercitar do *olhar sociológico*, percebo que para além (ou mesmo derivadas) das características em comum relacionadas ao mundo do trabalho, minha hipótese inicial, os que participam da ocupação se identificam por um conjunto de *circunstâncias* elaboradoras de experiências, práticas e situações de moradia.

Exponho aqui o ponto de vista de um dos principais dirigentes do MTST CE, *Robert*, sobre os tipos de trabalhadores presentes nas ocupações que o movimento realiza. São destacados os trabalhadores da construção civil na informalidade, feirantes e mulheres que cuidam de crianças, sejam mães ou avós. A seguir, discorro sobre outros questionamentos oriundos dos relatos dos cinco interlocutores citados anteriormente.

No geral, era um público bem parecido. Um trabalhador na sua maioria da construção civil informal, trabalhador informal. Aqui eu estou notando uma grande presença de feirantes, de pessoas que trabalham com feira, com o comércio informal. Em Maracanaú também você tinha por conta da Ceasa, que era a central de abastecimento. De uma maneira geral, você tem um público jovem atuante ali, um público de trabalhadores no setor da construção civil. Inclusive eles são muito importantes para a infraestrutura da ocupação. Tem outro ingrediente que é a mulher, a cuidadora. A mulher que está ali pra cuidar de seus filhos e que está ali, às vezes, se organizando em função da moradia de um filho ou de uma filha que já tem

um filho também. Isso aí também é um público... Mas essa composição é uma composição muito comum das ocupações que a gente fez aqui no Ceará. E acredito que seja comum ao perfil de ocupação também do MTST e dos movimentos de moradia no restante do Brasil. Então, jovem, né, trabalhador informal da construção civil, um trabalhador que faz e executa um trabalho braçal, digamos assim, um homem forte que consegue construir, edificar rapidamente a ocupação e mulheres que são avós/mães e que estão por elas, mas sempre também muito cuidando por outra pessoa, por um filho ou por uma filha que tem um bebê pequeno, ou porquê tá impossibilitado de participar da luta por algum motivo. (Entrevista realizada pelo autor em 26/06/2016, com Robert).

Figura 14 – Tomato, ocupante, trabalhando no setor de infraestrutura da OPSM



Fonte: <https://www.facebook.com/mtstce/> Acesso em 16 jan. 2017.

Margaret, ainda muito jovem, através de um contato vindo do seu pai, foi empregada como costureira industrial. Trabalhou nessa atividade por muitos anos, apesar do grande desgaste físico e das dificuldades de conciliar a profissão com os estudos. Após o nascimento dos seus filhos, pela dinâmica do trabalho doméstico, teve que abandonar a costura e passou a trabalhar como ajudante em festas, casamentos e demais eventos similares. Apesar da sazonalidade e incertezas deste novo trabalho, sente-se satisfeita, pois a flexibilidade de tempo e as atividades mais leves compensam perante os desgastes laborais da costura para empresas de confecção.

O meu primeiro trabalho foi de costureira. O meu pai falou com um amigo dele que tinha uma pequena empresa e eles me ensinaram a e eu aprendi a profissão de costureira. Eu trabalhei um bom tempo durante uns 15 anos. [...] Quando eu trabalhava de costureira, assim de início eu, eu gostava, depois se tornou muito cansativo porque tinha que sair de manhã e chegar à noite. Aí eu estudava de noite, eu não tinha, praticamente, eu achava que não tinha tempo pra viver. Só chegava, saía de manhãzinha bem cedo e chegava em casa já pra dormir, porque tinha que sair de manhã cedo de novo. E aí eu fiquei muito cansada e resolvi não querer mais esse trabalho. E não tenho vontade de voltar. [...] Mas aí eu saí, deixei de trabalhar por conta que eu tive filho e depois, há pouco tempo eu comecei a trabalhar em festas, com eventos. [...] Hoje mais, é assim, nos fins de semana. Fins de semana e quando tem alguma, algum evento, assim, as pessoas me chamam e eu vou. Às vezes, passa uma semana sem ter, às vezes duas, mas às vezes tem mais de duas na semana, é isso. À noite, geralmente à noite, até meia-noite, até 11 horas. Festa infantil é até 11 horas e outra se for casamento ou 15 anos, é até mais tarde, duas horas, três horas, depende de como estiver a festa. [...] e eu gosto desse trabalho. Gosto porque é assim, não é um trabalho fixo que eu preciso sair de manhã e só chegar à noite. Eu posso ir, quando eu não puder ir também, não tem problema e é assim, é free lance. (Margaret)

Enquanto Margaret encontra-se satisfeita com um trabalho ocasional, Charles, auxiliar de cozinha, ansiava por obter um emprego com carteira assinada. Participou dos primeiros meses da ocupação Povo Sem Medo, quando se encontrava desempregado. Logo que conseguiu emprego, afastou-se das atividades da OPSM.

Eu tenho como profissão chapeiro, chapista, auxiliar de cozinha. Trabalho no ramo de alimentos há oito anos, desde os meus 17 pra 18 anos. Sempre trabalhei à noite e meu ramo é esse. Tudo que é relacionado à cozinha, a restaurante, eu trabalho mesmo. (Charles)

Quando pedi que George se apresentasse e falasse sobre o seu trabalho, ele me relatou um histórico de luta que vincula a dureza de sua vida, representada pelo seu pequeno corpo esguio e pelo seu modo apressado e efusivo de falar (o corpo que fala). O drama de George tem como esquetes do trabalho infantil ao desemprego quando adulto, perpassando a sobrevivência a doenças e acidentes, por ausências da figura paterna e da presença da mulher/mãe cuidadora como nó familiar.

Eu sempre trabalhei com pintura, mas eu faço muitas outras coisas. Como eu já disse eu já fui ferreiro armador, gari, eu já fui gari, vendedor. Tenho como profissão de vendedor também. Passei dois anos trabalhando de motoboy na estrada. Eu só parei depois que eu me acidentei aí eu fiquei meio que entre a vida e a morte novamente [risos] e eu acabei desistindo da moto porque minha mãe disse que se eu voltasse a subir em cima de uma moto eu ia morrer. [...] Agora eu me profissionalizei como pintor também, tô com oito anos na área de pintura e no momento eu sou pintor mesmo. [...] Já com três meses que eu tava desempregado e a minha vida tava bastante complicada. Comecei trabalhar ontem, fazendo três blocos, fachada e textura. De segunda a sexta. [...] Me separei há três dias. A história continua, esse é meu dilema. Eu já fiz vários serviços. Eu comecei a trabalhar com 8 anos de idade, eu vendia verduras na rua mesmo, porta a porta. As vezes eu ia pra feira com os meus irmãos, a gente vendia verduras, depois eu comecei a juntar areia do rio, Rio Maranguapinho. Juntava areia pra encher carrada de caminhão de doze metros, isso eu era criança, com 9 anos de idade. Nesse tempo eu peguei meningite aguda. Fiquei 28 dias em coma no hospital, no hospital São José. [...] Minha vida sempre foi muito dura, nunca foi muito fácil. Minha mãe, eu e meus irmãos pra sobreviver, tínhamos que se virar e fazer de tudo. Com o tempo adoeci de novo, passei um bom tempo adoentado. Era um risco de tuberculose, mas graças a Deus foi só uma infecção, não foi nada grave, aí passei 15 dias só de repouso, tranquilo. [...] Em seguida eu fui trabalhar de servente, com doze anos de idade. Trabalhei de servente nas obras, obras públicas inclusive, obras da prefeitura. Eu era conhecido como “piolho de obra” porque quando chegava a fiscalização, eu me escondia dentro dos buraco. Parecia tatu. Quando a fiscalização ia embora eu tornava a trabalhar de novo novamente. Após isso eu fui caçar lata que não tinha trabalho, o pessoal não queria me colocar pra trabalhar aí eu fui caçar lata mais o meu cunhado, esposo da minha irmã. A gente passou um bom tempo caçando lata. Juntamos um dinheiro e conseguimos comprar dois milheiros de banana na feira ali na CEASA. [...] A gente saía 3 horas da madrugada, ia a pé empurrando dois carrinhos, eu “meninoréi” ainda, nunca tive muito corpo né, sempre fui pouquinho. Eu cheguei a ganhar um corpinho depois que eu comecei a trabalhar de verdade. Comecei a ganhar um dinheirinho de verdade. Então surgiu uma oportunidade de viajar com o meu pai. Meu pai me levou pra mim trabalhar com ele, aprender a trabalhar de ferreiro armador e então eu fui com ele e passei seis meses na empresa Marfa engenharia e eu trabalhei de ferreiro armador lá e eu era chefe de equipe. Depois eu voltei, voltei pra casa. [...] Com dois dias que eu tinha voltado, eu viajei de novo, mas foi por uma empresa de caminhão. (George)

O dilema da história de vida de George apresenta a tessitura de um contexto social semelhante, por vezes comum, a todo aquele que ocupa; e único, encarnado em cada personagem individual, componente da *massa* que ergueu a ocupação. George é semelhante a vários dos *tipos* de homens presentes na OPSM. Foi feirante, é jovem e trabalhador informal da construção civil.

A frequência das permutas entre empregos (com e sem carteira assinada) é comum tanto entre homens, como entre mulheres da ocupação, como é o caso de Charlotte.

Meu primeiro trabalho, eu trabalhava numa lanchonete, no final da linha de ônibus. Assim, de carteira assinada né? Mas antes, avulso, eu trabalhava cuidando de criança. Cuidei de várias crianças já. [...] Sim, eu trabalhava numa churrascaria. Eu saí mais por causa do horário. Eu pegava de 4 da tarde e largava as 4 da manhã. Fica muito puxado. E também tinha minha mãe, eu não podia deixá-la muito tempo só. Por ela ter problema de Alzheimer. Eu tinha muito medo de deixar ela. Por que ultimamente ela tava muito fujona, ela fugia muito. Toda vida que eu ia procurar ela não tava mais em casa, tinha saído. Mas... Pretendo sim [ter um emprego], melhor. Que dê pra eu dividir o horário com o emprego e com ela. Por que no momento ela não pode mais ficar só. Precisa muito de um acompanhante. De ajuda. Pra tudo.[...] No momento eu estou só mesmo cuidando da minha mãe. Que mora comigo, tem 62 anos, está com uns problemas de saúde. Eu to cuidando dela. Mas trabalhando mesmo, no momento não. (Charlotte)

Ela é uma das poucas que não tem filhos. Apesar de não ser mãe, também cumpre papel de *cuidadora*, sendo a única ocupante a cuidar da mãe, que veio morar com ela na Povo Sem Medo. Os laços de solidariedade entre os sem teto mantiveram a família, mãe e filha, na ocupação. Dias após a entrevista, a mãe de Charlotte fugiu mais uma vez, sendo encontrada somente após três dias e três noites. Imobilizado, por não poder fazer mais que divulgar fotos em redes sociais, me sensibilizei perante sua aflição, durante a última fase do trabalho de campo.

Assim como Margareth, Elizabeth teve como primeira profissão a costura, que lhe foi ensinada por sua mãe, quando moravam em São Paulo. Mãe e filha trabalhavam para uma proeminente marca de roupas de preços populares. Pela quantidade de peças demandadas, vez por outra, terceirizavam serviço, contratando outras costureiras. Este contrato não necessariamente gerava maiores lucros, aparentemente, pela localização subalterna de ambas no mercado de vestimentas.

Meu primeiro trabalho foi como auxiliar de costureira. Aprendi com a minha mãe, ela era costureira em São Paulo, ela trabalhava em casa. Ela trabalhava pra C&A. Hoje eu posso dizer que sou costureira, eu não digo que sou profissional, mas eu trabalho em várias máquinas industriais, sei trabalhar em vários tecidos e aprendi com a minha mãe. Por que eu fui obrigada a aprender, é uma profissão que eu não gosto, mas eu acho muito bonito quem exerce ela. Eu não gosto porque eu não aprendi por amor, eu aprendi por obrigação. Em ver sua mãe sofrendo em cima de uma máquina para dar o sustento dentro de casa com três filhos pequenos. E não ter lucro porque em São Paulo tudo é caro. Um aluguel é caro, uma comida é cara, o convívio é caro. Então eu vi todo o sofrimento da minha mãe. Quando ela colocava alguém profissional para ajudá-la, as pessoas só se preocupavam em receber o seu dinheiro e não em dar a produção. Então eu fui obrigada a aprender para poder ajudá-la, para ela não precisar pagar ninguém de fora. (Elizabeth)

Como tantos outros que estiveram na OPSM, buscando afastar-se das exaustivas jornadas do espaço fabril, Elizabeth migrou de ramo. Foi para o setor de prestação de serviços, trabalhando em telemarketing, atuando na *recuperação de créditos* de uma grande empresa de planos de saúde. Após três anos, visando tornar-se coordenadora da OPSM, afastou-se do emprego, dividindo o seu tempo (até o período desta entrevista) com trabalhos temporários e as demandas da organização da OPSM e por consequência, do MTST.

Como indicam outros estudos que relacionam gênero e manifestações sociais (ENGELS, 1995; PAOLI, 1991; SAFFIOTI, 2013), a questão de gênero exerce papel significativo na composição, divisão de trabalho interno da OPSM e uma possível elaboração explicativa do perfil daqueles que ocupam. Sobre a relação gênero e movimentos sociais, Paoli (1991) afirma que:

[...] ao interagir com outros lugares cognitivos, o gênero transcende seu contexto de origem sem se dissolver como modo de conhecimento das relações e da ação social. Tudo depende de como as identidades postas nos movimentos estão operando estas relações. (p. 117)

Entre os homens, percebe-se a presença de diversas categorias de trabalhadores informais ou terceirizados, seja no setor do comércio, prestação de serviços ou construção civil. Essas características estarão presentes na rapidez da construção dos barracos, na iluminação e capitalização de serviços clandestinos de água, luz e até internet, ainda nos primeiros dias da ocupação. A organização interna da ocupação tenta inserir esses homens na comissão de infraestrutura, o que é feito com maior intensidade aos finais de semana, apesar das dificuldades.

A maioria das mulheres tem filhos e experiência de trabalho nos setores secundário (indústria) e terciário (prestação de serviços), e inserem-se na ocupação a partir da organização das cozinhas. Há uma maior flexibilidade de faixa etária no gênero feminino, encontrando-se mães jovens e avós, adolescentes e aposentadas. As mulheres *cuidadoras*⁶² da OPSM, em sua maioria, são trabalhadoras negras que

⁶² O conceito de *cuidadora* me remete à música *Mama África*, do cantor, compositor e instrumentista paraibano Chico Cesar: “Mama África, a minha mãe, é mãe solteira e tem que fazer mamadeira todo dia. Além de trabalhar como empacotadeira nas Casas Bahia. Mama África tem tanto o que fazer. Além de cuidar neném, além de fazer dengüim. Filhinho tem que entender, Mama África vai e vem, mas não se afasta de você. [...] Quando Mama sai de casa, seus filhos de olodunzam, rola o maior jazz. Mama tem calo nos pés. Mama precisa de paz. Mama não quer brincar mais. Filhinho dá um tempo. É tanto contratempo. No ritmo de vida de Mama...” Assim como também me remete a um trecho da música *Negro Drama*, do grupo de rap Racionais Mc’s [...] Daria um filme. Uma negra e uma criança nos braços, solitária na floresta de concreto e aço. Veja. Olha outra vez seu rosto na

expressam os transtornos decorrentes da divisão do tempo entre o trabalho na *produção* fora de casa (quando empregadas), e a *reprodução*, no cuidado dos seus familiares dentro de casa.

Figura 15–Mulheres da OPSPM em marcha.



Fonte: <https://www.facebook.com/mtstce/> Acesso em 16 jan. 2017

3.4 Moradia

Margaret, vinda de Santana do Acaraú, morava há muitos anos no bairro Bom Jardim e não possuía casa própria. Chegou a Fortaleza ainda criança, vinda com a sua numerosa família na esperança de melhorar de vida. Vieram morar no Bom Jardim pelo baixo valor do aluguel neste bairro:

multidão. A multidão é um monstro sem rosto e coração. Hei São Paulo, terra de arranha céu. A garoa rasga a carne é a Torre de Babel. Família brasileira – dois contra o mundo. Mãe solteira de um promissor vagabundo. Luz, câmera e ação, gravando a cena vai. Um bastardo, mais um filho pardo sem pai [...].

No interior a gente morava numa casa, a casa era relativamente boa, era uma casa grande, só que lá tinha muita dificuldade. Meu pai já trabalhava aqui, em Fortaleza, e a gente ficava lá e a minha mãe resolveu que queria vir pra cá pra melhorar de vida, com a família. [...]O primeiro bairro que morei foi no Jardim das Oliveiras. A gente veio em cima de um caminhão de carga. Ficamos no Jardim das Oliveiras e seguida, uns dois meses, eu acho a gente veio pra cá pro Bom Jardim. Não saímos mais. Foi em 1982. [...] E aí, a gente veio e a primeira casa que a gente alugou aqui no Jardim das Oliveiras era uma casinha pequena de três compartimentos. Nós éramos dez, onze pessoas, nove irmãos e ficou um tempo nessa casa, mas aí já tava muito difícil lá. De lá, a gente veio pra cá pro Bom Jardim porque ele conseguiu aqui uma casa melhor pra alugar e ficava melhor pra ele ir trabalhar também. E aqui a gente morou em várias casas de aluguel.” (Margaret)

Foi-me perceptível que mesmo estando junto à reivindicação pela moradia e reconhecendo-se como pobre, por não ter condições de pagar o aluguel, Margaret não aparentava ser uma das pessoas com maior carência financeira na ocupação. Apesar de não ter casa própria, morava com a sua família numa casa cedida. Por não pagar aluguel, a ausência do oneroso gasto mensal fazia diferença na renda familiar.

Pronto, essa casa que eu moro hoje, tem quatro compartimentos com banheiro. Eu moro com meu marido e mais dois filhos. Eu cheguei lá, eu morava de aluguel só que eu estava sem condições de pagar. Meu irmão cedeu ela pra mim. Ele cedeu pra mim morar enquanto eu conseguir melhorar a situação, né? Eu gosto de lá e estou esperando conseguir a minha casa própria pra devolver a dele. (Margaret)

A Avenida da Estrada da Urucutuba possui vários terrenos abandonados nas suas margens e muitos deles foram alvos de outras ocupações. Muitos dos moradores do entorno não só sabiam dessas práticas, como também já haviam participado de atos de ocupar antes da Povo Sem Medo. Segundo relatos, a maioria destas ocupações foram dispersas e encerradas após poucos dias ou no máximo semanas, pela ação da polícia militar.

George teve contato com ocupações de terreno ainda na infância, a casa em que sua mãe mora hoje foi conquista decorrente de uma destas. É secretário de uma associação local de moradores e conheceu o MTST durante o trabalho de base na sede desta entidade. Expressa ao longo do seu relato três práticas comuns dos que se encontram na *condição sem teto*: a moradia de favor, a autoconstrução e o aluguel. A condição Sem Teto faz-se também expressão da situação socioeconômica daqueles que não possuem moradia própria. Neste sentido, a ausência da posse da

mercadoria habitação incide sobre determinados modos de vida, culturas, práticas com saber histórico, compartilhadas e vividas pelos pobres:

Bem, com 3 anos de idade morava numa casa cedida na Jurema, a gente passou um bom tempo lá porque meu pai cuidava do sítio. Meus pais eram caseiros e eles saíram, foram expulsos. Então a gente foi pra uma ocupação dentro da Jurema, na Caucaia, a gente passou um bom tempo lá, morando nessa ocupação na Jurema. De lá nós saímos pra outra ocupação que era dentro do Genibaú. De lá a gente não saiu. Nessa ocupação teve até cavalaria. A gente conquistou o terreno lá, meu irmão se escondeu dentro de um buraco dentro de um terreno. A cavalaria passava e a galera marcava tudo de novo e assim foi. Passaram vários meses assim até que, parece que o governo desistiu e acabou deixando. Então minha mãe até hoje ainda ela mora lá.[...] Porque é uma coisa que eu já tenho de mim, eu já vim de ocupações, a casa da minha mãe é através de ocupações né e eu gosto de tá no meio do povo. (George)

Faz parte do ser sem teto o fazer por si: a autoconstrução foi realidade de George na sua infância, porém, como qualquer outra prática, a exemplo da própria violência, é concebida em determinadas circunstâncias. Num contexto *fluído* de imprevistos, migrações, fugas e sobrevivências, a autoconstrução não é viável, na medida em que a moradia (que também é uma mercadoria) requer elevado número de horas de trabalho e insumos, indisponíveis para o tempo no qual vive o Sem-Teto. Faz-se imperativo o aluguel:

[...] Essa casa a gente construiu, todos nós juntos, eu e meus irmãos. Foi lá que eu passei a maior história da minha vida, até os meus 14 anos de idade, foi quando eu saí pra ir morar sozinho que ela foi morar comigo. Moramos 3 meses juntos numa casa de aluguel que eu aluguei [...] por causa de agressões dentro de casa pelo meu pai. [...] Aquela casa que eu morava quando tava junto era alugada. Era 450 reais o aluguel dela, inclusive tá três meses atrasado e o cara tá me ligando todo dia pedindo pra pagar e eu não tenho dinheiro [risos.] (George)

Charlotte morava num bairro próximo ao Bom Jardim, o Siqueira. Quando perdeu o emprego, não pode continuar a pagar o aluguel. Teve que morar de favor por algum tempo com a sua mãe, na casa de sua irmã. Veio ao Bom Jardim em decorrência da ocupação, incentivada pelo seu cunhado. As redes configuradas a partir das relações familiares são de suma importância para o desenvolvimento de contatos e demais atividades sociais desempenhadas pelos ocupantes. Grande parte daqueles que ocuparam, vieram através da comunicação entre parentes.

Eu morava no Siqueira. Ali nas proximidades da Osório de Paiva. Morava de aluguel. No momento eu tava desempregada. Aí eu peguei tive que sair do aluguel, tive que entregar a casa por não ter como pagar e fui morar com minha irmã. Aonde eu passei uns três meses antes de vir pra ocupação. Porque a única pessoa que eu ainda podia contar muito era ela. Ela era a única que me ajudava.[...] Tanto que com uns três meses que eu tava lá, foi a época que começou a ocupação aqui no Bom Jardim que meu cunhado me falou. Ele disse que não precisava morar. Era só assinar e ficar participando. Aí eu vim. Com quatro dias que tinha acontecido a ocupação. Na primeira noite eu já fiquei. Não tinha nem barraco, eu capinei com a minha irmã, a gente ficou. Arranjaram um barraco pra nós, nós dormimos. No outro dia nós fizemos o nosso. (Charlotte)

Elizabeth disse-me que mora numa pequena habitação de cinco cômodos (compartilhada) com seu irmão no Conjunto Miguel Arraes. Também me disse que sente muito pela perda da guarda de sua filha para seu ex-marido, que ocorreu após o seu *envolvimento* com a ocupação e por não ter como contratar alguém para cuidar da sua caçula enquanto ia trabalhar. Seu ex-marido conta com uma companheira que não trabalha fora do lar, atuando numa espécie de “regime de dedicação exclusiva” para a *reprodução* da força de trabalho e das relações familiares.

Morei com a minha filha, minha filha de sete anos. Desde que ela nasceu eu sempre criei ela, então sempre foi nós duas. Morei em várias casas. Era complicada a minha vida, porque eu tinha que sair sete horas da manhã pra trabalhar. Tinha que me preocupar em alguém levar ela para o colégio, alguém buscar ela para o colégio, pagar aluguel, colocar comida dentro de casa, chegar sete horas da noite, a pessoa ainda estar lá com a minha filha. Era bem complicado, mas era bom. [...] As dificuldades. Como eu sou mãe solteira, o pai da minha filha nunca me ajudou em nada. Mas quando eu comecei a passar por algumas dificuldades, eu nunca procurei a minha família, eu procurava a família do meu ex-marido, meu sogro. E o meu sogro comprou um apartamento aqui no Miguel Arraes. Então eu me mudei para o Miguel Arraes porque ficava mais fácil, pois a mulher do meu sogro que não é mãe do meu ex-marido, é outra mulher, ela é madrinha da minha filha. Então era mais fácil ela ficar com a menina. Era mais fácil pra mim. Foi por isso que eu vim para o Miguel, para o Bom Jardim, para eu ter uma proximidade da minha filha com pessoas do pai dela. A minha casa é um apartamento com dois quartos, uma sala, uma cozinha um banheiro. Ela é alugada, eu pago trezentos reais nela. Eu não, meu irmão. Na verdade, hoje mora só eu. Meu irmão mora comigo e a minha cunhada, mas a minha cunhada está no interior esperando neném. Só vai voltar quando o neném nascer e o meu irmão trabalha viajando, ele mal fica em casa. Ele vem uma vez no mês, passa um final de semana e volta. Praticamente sou eu sozinha. E a minha filha, estou com um probleminha com a guarda dela, mas logo-logo ela estará comigo novamente (suspiro.) (Elizabeth)

Pelo relato de Elizabeth, considero que o valor do aluguel é um fator preponderante para uma *condição nômade*, estabelecida pela migração interna dos sem teto pelos bairros periféricos da cidade. Ao reivindicar-se como moradora da periferia, por não possuir *vícios*, Elizabeth afirma-se como possuidora de *boa*

índolee com prazer em habitar bairros com estreitas relações de vizinhança, refletidas pelas calçadas movimentadas no período da noite.

Bom, aqui em Fortaleza eu morei no bairro Autran Nunes. Lá era alugado, eu também morei no Henrique Jorge por um tempo. Ainda cheguei a morar uns dois meses. No Henrique Jorge como é um bairro um pouco mais nobre da periferia, as casas eram boas, porém caras. Fui para o Autran Nunes, como é mais perto da periferia, eram casas menores, mais em conta, quitinete. A moradia em si, eu acredito que você mora em qualquer lugar, quem faz a moradia é você. Eu nunca tive problema em morar em periferia. Falo com todo mundo, tenho amizade com todo mundo, não vou envolvida em nada. Não bebo, não fumo, não uso drogas. Eu acho que morar em periferia não está dizendo nada. É até melhor, eu gosto de ver gente. A minha irmã mora no Castelão, eu não gosto do Castelão, você não vê as pessoas você não vê os vizinhos, você não vê ninguém. É bom é na periferia que você vê todo mundo, sentado nas calçadas, falando da vida alheia (risos). (Elizabeth)

3.5 Entrar na ocupação e ser Sem Teto

Margaret conheceu o movimento aos poucos, decidindo fazer parte do mesmo somente quando ficou por dentro das suas atividades. De início, como tantas outras e outros, ela queria somente uma casa – o que permite encarar, abruptamente, sua *ação como racional com relação a fins*. Somente após a entrada na ocupação e, por conseguinte, no movimento, os *valores, afetos e tradições* surgiram como elementos geradores de ações e práticas.

Eu decidi [ocupar] porque eu estava na minha casa, fiquei sabendo da ocupação e procurei me informar. De início, eu não sabia do que se tratava. o que era o MTST. Quando eu cheguei no lugar, vi como era que era o movimento organizado, que não era mais uma invasão de terreno, que era uma ocupação. Um barracozinho como uma simbologia, que cada barraco simbolizava uma família e que o movimento luta por casa não por terreno simplesmente. [...] Eu gostei da maneira, da forma como era o movimento, como era bem organizado e eu resolvi ajudar. Depois eu vi que também que esse movimento luta não só por casa, mas também por uma sociedade melhor pra ajudar em vários aspectos. Eu resolvi entrar na coordenação e estou gostando. Eu espero contribuir com o máximo que eu puder. (Margaret)

Elizabeth me disse que soube da ocupação pelo translado que fazia diariamente pela cidade, quando ia do bairro Bom Jardim para a região do Centro, a trabalho. Decidiu participar da Ocupação quando a esposa do seu ex-sogro ouviu um convite feito por um Carro de Som. Sua entrada no movimento ocorreu com cautela, aos poucos, participando das reuniões a partir da primeira semana. Tinha medo que houvesse repressão policial e antes, enxergava os que ocupavam como

vagabundos e desocupados. Mudou sua opinião por um processo de politização ocorrido dentro da coordenação da ocupação.

Sim, no começo eu pensava como muitos pensam que não conhecem o movimento: “Um bando de vagabundos que querem tudo fácil. Hoje eu tenho vergonha de dizer isso porque muitas vezes eu falei. Eu critiquei. Muitas vezes eu pensei da mesma forma que estas pessoas pensam. Então por isso que eu quis conhecer o movimento de dentro e não pelo que as pessoas vinham me dizer. São pessoas que precisam e o governo não ta nem aí pra elas. Hoje eu desfiz totalmente o que eu pensei um dia do povo que ocupa. Hoje eu pego briga no facebook com pessoas que criticam, que chamam a gente de vagabundo. Uns vândalos que vão pra rua só pra fazer bagunça. A gente não vai pra fazer bagunça, a gente vai pra lutar pelos nossos direitos e eles estão sendo tirados da gente todos os dias (Elizabeth)

Ao perguntar sobre quem seriam os sem teto, a resposta que obtive de George, então coordenador de grupo que entrou no movimento na última ocupação, veio por outro caminho e linguagem, comparados às de Robert e Charles, dirigentes estaduais que quando entrevistados, se detiveram a relatar as condições de moradia tendo por base categorias referentes ao mundo do trabalho. De pronto, a descrição de George foi ao encontro dos seus próprios valores e vivências pessoais.

Perante o descrédito da ação das políticas públicas estatais, a esperança da posse e conquista da moradia refere-se à melhoria de vida e ascensão social. Essa conquista traria mudanças e distanciaria o beneficiário da moradia dos temores cotidianos do morador do Bom Jardim.

Cara, os Sem-Teto pra mim são pessoas que... [pausa] não perdeu algumas esperanças né? Esperanças de ter uma vida melhor, tranquila, né? Esperança de não ter o seu filho envolvido com drogas, envolvido no tráfico né? São pessoas que o governo não ajuda, a prefeitura não ajuda, pessoas que só levam patadas, pessoas trabalhadeiras, porque o povo que tá aqui dentro é um povo que realmente trabalha, que realmente corre atrás e que luta. (George)

Quando, posteriormente, perguntei sobre o perfil dos que ocuparam OPSM, somente após um relato pautado nas suas reflexões imediatas, veio como resposta outro relato, sobre as condições econômicas de moradia e trabalho dos que ocupam, demonstrando que apesar da homogeneidade no que se refere à ausência da moradia própria, há heterogeneidade nas carências imediatas. Além das diferenças de gênero, observei contrastes entre os que moram dentro da ocupação e os que conseguem moradia compartilhada, de favor ou de aluguel fora da ocupação. De tal modo, alguns carecem mais que outros, o que é preponderante

para a habitação constante ou esporádica de alguns dentro dos barracos. Sobre o valor do aluguel, sugiro o relato de George:

Bom, são muitas pessoas, o que têm em comum é que todas querem casa, isso é ótimo. Mas sempre tem aquelas pessoas que são realmente, que a gente vê que realmente necessitam de casa. Tem pessoas que moram na ocupação, realmente moram porque não tinha onde morar. Eu pude observar pessoas que não tinha onde morar ou que já tavam com o aluguel vencido, não tinha mais como pagar e vieram. Já estavam em situação de despejo e vieram para a ocupação. E como também tem muitas pessoas que vivem ralando mesmo, trabalhando pra pagar o aluguel, que vêm pra cá nas carreiras, quando sai do trabalho e vem pra ocupação. Às vezes faltam porque têm que trabalhar pra pagar o aluguel. E existem vários tipos assim, todos em comum, querem a sua casa. Sempre existem aquelas pessoas que precisam mais do que outras. Mas assim, que precisam mais não, que estão numa situação pior, precisar todos precisam, mas uns estão numa situação mais precária que outras. Porque a família é maior, o salário, o dinheiro não dá pra pagar o aluguel ou porque estão desempregados também. (George)

Elizabeth, quando questionada sobre “quem seriam os sem teto”, me respondeu por um caminho alheio a categorias e expectativas. Sua resposta foi de pronto ao encontro de experiências vividas por aqueles que não têm casa própria. A reivindicação da posse da moradia faz-se como estratégia de ascensão social e conquista de dignidade, perante os constrangimentos de um cotidiano marcado por ausências.

São pessoas que realmente precisam. No começo teve muito aquela crítica. “Ah, fulano tá participando, tá pagando, tem não sei quantas casas, não precisa.”. Mas como eu disse, a gente não olhou raça, não olhou cor e nem distinguiu pessoas. A gente deixou que o próprio tempo mostrasse quem ia permanecer na luta e só quem permaneceu hoje na luta foram pessoas que realmente necessitam, que precisam de uma moradia que estão cansados de pagar aluguel, que estão cansados de ser humilhados. Porque quem mora de aluguel e diz que o seu aluguel nunca atrasou é mentira. E quem disser que nunca recebeu abuso do dono da casa é mais mentira ainda. Você ser humilhado por uma coisa que você passa o mês todinho trabalhando pra você pagar, pra você morar, pra você não precisar ir para o meio da rua e ainda ser humilhado, isso é muito duro. Então aqui só permaneceu dentro da Ocupação Povo Sem Medo quem realmente precisa. Esses são os sem-teto. (Elizabeth)

Estar dentro da ocupação foi ouvir constantemente casos de constrangimentos do cotidiano do povo que lá esteve. A partir das narrativas daqueles que, apesar de venderem sua força de trabalho, não conseguem comprar a mercadoria casa, da relação presente entre os que produzem e a restrição da posse da moradia, é estabelecido um discurso acerca do vínculo entre a pobreza, a necessidade, a preguiça e a marginalidade.

Rejeita-se o estigma daquele que “invade o que é dos outros” como um desocupado, elaborando-se um discurso sobre o mérito, pelo esforço em permanecer na ocupação, no enaltecimento das atividades laborais que ocorrem dentro da própria ocupação. Nesta, a conquista da moradia é oriunda da persistência, da luta (COMERFORD, 1999; HONNETH, 2003). Nas palavras de Charlotte,

Pra mim o perfil de quem ocupa é quem está realmente precisando. Se você passar uma semana aqui você escuta a história de todo mundo. [...] Se diz, ah sem-teto – bando de vagabundo! Mas não é! Tem várias pessoas que estão aqui dentro que trabalham e não tem condição de pagar aluguel. Que trabalham e não tem a sua casa própria porque não tem condição. Que tá aqui na luta tentando uma moradia. Que tá aqui na luta não é porque é vagabundo, porque no futuro quer dizer essa casa aqui é minha, eu lutei por ela! Pra mim o sem-teto é esse, não é o pessoal que mora na rua (Charlotte)

As categorias ‘trabalho’ e a condição ‘trabalhador’ são reforçadas constantemente perante o estigma atribuído àqueles que ocupam terras e terrenos, tidos como vagabundos por parte do *senso comum*. Este senso comum corresponde a uma visão de mundo⁶³ expressa de forma fragmentada e *desistoricizada* pelos *subalternos*, repetindo a fala afirmada pelos ‘*dominantes*’ como verdade. É a filosofia dos *não-filósofos*, absorvida acriticamente através dos diferentes meios socioculturais de comunicação, contribuindo para a construção da moral do *homem médio*. (GRAMSCI, 1999)

Os processos de identificação destes sujeitos para com o MTST ocorreram a partir de suas experiências construídas e agenciadas junto ao próprio *movimento* do ocupar. Como qualquer outra relação social, as práticas estabelecidas entre aqueles que ocuparam foram encarnadas por seres humanos em contextos reais. Neste caso, pelos sem teto, que as produziram como fenômenos históricos, forjadas sob as circunstâncias próprias de suas realidades, sincronicamente à medida que as produziram e as sofreram. Como diria Edward Palmer Thompson (1997),

⁶³Gramsci, em diálogo com Marx: “A produção de ideias, de representações, da consciência, está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens [...] A consciência jamais pode ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real. [...] Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência”. (MARX, 2007, p. 36-37)

A mais fina rede sociológica não consegue nos oferecer um exemplar de classe, como tampouco um do amor ou da submissão. A relação precisa estar sempre encarnada em pessoas e contextos reais. [...] Não podemos ter amor sem amantes, nem submissão sem senhores rurais e camponeses. (p. 10).

A revolta é expressão dos vexames causados pela posição numa rede estratificada de capitais econômicos, culturais e políticos. As circunstâncias vividas pelo sujeito que ocupa sofrem influência direta do espaço (como lugar social) no qual está. O fato histórico e social do invadir em grupo, do qual o sem teto é sujeito, não deve ser interpretado como uma ação meramente racional, relacionada a fins, por si ou individual. Num caso concreto sobre vidas reais, desejo e necessidade agem dentro da mesma esfera, não havendo, portanto, separação entre as circunstâncias do agir do indivíduo e as imposições do seu meio. As invasões de terra operam-se como atos desobrevivência, desobediência e resistência (SCOTT, 2010).

3.6 Tornar-se Coordenador

Dentre os trabalhos em grupo que Margaret realizou antes da ocupação, distribuiu sopa para pessoas carentes, parte das atividades da igreja que frequentava; organizou festas e cuidou de crianças, quando era mais jovem.

Margaret disse que mesmo com as dificuldades, gosta de trabalhar na organização de tanta gente e se surpreende com o modo de coordenação e disciplina do MTST, apesar das dificuldades financeiras e carências em produtos e materiais. Apesar de não ter afirmado sua intenção, percebi que a reconstrução do seu barraco, próximo à cozinha, tenha sido planejada, visando aproximar-se da coordenação do movimento:

Eu fiz mais perto da cozinha junto com uma amiga minha, porque a gente viu que iria ter uma cozinha isso me chamou atenção também, porque ia ter uma cozinha que iriam fazer comida pra aquele monte de gente. Eu nunca tinha visto até então, uma ocupação, uma invasão, até o momento a gente achava que parecia uma invasão. Nunca tinha visto fazer em comida para as pessoas e a gente achou interessante. Vai fazer comida pra esse monte de gente? A gente foi, já gostei da ideia de poder ajudar na cozinha, de poder ajudar as pessoas a se organizar, a fazer comida pra aquelas pessoas. Aí eu fui, já que a minha barraca tava caindo, eu fiz perto da cozinha. Umas pessoas que me ajudaram, meus amigos ajudaram pra fazer melhor e mais firme pra não cair. As pessoas do movimento também da coordenação já estavam por lá. A gente já foi fazendo a amizade, são pessoas muito legais, né, que me chamaram atenção pela amizade, pelo jeito de tratar todo mundo. E aí a gente foi se aproximando e eu fui vendo que eu podia ajudar cada vez mais, que eu podia ajudar de várias formas

tanto na cozinha como ajudar a organizar as pessoas e eu gostei, entrei na coordenação. (Margaret)

Faz parte da atuação por dentro da coordenação, lidar com diferentes públicos e opiniões e com resolução de conflitos. Margaret, apesar de não ser idosa (aparentava cerca de 40 anos) na coordenação do grupo, composta majoritariamente de mulheres, apresentava maior maturidade perante a grande maioria no trato de pequenos conflitos, o que é, segundo outras lideranças, qualidade fundamental para a função de coordenador.

Os membros mais destacados e de maior confiança entre a coordenação acabaram por participar do setor de organização (a organização interna da ocupação também será discutida no capítulo seguinte). Dentre as tarefas prioritárias deste setor está a organização das listas de presenças, divididas em participação de assembleias e execução de tarefas. Em entrevista com Margaret, ela afirmou:

Além de eu ajudar na cozinha com as meninas, eu entrei pra o setor de organização que a gente cuida desde o início sem saber que existia os setores. Eu já gostei de ver, de cuidar das presenças das pessoas que ajudavam. Até então, só sabia que tinha dois setores: a infraestrutura e a cozinha. Aí quando eu tava na cozinha e já pegava o nome das pessoas que ajudavam e à noite na hora da reunião também, eu juntava mais outras pessoas e pegava. Pra pegar as chamadas eu gostava de organizar, né? [...] E agora, há pouco tempo, foi dividido os setores, foram formados outros setores, eu teve o setor de organização que eu entrei, que a gente já fez, todos os grupos já fizeram os cadastros e ainda estão fazendo e eu estou com os cadastros do meu grupo, né? Eu estou tentando ajudar os demais também com que eu puder e o pen drive está o programa com os cadastros pra gente preencher porque a gente já fez, a gente vai colocar no computador pra uma organização melhor. Pra colocar também as presenças, das pessoas, a quantidade de presença e é isso. Eu estou gostando de ajudar na organização também né, porque, afinal de contas, tudo a alma da ocupação é a organização. (Margaret)

Pela vivência e pela análise de parte do que foi dito na OPSM, pude perceber exemplos de efetivação de estratégias políticas de inserção (e também ascensão política) no movimento, entre os que ocupam, como sugere Elizabeth:

O coordenador, ele tem que ter a paixão pela ocupação, ele tem que querer ser o coordenador, porque ele recebe abuso, ele recebe crítica. Ele tem que saber lidar com todo tipo de gente. [...]O coordenador ele só tem o trabalho. Só tem o trabalho de fazer alguma coisa, ele não tem privilégio nenhum. Ele só tem aquele trabalho de estar responsável por alguma coisa. Por que eu aceitei ser coordenadora? Foi porque era uma forma de eu me envolver mais dentro do movimento. Eu queria conhecer mais o movimento. Eu não queria pesquisar, eu não queria saber pelos outros, eu queria saber como era o movimento em si. Eu quis ser uma coordenadora pra conhecer trabalhando dentro dele. (Elizabeth)

Entre os anos de 2016 e 2017 houve um elevado número de casos de Chicungunha na cidade de Fortaleza⁶⁴. A população mais vulnerável em serviços de saúde e saneamento também sofreu, havendo mortes de idosos e hipertensos, pela ação da doença no sistema circulatório dos seres humanos. Como intempérie do tempo histórico no qual ocorreu a ocupação, assim como as relações de solidariedade influenciadas por esta, a *Chico Cunha* (nome pelo qual a doença foi chamada popularmente) também esteve presente nos relatos dos ocupantes:

Por exemplo, teve agora a chicungunha, a gente se ajudou muito na chicungunha, alguns tiveram e outros estavam começando a ter, uns passaram indicações aos outros, os que já tinham foram ajudando os outros que estavam começando a ter a se recuperarem. Uns ajudam os outros como podem. A gente pode dizer que é uma família aqui na Ocupação Povo Sem Medo. (Elizabeth).

O coabitar e as atividades coletivas realizadas por dentro da ocupação teceram laços afetivos e relações de solidariedade. Por repetidas vezes, a palavra “família” surgiu como um sentimento, um sinônimo, uma categoria nativa de representação daqueles que ocupam entre si. Trocaram-se experiências entre atividades simples e complexas, a exemplo do coar café, cuidar de doentes ou organizar de marchas. Estas práticas também estabelecem relações de solidariedade e coletividade, fomentando um discurso de ruptura do individualismo como ação legitimada. Segundo Elizabeth e Charlotte:

Foi uma convivência legal, pegamos uma convivência de família. Recentemente perdemos algumas pessoas, todos na ocupação sentiram muito. Hoje se acontecer algum problema na ocupação, todos ficam sabendo, todos querem ajudar. A gente construiu uma família. Hoje se eu chegar na ocupação e disser que estou precisando de uma medicação, a pessoa pode nunca ter me visto, se ela puder, ela diz que tem que me dá. (Elizabeth)

⁶⁴ Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/chikungunya-95-dos-bairros-vive-epidemia-1.1797662> e <http://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2017/04/chikungunya-avanca-no-ceara-e-tem-aumento-de-mais-de-2000-em-abril.html>. Acesso em 20/10/2017

O MTST pra mim é uma segunda família que eu não tinha, é o MTST. Onde eu aprendi a dividir. Onde eu conheci gente [...] Tem coisas que eu aprendi aqui no movimento. Tipo, no primeiro dia da ocupação, eu nunca sabia que a pessoa conseguia coar café sem um pano. Tem várias coisas que a gente aprende, tanto pequeno como grande. No movimento eu aprendi também que é lutando que a gente tem o que a gente quer. Não esperando. Eu esperava que a minha casa viesse na minha mão. Como receber se eu não estou aqui na luta? Foi no movimento que eu aprendi essas coisas. [...] Eu, por exemplo, não sabia o que era ser coordenador. [...] O que me animou foi o modo das pessoas me tratarem quando eu cheguei aqui. Quando eu cheguei aqui já tinha coordenadores e pelo modo deles me tratarem, eu decidi que queria participar, do jeito que eles me tratam, eu quero tratar os outros. [...] Onde eu aprendi coisas diferentes que eu não sabia. [...] Eu aprendi muita coisa. Quando eu não era do movimento, eu tinha medo, eu mal saía de casa. Depois que eu entrei no movimento, eu aprendi a me comunicar com os outros, a valorizar o próximo. Eu não valorizava o outro, eu me valorizava. Depois que eu entrei no movimento, foi que eu realmente vi o que era viver. Eu saí e aprendi várias coisas. [...] O coordenador é aquela pessoa que ajuda o próximo. Que tá aqui não por ti, mas tá aqui por todo mundo. Por que eu não faço só por mim. Eu faço por todos que estão presentes na luta com a gente. Não é só Kaká, não é só B. não. É o movimento todo. Não é só G5, não é só G1. É do G1 ao G9. É da Ocupação Povo Sem Medo à Bandeira Vermelha. [...] O pessoal diz que coordenação tem privilégio, não, coordenação não tem privilégio, tem mais trabalho do que os outros. Se não fosse a coordenação não tinha quem pegasse as presenças. As pessoas iam vir e não ia ter ninguém aqui pra pegar. As pessoas viriam aqui e não ia ter quem dissesse: Fulano, por que você não veio, você está tão sumido... Coordenação é aquela pessoa que cuida do seu, mas também cuida do próximo, são aquelas pessoas que não lutam só por você, mas sim por todos e pra mim coordenação é uma nova família. É onde você convive, as pessoas chegam, conversam com você, lhe contam as histórias o que está passando. E você quer ajudar, aquelas pessoas querem ajudar o próximo. (Charlotte)

Figura 16 – Ocupante Coa Café.



Fonte: <https://www.facebook.com/mtstce/>. Acesso em: 16 jan. 2017

A divisão de tarefas instrumentalizada pelas atividades de coordenação permite muito do que é aprendido e absorvido entre os ocupantes e o movimento. O *cuidar*, o *cadastrar* e o *vigiar* dão poder político aos que exercem essas funções, assim como também capilarizam o controle e a referência do movimento para com o território ocupado.

As experiências individuais de dificuldades e desrespeito que sofreram antes da ocupação, incidiram sobre o reconhecimento em outrem, em coletivo, quando encontraram-se *ocupados*, absorvidos por um grupo social. Em meio a esse processo, creio que sob determinadas circunstâncias, limites e contradições, foi gestado um processo de formação de consciência crítica e poder político entre aqueles que ocuparam. Perceberam-se sujeitos políticos e de direito pelos valores que vivenciaram e desempenharam na ocupação: “como experiências cruciais típicas de um grupo inteiro, de forma que elas podem influir, como motivos diretores da ação, na exigência coletiva por relações de ampliadas de reconhecimento” (HONNET, 2003, p. 257).

A prática política da ocupação incidiu sobre a ação coletiva entre os que ocuparam. Esta prática forjou um *exemplo*, uma *conduta*, uma *pedagogia* entre os trabalhadores sem teto.

3.7 A Pedagogia do MTST

Quando o inconsciente coletivo se torna verdadeiramente constelado em grandes grupos sociais, a consequência será uma quebra pública, uma epidemia mental que pode conduzir a revoluções, guerra ou coisa semelhante. Tais movimentos são tremendamente contagiosos, eu diria, inexoravelmente contagiosos, pois quando a esfera humana é ativada, ninguém mais é a mesma pessoa. Você não está apenas no movimento, você é o próprio movimento. (JUNG, 1972, p. 70)

A expectativa da casa própria vem junto com a esperança da melhoria das condições de vida e dignidade, de um emprego com melhores condições de trabalho e maior remuneração. Charlotte almeja:

Pro futuro assim eu penso, quando eu sair daqui pra direto pra minha casa e se Deus quiser, não vai demorar muito, a gente vai estar todos nas nossas casas. Eu pretendo arranjar um emprego. Não pra fora, eu pretendo trabalhar em casa. Por que eu não posso sair e deixar minha mãe só mais. Eu pretendo colocar um lanche, colocar comida, qualquer coisa pra vender em casa. Por que se eu sair eu vou ter que arrumar alguém pra cuidar dela. Então eu prefiro eu cuidar dentro de casa e tentando ganhar meu lar pra cuidar dela, do que arranjar uma pessoa estranha pra cuidar da minha mãe. Eu pretendo no futuro estar no meu apartamento, colocar meu lanchezinho e cuidar da minha veinha, como o povo diz. (Charlotte)

Aprendi na ocupação que as ações, assim como a inserção na coordenação e a ansiedade em receber a casa, fazem parte de uma estratégia de ascensão política e crescimento social, através da posse da moradia, inclusive pela possibilidade de deixar uma herança para os filhos.

Eu estou esperando receber minha casa. Ir pra dentro dela. Por um lado pra passar na cara de muita gente que não acreditou em mim. Me chamou de louca, de doida que eu era perturbada, como é que eu fazia isso que eu não precisava. Eu preciso porque eu não nasci num berço de ouro. Eu preciso deixar um futuro para os meus filhos. (Elizabeth)

A participação no movimento e na ocupação ampliou o meu ponto de vista sobre os Sem Teto do MTST. Creio que o conceito “sem teto”, afirma-se em termos circunstâncias e relativos. São “sem teto” por condições e carências objetivas, pelas circunstâncias econômicas e sociais em relação à moradia nas quais se encontram, independentes do contato com o MTST e com a ocupação.

Por sua vez, a construção do sujeito político sem teto ocorre a partir da entrada na ocupação e, posteriormente, com a construção da sua relação de identidade para com o movimento, algo que não é permanente. Os ocupantes tornam-se MTST ao fazer dos seus barracos, e saem à medida que se afastam das práticas coletivas, quando *saem* da ocupação. São (estão) movimento enquanto se movimentam, quando em movimento.

Desejo e necessidade apresentam-se como mediações de um mesmo complexo que se modifica através das experiências sofridas pelos seus sujeitos portadores. Antes da ocupação, os sem teto já carregam fardos históricos (MÉSZÁROS, 2007) e refletem sobre a realidade que os cerca. Após a entrada na ocupação e no movimento, unem seus anseios e os afinam com a melodia do discurso das assembleias e marchas.

É estabelecida uma relação dialética entre o fazer político e a ação social coletiva. Politizam-se somente quando e à medida que se tornam sujeitos políticos. Ao longo das circunstâncias e da passagem de tempo, os Sem Teto, a Ocupação e o *Movimento*, complementam-se num todo, não raro se confundem, tornando-se derivações uns dos outros.

QUADRO 2 – PERFIL SIMPLIFICADO DOS ENTREVISTADOS, JULHO DE 2017

Entrevistado	Margaret	Charles	George	Elizabeth	Charlotte
Sexo	Feminino	Masculino	Masculino	Feminino	Feminino
Idade (até a data da entrevista)	Aproximadamente, 40 anos.	25	29	24	33
Naturalidade	Santana do Acaraú (CE)	Fortaleza (CE)	Fortaleza (CE)	Fortaleza (CE)	São Paulo (SP)
Moradia (até a data da entrevista)	Casa cedida por parentes no Bom Jardim	Conj. Miguel Arraes (Aluguel)	Ocupação Povo Sem Medo	Ocupação Povo Sem Medo	Conj. Miguel Arraes (Aluguel)
Profissão (até a data da entrevista)	Organizador a de Festas	Chapeiro/Auxiliar de Cozinha	Pintor	Nenhuma	Atendente Telemarketing
Outras Profissões	Costureira	Chapeiro/Auxiliar de Cozinha	Pedreiro, Feirante, Ferreiro-Armador, Gari, Vendedor, Motoboy, Caminhoneiro	Garçonete	Costureira
Quando chegou ao Bom Jardim	1982	Pela Ocupação Povo Sem Medo (2016)	2001	Pela Ocupação Povo Sem Medo (2016)	2012
Como Conheceu a Ocupação	Pelo Carro-de- no primeiro dia da Ocupação	Ex-morador da Sapiranga e da Copa do Povo	Pelo Trabalho de Base na Associação de Moradores	Pelo Cunhado	Por amigos, pelo Carro de Som
Como entrou para o Movimento	Através das atividades na Cozinha e na Coordenação do G2	Durante a Ocupação Povo Sem Medo	Durante o início da Ocupação Povo Sem Medo. Na brigada de Infra-Estrutura e na Coordenação do G1	Através das atividades na Cozinha e na Coordenação do G5	Através das atividades na Cozinha e na Coordenação do G4
Função/Posição no Movimento	Coordenador a do Grupo 2	Ex-diretor Estadual	Coordenação do Grupo 1	Coordenador a do Grupo 5	Coordenadora do Grupo 4

CAPÍTULO 4 – ORGANIZAR UM FORMIGUEIRO: SOBRE O MÉTODO DO MTST

O método é igual pra todos né, mas o ator, ele tem a história de que toda peça é diferente. Toda peça é diferente, de alguma forma muda. O palco não é o mesmo, as pessoas que tão lá vendo, a reação das pessoas não é a mesma. E aí, o final da história também não é. A gente espera que seja diferente né, a gente espera que seja diferente porque, dentro do método a gente espera que seja igual pelo histórico, a gente espera que dê tudo certo. [...] O que de fato pra gente foi novo e foi muito bem o aprendizado, foi o primeiro mês né. Você fazer aniversário de um mês, né, aqui no Ceará, a gente não tinha isso. [...] Na Povo sem Medo, fora o método de trabalhado de base, você tem um espaço de permanência você consegue permanecer. (Charles)

Neste capítulo, subdividido em quatro tópicos, apresento a aplicação do método nacional de ocupação urbana do MTST pelo estudo de um caso empírico, a Ocupação Povo Sem Medo. O primeiro tópico se inicia com a descrição dos trabalhos preliminares ao ato de ocupar.

No segundo e terceiro tópicos, verso sobre a relação dialética entre produção social e a organização política que compõem este espaço, o “formigueiro”. Esta tem início pelo desembarque no terreno e o estabelecimento dos acordos coletivos; perpassa a construção material e simbólica dos barracos; os instrumentos de comunicação e propagação política da ocupação e a forma de garantir a segurança e controle do território ocupado.

No quarto e último tópico, relato elementos do cotidiano do OPSM, sua ausência de recursos e sua perda de dinamicidade, representada pelo seu paulatino esvaziamento.

4.1 Preparando o Formigueiro: escolher um lugar e trabalhar sua base

Isso faz também parte do método do movimento, é estratégia do movimento se concentrar nas periferias onde o trabalhador volta pra casa, ele mora lá. [...] o trabalhador não vai se organizar no sindicato porque ele não tem tempo. Ele não vai se organizar no partido. Ele mora na periferia, nós acreditamos que é muito mais fácil organizar o trabalhador pelo local de território do que propriamente organizar onde ela atua no trabalho. (Charles)

Pelos diálogos ocorridos durante o trabalho de campo, junto à análise de entrevistas, observei sete elementos motivadores que levaram o MTST à decisão sobre onde seria o terreno a ser ocupado, neste caso, no território do Grande Bom Jardim.

- Deslocamento do movimento da Regional VI para a Regional V;
- Localização geográfica na Região Metropolitana de Fortaleza e proximidade com o município de Maracanaú;
- Alta concentração de pobres ;
- Grande quantidade de terrenos desocupados;
- Falta de infraestrutura urbana;
- Dinâmica de comunidade e organização popular em nível local;
- Recomposição do tráfico na região e diminuição do índice de violência.

O primeiro motivo remete à necessidade do deslocamento das atividades de ocupação do MTST da Regional VI para a Regional V, em decorrência dos revezes das últimas duas ocupações ocorridas da Regional VI, sobretudo pela experiência da Ocupação 12 de Novembro, removida após 20 horas – (ver Introdução).

O segundo motivo considerou localização geográfica do Bom Jardim, extremamente próximo aos limites municipais de Fortaleza e à divisa dos municípios de Maracanaú e Caucaia. A ocupação também localizava-se próximo a importantes vias coletoras intra e inter municipais, a exemplo da Avenida Osório de Paiva (Bom Jardim – Centro); Anel Viário (Caucaia – Bom Jardim – Regional VI - CE 040) e relativamente próximo à Avenida Godofredo Maciel (Bom Jardim – Parangaba).

O terceiro e quarto pontos foram o contraste de um bairro com grande densidade populacional de pobres aliado a uma grande presença de terrenos vazios, muitos destes, propriedades estatais, desapropriadas para fins do projeto de revitalização da bacia do Rio Maranguapinho. O quinto item corresponde à junção dos dois fatores citados anteriormente, com a precariedade de investimentos e equipamentos públicos nesta região.

O sexto fator foi a presença de grupos populares organizados no Bom Jardim, a exemplo das diversas associações de moradores. E por fim, embora não menos importante, o sétimo motivo: um período de cessar fogo entre as facções do crime organizado no estado do Ceará, parte do processo denominado *pacificação*.

É no final da cidade, como toda periferia, tá ali entre divisa entre Caucaia e Maracanaú e fica realmente no outro lado da cidade. Como toda periferia também tem falta de água, não tem esgoto, a rede elétrica é muito precária. A insegurança reinou por muito tempo. Hoje os moradores resolvem a segurança por si só, mas como a gente tá conhecendo agora também né, você pode perceber lá que o senso de comunidade, entre os moradores do Bom Jardim sempre foi muito grande, a organização de algumas associações que tem por lá né, do centro cultural. Lá tem essa dinâmica de comunidade mesmo da periferia. (Charles)

Antes da ocupação o movimento realiza uma espécie de cartografia social. De início, com um mapeamento da área e dos possíveis terrenos a serem ocupados. Em paralelo a este trabalho, é feito outro mapeamento, que visa identificar e estabelecer contatos com as organizações populares e as referências comunitárias do lugar escolhido.

Lá a gente já tinha alguns contatos, eu tinha os contatos de algumas associações, do próprio CDVHS. Agente foi se apresentando a algumas outras referências comunitárias da área, como o seu Che e o seu Camilo⁶⁵ outros companheiros se dedicaram, já faziam a luta por moradia lá há algum tempo e quiseram fazer a luta com a gente lá. Como método do movimento a gente faz algumas reuniões, avisa o que vai ser, como vai ser.” (Charles)

Após o mapeamento e o estabelecimento dos primeiros contatos com integrantes de associações e lideranças, ocorrem as primeiras reuniões antes da ocupação com membros de famílias moradoras do bairro e adjacências. Nestas, faz-se uma apresentação do movimento e do que venha a ser uma ocupação, explica-se o que é, o que vai ser e como vai ser.

A gente faz um trabalho de apresentar o movimento, de falar da necessidade, de falar de como era justo lutar por moradia, explicar o método do movimento. E junto com isso, identificamos a área e fizemos também um outro trabalho de arrecadação por dentro do movimento de infraestrutura pra ocupação. [...] Fora isso, nós contamos com o apoio de outra ocupação do movimento que veio ajudar. Ajudar a organizar no primeiro dia a ocupação: o Tatusinho, né, ajuda com trabalho mais estrutural que foi muito importante, que foi no caso que foi a ocupação Bandeira Vermelha, que veio pela manhã. Que é daqui de Maracanaú que é bem relativamente próximo ao Bom Jardim. (Robert)

⁶⁵ Pseudônimos escolhidos pelo autor para evitar a exposição daqueles que ocuparam e/ou ajudaram com a ocupação.

É assim que, durante este processo de “pré-ocupação” ocorre um trabalho prévio de infraestrutura, arrecadando-se mantimentos e materiais de construção. O apoio das ocupações anteriores, como a Copa do Povo e a Bandeira Vermelha foi fundamental. Estima-se que entre 400 e 500 famílias foram envolvidas neste primeiro momento. .

4.2 A Organização do Formigueiro

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo que se queira. Mas eles próprios começam a se diferenciar dos animais tão logo começaram a produzir seus meios de vida, passo esse que é condicionado por sua organização corporal. Produzindo seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material – para ele, o que os homens são – coincide com sua produção, tanto com o que produzem, quando com o modo como produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção. (MARX, 2007, p. 10).

4.2.1 O início da ocupação

Por questões de segurança, faz parte do método do MTST que nem todos os membros da direção saibam qual será o local exato das futuras ocupações. Apenas dois ou três dirigentes são elencados para esta responsabilidade. Como foi visto na Introdução, durante a *chegada* ocupação, houve desencontro de informações e o *desembarque* ocorreu na Avenida da Estrada da Urucutuba, mesmo sem o caminhão carregado de bambus.

Devido a este desencontro, o caminhão foi estacionado num outro local, indicado pelos dirigentes responsáveis por escolher e guardar a localização do terreno. Neste outro lugar, o veículo e os militantes que estavam junto a este foram interceptados e detidos pela polícia, por cerca de meia hora. Após ser liberado, o caminhão e os membros do movimento que lá estavam dirigiram-se para o local sobre o qual seria erguida a OPSM.

Ainda durante a primeira noite da ocupação, posteriormente à primeira assembleia, forma-se uma comissão de recepção, entre aqueles que já são membros do movimento, a fim de dar informações prioritárias para aqueles que ainda não são, que ainda não conhecem e entendem o método, que chegaram durante a madrugada e ao longo do dia seguinte. Informa-se que é uma luta por moradia (por casas de alvenaria já construídas) e não pelo terreno, que para *entrar* na ocupação, é preciso construir um barraco e participar das atividades.

No primeiro dia, você tem aquele fuzuê no bairro. As pessoas vieram saber o que é que tava acontecendo. No outro dia, na mesma noite a gente deu uma cozinha coletiva, a construção da cozinha coletiva. A divisão de algumas ruelas já e aí a gente foi, fez o bê-a-bá da ocupação. Nos primeiros dias você tinha uma militância muito aguerrida mesmo. Pelo menos três, quatro grupos que vão se destacar, inicialmente, que vão dar dinâmica de fato pra ocupação. Eu destaco o Grupo 1 e algumas figuras lá, o grupo 2, 3, 4 e o 5. Esses que vão, inicialmente dar dinâmica na ocupação para que outros surjam. E esses outros vão ter um pouco, vão dar uma descansada que deram os primeiros né e os outros, vão tomar conta até que se consolidasse a ocupação de fato. (Charles)

A partir da segunda assembleia, na segunda noite da ocupação, elencou-se a direção da coordenação do grupo 1 (G1), através do método de autoindicação. Os grupos são formados por um número de 300 a 500 barracos, divididos pelo território ocupado. Cada grupo tem uma cozinha e uma coordenação própria, responsável por gerir as atividades coletivas dentro da ocupação. Quem quis fazer parte da coordenação se auto-indicou e assumiu alguma tarefa coletiva de organização do grupo, como, por exemplo, indicar membros para a infraestrutura, fazer listas de presença e dividir os horários de trabalho na cozinha coletiva. Nesta mesma noite foi servida a primeira refeição, a janta, inaugurando-se assim a cozinha coletiva do G1.

Entre 300 a 500 barracos, forma-se um novo grupo e a cada assembleia, elenca-se sua respectiva coordenação. Serão os primeiros grupos que darão a dinâmica inicial da ocupação. Ao longo desta, com o passar dos meses, após o início de cada um dos G's, a dinâmica é reoxigenada pelos grupos seguintes e pelos membros que se tornam coordenadores ao longo da ocupação.

4.2.2 Acordos coletivos

A partir da primeira assembleia, são estabelecidos acordos coletivos e restrições dentro do *formigueiro*. Elenquei nove proibições de maior importância:

- * Não cortar árvores nativas;
- * Não cobrar taxas em nome do movimento;
- * Não usar de álcool nem drogas ilícitas na ocupação;
- * Não fazer fogueira;
- * Não cozinhar individualmente;
- * Não realizarcultos religiosos dentro da ocupação;

* Não criar estabelecimentos comerciais dentro da ocupação, como vendas, quitandas ou bodegas;

* Não construir banheiros individuais;

* Não manusear equipamentos de água e eletricidade, alheios da responsabilidade das comissões específicas para tal.

Os quatro primeiros acordos são prioritários e reafirmados constantemente, para todos os que chegam ao início da ocupação. A proibição do corte de árvores ocorre para evitar crimes ambientais e conseqüentemente, a criminalização do movimento. Em decorrência disso, de início, os barracos são erguidos com bambus.

O MTST e os seus coordenadores não cobram taxas ou mensalidades aos ocupantes. Em contraponto, sempre é reafirmada a cobrança de participação (a exemplo do cumprimento das atividades dentro da ocupação) e luta (a exemplo do comparecimento aos atos de rua e demais atividades fora do território ocupado).

As fogueiras são proibidas por questão de segurança, pelas qualidades inflamáveis das lonas de plástico. Outra proibição é a cozinha individual: o cozimento de alimentos é permitido apenas nas cozinhas coletivas, lugares que, por questões de segurança, guardam alguma distância dos barracos.

Como tem várias religiões, tem evangélicos, tem católicos. se a gente fosse deixar todo mundo fazer o que quer, sempre ia ter uma brigazinha. Muitos queriam fazer culto, outros missa, outros queriam fazer candomblé. Não podia. Não podia fazer fogo perto dos barracos. Tinha gente que queria cozinhar para si mesmo. Não queria fazer no coletivo. Não podia porque poderia pegar fogo num barraco e acabar queimando todos. Mexer com eletricidade: Tinha as pessoas certas, não era todo mundo que podia mexer. Não podia pôr energia nos barracos, não podia porque esquentava muito. Agora já pode. (Charlotte)

As ocupações do MTST são laicas. Para evitar conflitos religiosos no interior do movimento, são proibidas missas e demais cultos coletivos no interior da ocupação.

Também é proibido o comércio, exceto quando este é realizado por demandas próprias do movimento, organizado por seus coordenadores, a fim de levantar recursos. Por exemplo, rifas, bingos, brechós e venda de alimentos e bebidas nas atividades festivas.

A construção de banheiros individuais é proibida. Os grupos são orientados a construir banheiros coletivos e a indicar membros para uma comissão geral de estrutura. Os banheiros coletivos são separados em locais destinados a dejetos e banho, mantendo-se as condições mínimas de salubridade.

É proibido o manuseio de equipamentos de distribuição de água e eletricidade, exceto pelos membros das comissões de infra-estrutura, elencados pela coordenação do movimento, compostas por trabalhadores da construção civil, que assumem a responsabilidade da distribuição dos serviços de encanamento, água e energia elétrica.

Há flexibilidade nas proibições, demonstrando relativização no que tange aos acordos coletivos, fatos “oficiais”. É pelo controle destas atividades que ocorre a organização e legitimação do MTST sobre a ocupação.

4.2.3 A cozinha: espaço privilegiado de socição

Figura 17 – Construção de uma Cozinha



Fonte: <https://www.facebook.com/mtstce/>. Acesso em: 16jan. 2017

As cozinhas são espaços fundamentais para a manutenção dos sem teto na ocupação. Devido a elas, os que ocupam se alimentam, podendo reproduzir a sua força de trabalho e dar continuidade à suas atividades. O seu próprio modo grupal de construção tornava as cozinhas espaço fundamental na organização do trabalho coletivo na ocupação.

Elas eram o principal ponto de encontro da ocupação e também os locais de recebimento e armazenamento de alimentos. Este espaço apresentou uma dinâmica própria de organização de pessoas, manutenção de víveres, materiais de construção e almoxarifado, na medida que, não raro, serviram de depósito de muitos dos documentos, listas de presenças e documentos. Pretendo me alongar na interpretação da cozinha adiante.

No seu entorno, consolidava-se a dinâmica das atividades dos grupos e de suas respectivas coordenações. Nas cozinhas dos grupos mais movimentados, cerca de 400 pessoas alimentavam-se diariamente. A limpeza do local, o recebimento e organização dos mantimentos, o preparo do alimento e sua distribuição aos que estavam no entorno tornaram a cozinha um lugar privilegiado de socialização.

Para George Simmel (2006), a socialização é composta pelos laços estabelecidos, desfeitos, refeitos, as associações permanentes e fluídas, consistindo, pois, nas interações, nos movimentos de idas e vindas das relações sociais.

A socialização é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, causais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana. (pg. 60).

Após os dois primeiros meses, a OPSM contou com nove cozinhas, levantadas por trabalho braçal, erguidas com madeira e lona ou aproveitando estruturas de construções em ruínas. Funcionavam diuturnamente, pelo trabalho dos coordenadores e coordenadoras, por aquelas que cozinhavam e pela doação de alimentos entre os ocupantes. Aqueles que não ficavam durante o dia ou durante a noite na ocupação eram os que mais contribuíam com alimentos. As doações e trabalhos prestados à cozinha eram registrados em fichas ou em quadros.

[...] Nos primeiros dias, a dinâmica é dada, principalmente pela cozinha coletiva. É ao entorno da cozinha que você vai ter movimentação, na criação dos grupos e na formação de uma coordenação que vai dar dinâmica aos grupos [...] Começa com uma cozinha aí na formação dos grupos dos membros da ocupação vai sendo uma cozinha própria de cada grupo. (Charles)

Em todos os grupos, a cozinha funcionava de domingo a domingo. A organização das suas atividades, não raro, dividia-se entre duas comissões de trabalho: uma pela manhã, responsável em preparar, distribuir o café e preparar o almoço; e outra pela tarde, para lavar a louça do almoço, quando possível distribuir merenda e preparar o jantar, servido às 19 horas. Durante a madrugada algumas cozinhas permaneciam abertas para acolher e alimentar os que faziam a trilha (ver item 4.2.5).

A cozinha era o coração da ocupação. Era onde a gente se encontrava, se reunia pra reunião, pra tomar café. Onde a gente se dividia para as tarefas. Onde tinha mais tarefas eram as cozinhas. Por ser nove cozinhas era onde tinha mais tarefas, porque a gente alimentava as várias pessoas que ficavam aqui. Onde a gente recebia as doações nas cozinhas, era onde a gente alimentava as pessoas que moravam aqui, que não tinham de onde tirar. As pessoas que passavam o dia trabalhando no sol fazendo barraco. A cozinha é uma coisa que tem que ter em toda ocupação, é igual uma árvore, que você precisa de sombra, porque tem que beber água, tem que se alimentar, porque tem várias crianças, vários idosos e a gente tem que cuidar deles. (Charlotte)

Figura 18–Dia de Festa na Cozinha do G5.



Fonte: <https://www.facebook.com/mtstce/>. Acesso em 16jan. 2017

4.2.4 Comunicação interna, reuniões e assembleias

As reuniões são os principais espaços de deliberação e de informação coletiva dos acordos na ocupação. As assembleias são abertas para todos os seus ocupantes.

No começo a gente procurou muita dinâmica, muita reunião em grupo, muita tarefa para as próprias crianças, porque existiam muitos moradores,. Nosso grupo era um dos grupos que tinham mais moradores. Então a gente procurou fazer uma creche para as crianças não ficarem pegando sol. A gente fazia tabelas das pessoas para elas participarem coletivamente da alimentação da cozinha no dia-a-dia. A gente dava merenda, almoço merenda e janta todos os dias, de domingo a domingo. Separamos as pessoas por grupos, cada um com a sua coordenação para as pessoas se sentirem com responsabilidade para botar aquilo dali pra frente.(Elizabeth)

Já as reuniões de coordenação são restritas, abertas apenas para os coordenadores de cada grupo. Cada grupo contém de 20 a 30 coordenadores, nesta perspectiva, a OPSM contou com entre 200 e 300 sem teto em atividades de coordenação. Nestas reuniões são divididas as atividades e os setores do movimento. São setores do movimento:

- Auto-sustentação (responsável por arrecadar recursos financeiros);
- Organização (registrar presenças e organizar documentos);
- Comunicação (registrar atividades em fotos, vídeos e trocar informações entre os grupos);
- Apoio (que realiza a segurança nos atos; em geral, são os mesmos que fazem a Trilha.);
- Simbologia (manter e propagar os símbolos do movimento, a exemplo de suas bandeiras e palavras de ordem);
- Juventude (organizar a Fogo no Pavio – coletivo de juventude ligado ao MTST)

A periodicidade das reuniões e assembleias muda de acordo com o momento em que se encontra a ocupação. Inicialmente, as assembleias são diárias, posteriormente, tornaram-se semanais e mensais. O local das reuniões também se modifica de acordo com o tempo da ocupação, caráter e urgência de cada pauta. Algumas destas atividades ocorreram dentro da ocupação, outras na sede do MTST no Bom Jardim e outras na sede da Saporanga.

A comunicação na ocupação é estabelecida *dentro* e *fora* desta. Dentro, pelas assembleias, reuniões e cartazes nas cozinhas. Também podendo ocorrer fora, por grupos de whatsapp⁶⁶,divididos entre os nove grupos da ocupação e os seus setores.

A gente tem um grupo. A gente tem vários grupos no whatsapp. A gente tem o grupo do povão que é pra anunciar atos, anunciar as assinaturas ou as assembleias. Alguma mudança que a gente pode ter que já esteja combinado que as pessoas já estão sabendo ou alguma mudança que acontece a gente coloca no grupo do povão e temos os grupos de cada setor. Hoje nós temos os grupos de cada setor. Hoje nós temos o setor da organização, auto-sustentação, o setor da comunicação, de apoio que é setor das seguranças dos atos, o administrativo. Setores que a gente separou e que existe uma quantidade de pessoas que trabalha nesses setores. A gente se comunica atrás do whatsapp pelos grupos, um ligando pra cada um, mandando mensagem. Coloca no papelzinho, marca o dia da reunião. É assim que a gente vai se organizando e se comunicando. (Elizabeth)

Figura 19–Reuniãode Coordenação da OPSM.



Fonte: <https://www.facebook.com/mtstce/>. Acesso em: 16jan. 2017

⁶⁶Aplicativo de comunicação que funciona por telefones celulares com acesso à internet.

4.2.5 A segurança do formigueiro

Para a produção e o controle do mundo da ocupação são produzidas leis próprias, determinantes para o estabelecimento e manutenção de relações de poder neste território. Durante a noite, a ocupação é vigiada pela “trilha”. Esta consiste numa ronda noturna por dentro da ocupação, atentando para a presença de pessoas estranhas a este espaço e vigiando o cumprimento dos acordos coletivos, a exemplo da *restrição* do comércio interno, uso de fogueiras, som em volume alto e uso de drogas ilícitas e álcool. Em São Paulo, a “Trilha” é chamada “Ronda”, porém no Ceará o termo não foi utilizado a fim de evitar algum tipo de alusão ao Ronda do Quarteirão, programa de segurança pública implementado no ano de 2007 durante o governo Cid Gomes (2007 – 2014).

A trilha eram os meninos que faziam a segurança da ocupação. Aqui nós tivemos algumas leis de dentro da ocupação. Aqui não podia matar, não podia estuprar e nem podia roubar. Como a nossa ocupação não tem definição de raça, de cor nem de pessoas, a gente aceitou todo tipo de gente. A gente não foi atrás do passado de todas essas pessoas. A gente tinha que ter uma certa segurança e os meninos eram pra isso. Os meninos que faziam a segurança nunca foram uma ameaça, eles eram uma ameaça pra esse tipo de gente, não pra quem não era. Até hoje existem alguns, não existem mais como era o tamanho da organização no começo. Ainda existem os meninos que fazem a segurança que são os meninos do apoio. Nunca teve receio, pelo contrário. A gente sempre tratou muito bem na cozinha, eles sempre tiveram privilégios por trabalhar mais no período da noite. (Elizabeth)

Na segunda noite da OPSM, no domingo, formamos a primeira trilha com alguns voluntários. A maioria destes, adolescentes menores de idade, moradores do entorno. Inicialmente, fizemos uma volta como teste, que não ocorreu conforme o esperado⁶⁷. Após o término dessa primeira volta, reiteramos algumas regras desta atividade, como a proibição do uso de armas brancas e de fogo e apitos. Lanternas apenas apontadas para baixo, a fim de evitar tropeços, e o uso de força apenas em casos extremos.

Por conversas informais, tive acesso a relatos sobre os conflitos que ocorriam naquele território antes da “pacificação”. Havia rixas entre a maioria das comunidades e, por essas desavenças, muitos dos que participaram da trilha não podiam transitar livremente pelo GBJ. Por exemplo, muitos dos jovens que estavam na ocupação não podiam entrar no Residencial Miguel Arraes, localizado aos

⁶⁷Na primeira trilha ocorreram alguns comportamentos agressivos, além do uso de lanternas e apitos.

fundos do território ocupado. Parte dos conflitos havia sido recentemente amenizados pelo processo de pacificação, estando terminantemente proibidos os assaltos naquele pedaço. A morte de qualquer pessoa só seria permitida após o aval dos líderes do tráfico, uma espécie de conselho.

A presença de vários jovens em marcha assustava alguns dos ocupantes. Aparentemente, havia medo, pela condição de marginalidade que muitos dos garotos sofriam. Foi pensada uma tática para aliviar possíveis tensões.

Durante a noite, quem estivesse na trilha iria passar algum tempo em cada cozinha, jantando e conhecendo os coordenadores que lá estivessem, podendo assim criar vínculos e desconstruir desconfianças e receios. A prática desse método teve resultados positivos, aproximando e estabelecendo laços entre coordenadores e membros da trilha.

Dentro do formigueiro, incorporados às dinâmicas das tarefas coletivas da OPSM, alguns jovens sem ocupação e em estado de vulnerabilidade social tornaram-se *formigas-soldado*, responsáveis pela segurança das demais formigas, durante a noite.

Dentro da Ocupação Povo Sem Medo a gente não teve nenhum tipo de homicídio. Não existiu isso. Aqui nunca a gente soube que morreu ninguém aqui dentro, a gente não soube que ninguém foi machucado aqui dentro. Lógico, nós estamos num bairro perigoso, um bairro que ele é conhecido como um dos bairros mais perigosos de Fortaleza, isso aconteceu muito ao redor, não sendo diretamente nós da ocupação. Mas como era próximo a ocupação, quando saía nas reportagens, focava na ocupação, mas nunca foi dentro da ocupação, nunca foi os envolvidos da ocupação.”(Elizabeth)

A ocupação não é uma bolha. Há choques de poder e conflitos entre o estado interno da ocupação e a realidade do Estado que os cerca. A Força Tática de Apoio (FTA), corpo especializado da PMCE, alegando perseguição e investigação de possíveis crimes, *invadiu* algumas vezes o território ocupado.

Já entrou polícia aqui dentro, já invadiram aqui dentro, uns saíram até com medo, correndo. [...] Foi semana passada, entrou um pessoal da FTA. Foram dois dias que eles entraram. Entraram no primeiro dia, botaram até uma arma na minha cabeça. Só vou falar como meu amigo Gaulês: quem tem medo de cagar não come, né cara. (George)

4.3 Fazer Três Mil Barracos de Lona Preta ou Construir um Formigueiro

Figura 20 – Ocupantes constroem barracos durante a noite.



Fonte: <https://www.facebook.com/mtstce/> Acesso em 16jan. 2017

A maioria dos barracos é erguida por homens. São feitos entre famílias ou por mutirão dos grupos. São emadeirados nas laterais e cobertos por uma lona preta, modificando-se e desenvolvendo-se ao longo da ocupação. Inicialmente, servem exclusivamente para indicar a presença de cada família.

Durante a construção dos barracos é estabelecida uma ampla rede de solidariedade. Aqui, a solidariedade não é abordada num sentido idealizado ou cristão, mas, sobretudo, como meio de coesão de grupal, como “pactos de ajuda mútua e contínua” (OLIVEN, 1985). A construção coletiva edifica uma ampla rede de cooperação, troca de trabalhos, favores, gerando expectativas de reciprocidade daqueles que constroem em serem ajudados no momento que precisarem.

Esse barraco aí... O meu primeiro barraco não tava um “barraco”, tava um pouquinho torto. Eu fiz de lona preta. Não podia no momento usar muita madeira. No começo da ocupação não se pode usar. Com o tempo que eu fui ajeitando o meu barraco. Ele agora é todo madeirado. Tem madeira na lateral todinha. A lona é bem reforçada. No começo não era. No começo era só um barraquinho simples que chovia e molhava ele todo. A primeira vez que eu fiz só foi um desastre. Eu precisei de homens para fazer o meu barraco. O pessoal diz que mulher é um sexo frágil. Mas não é só por causa disso. Tem coisas que uma mulher não consegue fazer e que um homem sabe. Mas tem várias mulheres que também conseguiram fazer o seu barraco. Eu fui que não consegui fazer o meu de jeito nenhum. Mas eu consegui ajuda de várias pessoas do MTST que me ajudaram. A coordenação que começou e várias que estavam chegando também. (Charlotte)

Nós éramos um grupo de, era eu, minha, sogra, meu marido, minha amiga, a irmã dela e a tia do meu marido. Éramos seis pessoas, fizemos cinco barracos. Compramos lona, fizemos uma “vaquinha” entre nós seis, compramos lona, meu marido arranhou madeira, ele mesmo capinou, ele mesmo fez as barracas sozinho. Eu vim só conhecer depois que tava feita. Eu mesma não mexi em nada, eu tava trabalhando durante o dia (risos). (Elizabeth)

Ao longo do tempo os barracos são reforçados pela compra, empréstimo, doação ou aquisição de materiais de construção. Aos poucos, os Sem-Teto vão preenchendo os seus barracos com alguns móveis, criando algum conforto neste que, a princípio, é provisório, e posteriormente, transforma-se em habitação:

(Som de vassoura.) Pode entrar, se quiser ir filmando... (enquanto varre) Aqui é o meu barraco onde eu estou morando. A mãe fica aí (risos). Foi feito com ajuda de um mutirão. Fizemos o meu e do da minha irmã que é aqui ao lado. Um só e dividimos do meio. Ele é todo madeirado na lateral e em cima é lonas. Bem reforçado, com a chuva que deu não molhou não. Tá reforçado. Aqui do jeito que você pode ver. Minha véa, deitada. O quê mais... [...] Um fogão elétrico onde eu faço a comida. A geladeirinha, televisão, ventilador, a cama e a rede. Só o que a gente precisa pra sobreviver. E a Dorotéia que não sai de dentro do barraco. Perturba essa Dorotéia viu? (apontando para a cachorra) E as bonecas dela (apontando para a mãe) várias bonecas... (Charlotte)

Está presente na ocupação, subordinada ao setor de organização, uma comissão responsável por marcar os barracos de acordo com o que é recomendado pelo método nacional do movimento. Os barracos que não estão “padronizados”, seja por falta de lona, madeira, tamanho ou que ocupem atrapalhem o trânsito de materiais e pessoas, que estejam no meio das “ruelas”, não recebem marcação. Estes, despadronizados, estão simbolicamente *fora*, não pertencendo à ocupação.

Figura 21– Rua da OPSM iluminada durante uma noite do mês de julho de 2016



Fonte: <https://www.facebook.com/mtstce/> Acesso em 16 jan. 2017

Compreendo que os principais arquétipos, obras materiais oriundas da construção coletiva, pautadas pela cultura do método nacional de ocupação do movimento, são os barracos de lona preta, na ocasião desta pesquisa, manifestados na quantidade de três milhares dentro de um terreno vazio, localizado às margens da Avenida da Estrada da Urucutuba, no bairro Bom Jardim.

Sob uma análise sociológica, tais edificações escapam a uma apreensão que os reduza e os defina meramente como coisas ou objetos. Para além do concreto de suas formas espaciais, os barracos também são elementos simbólicos. Percebo que além do imediato observado pelos nossos sentidos, há um fenômeno histórico e social que incide sobre construção destes. Atento à constituição material dos barracos, também os interpreto como representações produzidas pelas práticas e relações estabelecidas durante a reprodução da vida material, da cultura daqueles que ocuparam.

O trabalho de construção coletiva em escala dos barracos forma o espaço social, o meio de vida daquele que ocupa: o *mundo* da ocupação. O fazer do barraco, o desempenho da *função* social do ocupante em erguer o seu barraco, inicia o trabalho de construção de identidade do sujeito sem teto.

A sua identidade política é forjada por dentro da ocupação, sua definição como sujeito sem teto é vinculada à produção do seu espaço social e político junto ao MTST. Fora deste espaço, ele foi produtor e produto de outras realidades sociais, que, pelo seu alcance em complexidade e diversidade, não seria possível esgotar aqui.

Ao abordar a Ocupação Povo Sem Medo, observei uma manifestação de um universo sobre um caso particular, representado pelo trabalho de construção de barracos provisórios que moveu milhares de homens e mulheres na busca de suprir suas carências imediatas. Sem a perspectiva de sincronia de agência entre os sujeitos e práticas, a OPSM nada mais seria que um amontoado de barracos junto a uma multidão de pessoas e um monte de bandeiras. Compreendi que há uma relação intrínseca entre a OPSM, os Sem Teto e o MTST e que esta é responsável pelo *Fazer de um Formigueiro*.

Considero que cada relação social carrega em si um tempo que tange o seu movimento e um relativo conhecimento dos que a produzem sobre a mesma, da qual faz parte, ao mesmo momento que, circunstancialmente, também se destaca. Ao *desconstruir* os barracos de lona preta por uma perspectiva etnográfica, procurei tornar visível para mim e para os que, porventura, leiam este texto, o que já é parte de um conhecimento imediato, do cotidiano de reprodução da vida dos sem teto. Este cotidiano, vinculado à condição de subalternidade que vivenciam os sem teto, se expressa por uma relação de dualidade na qual há exclusão de bens e poderes, em paralelo a uma inclusão subordinada a um campo constituído por capitais econômicos, simbólicos e políticos.

No tempo histórico presente, no qual habitam pesquisadores e pesquisados, o ocupar de terrenos compõe outra relação de dualidade: a do real e a do possível, herdado por um presente de ausências, e perante um futuro representado pela conquista da casa própria. A posse da moradia, para além de um bem material, traz consigo uma gama de bens simbólicos. A escassez de oportunidades, junto ao desejo da conquista deste bem, material e simbólico, denominado moradia, também faz parte de um contexto social, que leva milhares de sujeito políticos a ocupar terrenos coletivamente, embaixo de lonas pretas.

A ocupação fez-se como síntese de espaço e tempo para além de dimensões físicas e materiais, apresentando-se, sobretudo, como produto de relações sociais, estabelecidas sob a égide de um movimento nacional que põe em prática seu acúmulo no ocupar, no modo de negociar e de fazer política. Como espaços produzidos, as ocupações são derivações das metrópoles brasileiras em sincronia, mundos próprios com suas próprias normas e dinâmicas. Matéria e energia, lugar e movimento, as ocupações do MTST são sincronias entre a prática e o espaço. Pautadas por um tempo substantivamente histórico, localizado circunstancialmente sobre o urbano em Fortaleza.

4.4 O Cotidiano do formigueiro:

Dividi a análise do cotidiano da ocupação em três momentos: o momento do *fervilhar*, que corresponde aos três primeiros meses da ocupação, do final de maio ao final de agosto de 2016; o momento da *chama baixa*, que corresponde aos três meses seguintes, setembro, outubro e novembro, em que ela foi paulatinamente esvaziada; e por fim, o período de *fogo morto*, em que resistiram apenas aqueles que, não tendo outro local para morar, permaneceram na ocupação dentro dos seus barracos já emadeirados e desenvolvidos, transformados em moradias.

Durante os três primeiros meses da ocupação, o formigueiro fervilhou. Até o final do mês de agosto, formaram-se 9G's, contendo de 300 a 500 barracos cada um, chegando à contagem de três mil barracos na Ocupação Povo Sem Medo. Popularmente, nos seus arredores, a OPSM também ficou conhecida como "*Favela de Plástico*", (ver figura 22) devido à aparência dos barracos de lona preta.

Figura 22 – A Favela de Plástico



Fonte: <https://www.facebook.com/mtstce/>. Acesso em: 16jan. 2017

No início da ocupação, a ruína de um antigo alojamento dos pedreiros foi um dos locais de maior fluxo, pela presença de duas cozinhas coletivas, uma sala de reunião da coordenação e um depósito de materiais. Até uma pequena praça foi erguida em frente a este local, na qual, durante os primeiros meses, filmes eram exibidos no período da noite. Grande parte do público era formada pelos garotos que faziam a trilha.

Entre os ocupantes, havia aqueles que moraram na ocupação, em sua maioria desempregados, *cuidadoras* ou aposentados, que estão durante o dia e a noite no local – os denominei como *ocupantes moradores*. Houve também aqueles que por trabalharem fora da ocupação, estavam presentes no início da manhã, no período da noite e aos finais de semana, que raramente dormiam por lá, os quais denominei de *ocupantes – não moradores*.

Alguns ainda mesclaram as condições de ocupantes moradores e ocupantes – não moradores, pela dinâmica sazonal de trabalho, a exemplo de George, que relatou:

Só que agora, como agora eu tô morando na ocupação, que eu me separei, aí eu vou daqui mesmo, vou pro trabalho, já volto direto pra cá. [...] Participo normalmente das reuniões, do movimento, dos atos e nos finais de semana a gente procura mobilizar a galera mesmo da ocupação pra gente sair. Pra gente ir pra Lagoa. Tem um açude aqui perto que é conhecido como Açude da Viúva, aí a gente se reúne aqui, os G's, vai alguns de cada G's aí a gente, vai pra lá. A gente se diverte um pouco, troca umas ideia, brinca, toma uma cerveja...[...] É uma rotina diferente porque agora é a rotina familiar mesmo, porque agora todo mundo se conhece, todo mundo se abraça, todo mundo conversa, todo mundo se diverte, a gente tem nossas reuniões constantemente aqui dentro, a gente não abre mão disso, a gente não abre mão de mobilizar a ocupação, inclusive a gente vai fabricar agora um society dentro da ocupação com a pracinha, com um pólo de lazer dentro da nossa ocupação pra gente fazer um sarauzinho à noite com a galera aqui. Já tem até uma banda aí pra vir aqui tocar aqui pra gente, que é a banda dos meninos, do Pedro, os Caixeiros Viajantes. (George)

As atividades internas podem ser observadas por três dispositivos simbólicos: Trabalho, Pão e Festa⁶⁸:

⁶⁸ “Sou viramundo virado. Nas rondas da maravilha. Cortando a faca e facão. Os desatinos da vida. Gritando para assustar. A coragem da inimiga. Pulando pra não ser preso. Pelas cadeias da intriga. Prefiro ter toda a vida. A vida como inimiga. A ter na morte da vida. Minha sorte decidida. Sou viramundo virado. Pelo mundo do sertão. Mas inda viro este mundo. Em festa, trabalho e pão. Virado será o mundo. E viramundo verão. O virador deste mundo. Astuto, mau e ladrão. Ser virado pelo mundo. Que virou com certidão. Ainda viro este mundo. Em festa, trabalho e pão. Em festa trabalho e pão. Em festa, trabalho e pão.” Viramundo - (Gilberto Gil).

- Trabalho: a produção e organização coletiva do *mundo material* da ocupação, a exemplo do trabalho de construção de barracos, cozinhas e banheiros;
- Pão: Pelo intenso movimento nas cozinhas durante o horário das refeições;
- Festa: Pelas diversas atividades de sociabilidade⁶⁹, sobretudo no final de semana, visando o lazer dos ocupantes.

Figura 23 – Poetado G3, numa noite de Sarau



Fonte: <https://www.facebook.com/mtstce/> Acesso em 16jan. 2017

⁶⁹“Toda sociabilidade é um símbolo da vida quando esta *surge* no fluxo de um jogo prazeroso e fácil. Porém, é justamente um símbolo da vida cuja imagem se modifica até o ponto em que a distância em relação à vida o exige. Da mesma maneira, para não se mostrar vazia e mentirosa, a arte mais livre, fantástica e distante da cópia de qualquer realidade se nutre de uma relação profunda e fiel com a realidade.” (SIMMEL, 2006, p. 80)

4.4.1 Ausência de recursos

Devido ao seu tamanho, medido a partir do número de pessoas que participavam nas ocupações e atos, a principal dificuldade relatada pelos membros do MTST é a falta de recursos financeiros, estrutura e a obtenção destes de forma que não seja infligida a sua autonomia política. Não raro, faltaram suprimentos nas cozinhas e para as demais atividades do movimento, pelas dificuldades que seus próprios membros tiveram em fazer doações.

De longe, o nosso principal problema em função de ser um movimento é a autonomia e pouquíssima estrutura. Tem muito pouca estrutura, estrutura financeira. A gente conta com a solidariedade de alguns setores, mas ela é insuficiente do ponto de vista do tamanho do movimento. A dificuldade financeira de material, ela é sem dúvida, o nosso principal problema aqui do Ceará. Em seguida, dessa questão, a gente tinha uma dificuldade muito grande em função, ao meu ver, não devo falar numa coisa, não é uma avaliação do movimento ainda, mas que também os governos lula-petista daqui eles têm um aparelhamento que eles fecham muito os programas em torno de si, do seus aparatos, dos seus instrumentos, digamos assim, né, instrumentos políticos, partidários. [...] Aqui, por exemplo, no Ceará a gente não conseguiu terra, apesar de ser um governo, você ter tido um governo petista da Luizianne, em seguida agora o governo do Roberto Cláudio que tem a ligação PCdoB tá na Secretaria de Habitação, a gente não conseguiu terra pra construir o Minha Casa Minha Vida aqui, mesmo com o governo Federal aqui tentando, negociando diretamente. Então, isso muito em função de que as questões por dentro do governo são decididas para os seus, para aqueles aliados, não é? (Robert)

Por ser uma organização política que cobra demandas ao estado e à medida que tem como reivindicação imediata moradias populares, alguns dos dirigentes criticam a falta de apoio do governo estadual e municipal.

Sendo assim, entre os principais problemas enfrentados pela OPSM e demais ocupações do MTST em Fortaleza, está a ausência de recursos. Falta recurso para tudo: madeira, materiais de construção, alimentos e doações financeiras.

Eu acho que a população daqui é muito pobre. Nós ocupamos no Maracanaú e a população também era pobre. A periferia é grande, a gente ocupou na Paupina e a população era muito pobre, só que aqui é mais pobre ainda, assim é bem mais pauperizado. E isso nos primeiros dias dificulta com que a ocupação tenha mais estrutura por conta da própria carência, das dificuldades de conseguir estruturas. Quando a gente ocupou a Copa do Povo, nos primeiros 10 dias as cozinhas já estavam todas em madeira e com telhas. Porque uns e outros, uns moradores já tinham alguma coisa de sobra e aqui você vê que não tem essas sobras, entendeu? Tudo era conseguido na base do dinheiro ou na base da solidariedade, mas como a população não tem dinheiro, né? Então assim, a telha que lá era doada, aqui tem que ser comprada, o emadearamento que lá era doado para população aqui tem que ser comprado, entendeu? Porque não há sobra, o que há de sobra é aproveitado pelas próprias casas. Então isso é um diferencial também. Eu acho que de uma maneira geral é isso. (Robert)

Aqueles que ocuparam no Bom Jardim são mais carentes que os ocupantes de outros bairros. Todas as ocupações sofrem com a falta de recursos, mas algumas sofrem mais do que as outras.

4.4.2 A Ocupação em Fogo Morto

Hoje a ocupação como tá quase no fim, tem menos morador. Não tá como no começo que era um enxame, parecia um formigueiro era gente pra todo lado. Não tá mais assim. Tá mais calmo, mais tranquilo. Tá só os moradores mesmo. Tá parado, mas tá andando. Quando a gente vê que o acampamento tá triste, a gente inventa logo uma brincadeira. Começa todo mundo a correr no meio da ocupação. É guerra de água, é garrafão, esconde-esconde é pau na lata. Toda a vida a gente inventa uma brincadeira diferente. (Charlotte)

Com a ocupação em fogo morto, a paisagem ficou completamente diferente do que era há um ano. O mato, outrora roçado, tornara a crescer. Dos três mil barracos de lona preta que impactaram o cotidiano de cerca de 10 mil seres humanos, poucos remanesciam.

Na ocupação em fogo morto, foram encerradas as doações de alimentos e as cozinhas coletivas. Estava reduzida a cerca de 20 ou 30 ocupantes alojados no entorno do seu centro, restando apenas os moradores que ficaram no terreno ocupado, por não ter outras alternativas de moradia.

Durante a OPSM ocorreram diversas marchas, reuniões e negociações com a PMF e com o governo do estado. Conciliar a constante busca por emprego e melhores condições de moradia com a reprodução da dinâmica de atividades coletivas que requer uma ocupação, fez com que muitos se afastassem dos terrenos paulatinamente. As condições imediatas de moradia e trabalhos sem teto foram os principais empecilhos para a permanência dos trabalhadores no terreno ocupado.

Segundo relatos dos membros da atual direção estadual do MTST, muitos dos membros da OPSM que se encontravam de acordo com os critérios nacionais de *participação* e *luta* já haviam feito dossiês, a fim de ingressar e receber apartamentos do Residencial Alameda das Palmeiras⁷⁰. Porém, até o momento, nenhum dos ocupantes reside nos apartamentos.

⁷⁰Disponível em: <<https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-inaugura-alameda-das-palmeiras-com-entrega-de-2-032-moradias-do-mcmv>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

A OPSM foi desocupada por inteiro, em agosto de 2017. Algumas famílias que não participaram da ocupação no ano de 2016, migraram para o terreno ocupado, residindo nas ruínas das construções e estruturas que lá foram erguidas. Tais famílias não mantêm vínculo com o MTST.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

*“Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo”
(João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas)*

Neste momento, opto por tecer breves apontamentos iniciais sobre a mobilização dos mais diversos recursos que desencadearam o que foi pesquisado e descoberto. Ao longo destes três anos de investigação, surgiram muitas perguntas ao longo do trajeto do caminhar. Considero que os debates sobre a OPSM e os sem teto não terminam por aqui, assim como este trabalho, que não pretende encerrar-se como espaço de reflexão.

Considero o início da pesquisa a partir do meu interesse sobre o MTST, no dia 04 de julho de 2014, quando soube que o mesmo realizou sua primeira ocupação em Fortaleza. Considero o seu momentâneo encerramento, em novembro de 2017, quando fiz os últimos contatos com os membros de tal movimento e redigi suas considerações finais.

Por mais solitária que seja a redação textual acadêmica, nunca estive sozinho. Ao longo de todo o trabalho de pesquisa, para além de informantes ou interlocutores, contei com diversos aliados que contribuíram ao seu modo no êxito desta empreitada. As lacunas são única e inteiramente da minha responsabilidade.

Durante a pesquisa, me engajei paulatinamente no MTST, à medida que o acompanhava e participava das atividades junto ao mesmo, conquistei e estabeleci laços de confiança com os seus membros. No mês de maio de 2016, cheguei a compor a sua direção estadual, me retirando desta quando passei por um processo de adoecimento, ocorrido a partir de julho do mesmo ano.

Ao longo desta *pesquisação-militante*, por dentro das atividades do MTST CE, tive contato com o seu funcionamento e estruturação, e como qualquer outra organização política, das suas contradições e divergências internas. Assim como também, das manifestações das personalidades e conflitos entre os seus dirigentes e o reflexo dos mesmos na condução dos processos políticos. Durante o meu tempo de militância junto ao movimento, tive que me abster ou tomar partido de alguns destes conflitos, mas optei por não me debruçar sobre suas contradições e falhas internas, a fim de resguardar o movimento, a segurança dos seus membros e os estreitos laços de confiança e convivência estabelecidos.

A OPSM foi a maior experiência política realizada pelo MTST no Ceará. Em número de ocupantes foi cerca de seis vezes maior que Copa do Povo, até então, a mais numerosa. Também foi a mais longa, com cerca de 15 meses até o término do seu paulatino esvaziamento. Pela primeira vez no Ceará, o método nacional de ocupação do MTST pôde ser avaliado em todas as suas etapas, tornando-se uma espécie de *laboratório* para os militantes do movimento.

Do trabalho de base à entrada na ocupação, da construção dos barracos à divisão dos grupos, a formação da coordenação, negociações com órgãos públicos e acordos para a conquista das casas. Através da OPSM, sobretudo ao longo dos anos de 2016 e 2017, o MTST CE obteve um grande saldo político e organizativo, estabelecendo uma ampla rede de contatos e afirmando-se para a sociedade civil como sujeito político capaz de organizar (por determinado tempo) milhares de pessoas em ocupações e marchas.

Permaneço mantendo interesse em me aprofundar sobre o conhecimento e a composição social do MTST, além de quaisquer conceitos, tais como subproletários, subalternos, batalhadores, ralé, mas, sobretudo, me questiono que papéis sociais teriam os que ocupam na caracterização para com a formação da classe trabalhadora do Brasil na contemporaneidade; e, para além disso, sobre qual seria a localização do MTST na recomposição política de um novo bloco histórico no Brasil.

Creio que o caminho para a investigação destes questionamentos já esteja em curso, construído aos passos de formiga, por aqueles que se organizam, como atos de resistência.

Passa uma Borboleta

Passa uma borboleta por diante de mim
 E pela primeira vez no Universo eu reparo
 Que as borboletas não têm cor nem movimento,
 Assim como as flores não têm perfume nem cor.
 A cor é que tem cor nas asas da borboleta,
 No movimento da borboleta o movimento é que se move,
 O perfume é que tem perfume no perfume da flor.
 A borboleta é apenas borboleta
 E a flor é apenas flor.

Alberto Caeiro. PESSOA, F. O Guardador de Rebanhos, In Poemas de Alberto Caeiro. Lisboa: Ática. 1946 (10ª ed. 1993). p. 64.

À Palo Seco (1974)

Se você vier me perguntar por onde andei
 No tempo em que você sonhava
 De olhos abertos, lhe direi
 Amiga, eu me desesperava
 [...]
 E eu quero é que esse canto torto
 Feito faca, corte a carne de vocês
 [...]

Belchior (1946 – 2017)

REFERÊNCIAS

AMMANN, Sáfira. **Movimento Popular de Bairro**: De frente para o Estado em busca do Parlamento. São Paulo: Cortez, 1991

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 6. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed. Unicamp, 1999.

ARAÚJO, Ana Maria Matos. **Fortaleza, metrópole regional**: trabalho, moradia e acumulação. Fortaleza: EDUECE, 2010.

ARAÚJO, Flávia. Sousa. Desestabilizações de uma política público-privada: o Programa Minha Casa Minha Vida em Benevides/PA. In: CARDOSO, A. L. (Org.). **O Programa Minha Casa Minha Vida e seus efeitos territoriais**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

BARREIRA, Irllys A. Firmo. **O Reverso das Vitrines**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

_____; BRAGA Elza. (Org.). **A Política da Escassez**: lutas urbanas e programas sociais governamentais. FORTALEZA: Fundação Demócrito Rocha, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOGO, Ademar. **Identidade e Luta de Classes**. São Paulo, Expressão Popular, 2008.

BOTELHO, Maurilio Lima. Favelização e o Colapso Urbano da sociedade capitalista. **Territórios Transversais**, resistência urbana em movimento, junho 2014. p.06.

BOULOS, Guilherme. **Porque ocupamos?** Uma introdução à luta dos sem-teto. 2. ed.. São Paulo: Scortecci, 2014.

BOURDIEU, Pierre. Estruturas, Habitus e Práticas. In: ORTIZ, Renato. Pierre **Bourdieu – Sociologia** – Coleção Grandes Cientistas Sociais. SP: Cortez, 1983.

_____. (Org.). **A miséria do mundo**. São Paulo: Vozes, 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.) **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. (Org.) **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 15- 50.

BRITO, Thaís. Chacina da grande Messejana. Curió: entre lembranças da dor e promessas de melhorias após chacina. **O Povo**, Fortaleza, 13 nov. 2016. Disponível em: <<http://www20.opovo.com.br/app/opovo/dom/2016/11/12/noticiasjornaldom,3669239/chacina-da-grande-messejana-curio-entre-lembrancas-da-dor-e-promessa.shtml>>. Acesso em: 24 ago. 2017.

CAMPOS FILHO, Candido Malta. **Cidades brasileiras: seu controle ou o caos**. 4 ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

CANDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 8ªed. São Paulo:34, 1997.

CARDOSO, Ruth. (org.) **A aventura sociológica**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CASTELLS,Manuel.**Cidade,democraciaesocialismo**.RiodeJaneiro:PazeTerra,1980.

_____.**Aquestãourbana**.RiodeJaneiro:PazeTerra,2000.

COMERFORD, John Cunha. **Fazendo a luta**: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas/ John Cunha Comerford. – Rio de Janeiro: RelumeDumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1999. – (Coleção Antropologia da Política. 5).

COSTA JÚNIOR, Pedro Wilson Oliveira da.**O Estreito Fio da Navalha**: a participação e transformismo na relação dos Movimentos dos Conselhos Populares (MCP) com a gestão Luizianne Lins em Fortaleza (2005 a 2009), 2010. 145 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

COUTINHO,CarlosNelson.**Gramscieas CiênciasSociais**.ServiçoSocial&Sociedade,SãoPaulo:Cortez,1992.(Col.Polêmicasd oNossoTempo,n.51.).

DA MATTA, R. O ofício de etnólogo, ou como ter ‘anthropological blues’. In: NUNES, E. O. (Org.) **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ENGELS,Friedrich.**Aquestãodahabitação**.BeloHorizonte: AldeiaGlobal,1986.

_____. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 13a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

FABIAN, Johannes. A prática etnográfica como compartilhamento do tempo e como objetivação. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 503-520, Out. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132006000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 maio 2017.

FEIJO, C.A; Carvalho, P.G; Almeida e OREIRO, J.L; Paula, L. F. Desindustrialização:conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro **Revista de Economia Política**, vol. 30, nº 2 (118), pp. 219-232, abril-junho/2010 Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rep/v30n2/03.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2017.

FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital imperialismo**: teoria e história. Rio de Janeiro: EPSJV/Editora UFRJ, 2010.

GAJARDO, Marcela. Pesquisa participante: propostas e projetos. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 15- 50.

GIUMBELLI, Emerson. **O Fim da Religião**: Dilemas da Liberdade Religiosa no Brasil e na França. São Paulo: Attar/PRONEX, 2002.

GONDIM, Linda Maria de Pontes; GOMES, Marília Passos Apoliano: O direito à cidade em disputa: o caso da ZEIS do Lagamar (Fortaleza-CE). Cad. **Metrópole**, São Paulo, v. 14, n. 28, pp. 507-527, jul/dez 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/14820>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

GOULART, Débora Cristina. **O Anticapitalismo dos Trabalhadores Sem Teto – MTST**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília (SP), 2011.

_____. MTST, avanços e obstáculos de uma luta anticapitalista. **Territórios Transversais**, resistência urbana em movimento, junho 2014. pp. 24.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. vol. III, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 12.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2008.

HONNET, Axel. **Luta por reconhecimento**: gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

JACOBI, Pedro. **Movimentos sociais e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1993.

JUNG, Carl Gustav. **Fundamentos da Psicologia Analítica**: as conferências de Tavistock. Petrópolis (RJ): Vozes, 1972.

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. São Paulo, Paz e Terra, 1983.

_____. **Escritos Urbanos**. São Paulo: Editora 34, 2000.

LENIN, Vladimir Illich. **O Estado e a revolução**. O que ensinamos o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**; vol. 17, n. 49, pp. 11-29. junho 2002.

MACHADO, Eliel. Movimentos Populares na América Latina: paradoxos das lutas anti-sistêmicas? **Lutas Sociais** São Paulo n.23, p.32-42, 2º sem. 2009.

MAPA da Criminalidade e da Violência em Fortaleza Perfil da SER V, 2010. Laboratório de Direitos Humanos, Cidadania e Ética (Labvida) e Laboratório de Estudos da Conflitualidade e Violência (Covio). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2010. Disponível em: <http://www.uece.br/covio/dmdocuments/regional_V.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2016.

MARICATO, Ermínia. **O impasse da política urbana no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

_____. **Cidades Rebeldes**. Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MONTAÑO, Carlos; DURIGUETTO, Maria Lúcia. **Estado, classe e movimentos sociais**. Coleção Biblioteca Básica do Serviço Social. São Paulo: Cortez, 2010.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM-TETO. Princípios de organização do MTST. São Paulo, 2009. mimeo.

NUNES, Victor Leal. **Coronelismo, Enxada e Voto**. [S.l.]: Forense, Rio de Janeiro, 3ª ed., 1997.

NOGUEIRA, Oraci. **Pesquisa social**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1966.

OLIVEN, Rubem George. **A Antropologia de Grupos Urbanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985

PAIVA, Luiz Fábio. **Contingências da violência em um território estigmatizado**, 2007. Dissertação Mestrado em Sociologia, 2007. Universidade Federal do Ceará.

PAOLI, Maria Celia Pinheiro Machado. **As Ciências Sociais, os Movimentos Sociais e a Questão do Gênero**. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, v. 31, p. 107-121, 1991.

PEQUENO, L. R. B. Minha Casa Minha Vida em Fortaleza: Novas Periferias? In: ENANPUR Desenvolvimento, planejamento e governança, 15., 2013, Recife. [18p.].

_____. FREITAS, C. F. S. **Programa Minha Casa Minha Vida em Fortaleza:** primeiros resultados. In: CARDOSO, A. L. (Org.) O Programa Minha Casa Minha Vida e seus efeitos territoriais. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012. p.115-142.

POULANTZAS, Nicos. **Poder político e classes sociais.** São Paulo: Martins Fontes, 1986.

RIBEIRO, Marcelo da Silva. **Convivialidadeclubística digital:** um estudo etnográfico sobre o grupo do Facebook Ceará Sporting Club. (Dissertação em Sociologia) Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2017.139p.

RODRIGUES, C. M. L. **Daqui não saio, daqui ninguém me tira:** um estudo de caso do MTST(Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), para além da dicotomia entre identidade e estratégia. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes:** Mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice.** O social e o político na transição pós-moderna.São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna.**Estudos avançados**, v.2, n.2, p.46-71, São Paulo, Mai./Ago.1988.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **Movimentos Urbanos no Rio de Janeiro,** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

SCHWARTZMAN, Simon. **Pobreza, exclusão social e modernidade:** uma introdução ao mundo contemporâneo. São Paulo: Augurium, 2004.

SCOTT, James.C. Formas cotidianas da resistência camponesa. **Raízes, Campina Grande**, vol. 21, nº 01, jan/jun. 2002 (p. 10-31).

SILVA, JoséBorzacchiello. Quando os incomodados não seretiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza – Fortaleza: Multigraf,1992.

SILVA, Vagner Gonçalves da **O Antropólogo e sua Magia:** Trabalho de Campo e texto etnográfico nas Pesquisas Antropológicas sobre Religiões Afro-brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SIMMEL, George. Sociabilidade: um estudo de sociologia pura ou formal. In MORAES FILHO, E. (org) **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Questões fundamentais da sociologia:** indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SINGER, André. **Os sentidos do lulismo**: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

_____. Raízes Ideológicas do lulismo. **Revista Estudos – CEBRAP**. Nº 85, Nov. 2009 pp. 83 – 102. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n85/n85a04.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2017.

SOARES, Laura Tavares. **Oscustos do ajusteneoliberalna América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOUTO, Vanda. **Participação popular e cultura política**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

SOUZA, Herbert José de. **Como se faz Análise de Conjuntura**; 20. Ed. Petrópolis RJ Vozes 1999.

TAVARES, Ana Claudia Diogo. VIEIRA, Fernanda Maria da Costa. QUINTANS, Mariana Trotta Dallalana. **Estado de exceção e as ações diretas em busca da democracia**: uma análise dos novos movimentos reivindicatórios diante dos megaeventos. Buenos Aires: Clacso, 2014.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **A formação da classe operária inglesa**: a árvore da liberdade. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9-14.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. 3º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994a. 138

_____. **Projeto e Metamorfose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994b.

_____. (Org.). O desafio da proximidade. In: _____; KUSCHNIR, Karina (Org.). **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 11-19.

VIEIRA, Leonardo Anderson. R. **O Movimento Livre e a busca do protagonismo no teatro social**. Monografia em Ciências Sociais. Universidade Federal do Ceará, 2013.

ZALUAR, Alba. **A Máquina e a Revolta**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

APÊNDICE A - PERGUNTAS NORTEADORAS PARA ENTREVISTAS

Construindo Barracos: Os Sem-Teto e a Ocupação Povo Sem Medo

Leonardo Vieira (Discente PPGSUFC mat: 0372076)

PERGUNTAS PARA MEMBROS DA DIREÇÃO DO MTST CE

Perguntas sobre as origens do MTST

- 1) Fale um pouco sobre você, qual o seu nome, aonde nasceu? (...)
Complemento: (qual a sua idade, qual a sua profissão?)
- 2) Como ocorreu o seu contato com o MTST? Em que época?
- 3) Quando surge o MTST no Brasil, me conte um pouco da sua história.
Complemento: (Como ocorreu a sua expansão nacional?)
- 4) Como ocorreu a sua vinda para o Ceará?
- 5) De acordo com a sua opinião, quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelo movimento? *Complemento:* (Existiram dificuldades para a vinda do MTST para o Ceará?)

Perguntas sobre a ocupação Povo Sem Medo

- 6) Para você onde se encontra o bairro Bom Jardim? Como você apresentaria esta localidade?
- 7) Por que o MTST decidiu fazer uma ocupação do Bairro Bom Jardim, como ocorreu esta decisão? *Complemento:* (Como foi feito o trabalho de base?)
- 8) Para você Quem são os sem-teto? *Complementos:* (De onde eles vem? A partir do que começa a participação deles nas atividades do movimento?)
- 9) Como foi o início da ocupação? *Complemento:* (Descreva o momento da ocupação e os seus primeiros dias)
- 10) Como é o dia-a-dia da ocupação? *Complemento* (Como ocorre a construção dos barracos, as cozinhas as praças)
- 11) Para você quais são as principais semelhanças e diferenças entre as ocupações do MTST no Ceará e no resto do Brasil? *Complemento:* (Existem semelhanças entre as ocupações do Ceará?)
- 12) Existem diferenças entre a ocupação Povo Sem Medo e as demais ocupações realizadas pelo MTST em Fortaleza? *Complemento:* (O perfil dos moradores da ocupação Povo sem medo é diferente das outras ocupações, apresentam peculiaridades?)

Perguntas para Coordenadores de Grupos e Setores

- 1) Fale um pouco sobre você, qual o seu nome, aonde nasceu, qual a sua idade, qual a sua profissão?
- 2) Qual foi o seu primeiro trabalho? O que você fazia lá? *Complemento:* (Como chegou até lá? Como aprendeu a sua profissão?)
- 3) Você está trabalhando atualmente? Qual é a rotina do seu trabalho, o que você faz?
- 4) Qual foi o seu último emprego? Quando foi? *Complementos:* (Por que você saiu? Você gostava dele? Você espera arrumar um emprego melhor?)
- 5) O que você considera como um trabalho digno ou decente?

Segunda Parte – Perguntas Relativas à Moradia

- 6) Antes de vir ao Bom Jardim, você morou em algum outro bairro ou cidade? Relate um pouco sobre como era a sua moradia anterior (alugada, própria, morava com parentes, etc).
- 7) O que te fez vir ao Bom Jardim?
- 8) Você gosta do Bom Jardim? Cite aspectos positivos e negativos. *Complemento:* (Existe algum outro lugar onde você gostaria de morar? Por quê?)
- 9) Como é a sua casa e quantos cômodos ela tem? *Complementos:* Ela é própria ou alugada, como você foi parar nela? Com quem você mora hoje? Quantas pessoas são? (filhos, irmãos, parentes...)

Terceira Parte – Perguntas Relativas ao Movimento

- 10) Como você conheceu o MTST? O que te levou a vir para ocupação? *Complementos:* (No trabalho de base ou na própria ocupação? Quem te trouxe?)
- 11) Você participou do momento da invasão? Como foi? O que você viu, o que sentiu, o que achou?
- 12) Conte-me um pouco sobre o dia-a-dia da ocupação. *Complemento:* (O que você considera mais interessante na ocupação? - Como ocorre a construção dos barracos, as cozinhas as praças...)
- 13) Para você quem são os sem-teto? *Complemento:* (Qual o perfil de quem ocupa?)
- 14) Quais foram as maiores motivações para você decidir participar da Coordenação desta Ocupação?
- 15) Houve alguma mudança no seu pensamento depois de conhecer o movimento? *Complementos:* Existia algum preconceito? Você aprendeu algo de diferente depois de entrar no movimento?
- 16) Quais os pontos positivos e negativos da ocupação? *Complementos:* Do que você gosta, do que você não gosta, o que você acha que é preciso melhorar?
- 17) Você já participou de alguma outra organização antes de entrar no movimento? (Por exemplo, Igreja, Grupo de Dança, ONG...)
- 18) Para você o que é o direito à moradia digna? Por que você luta por moradia?

ANEXO A – NOTÍCIAS SOBRE O MTST EM FORTALEZA

MTST PARALISA BR-222 NO 1º DIA DO ENCONTRO DOS BRICS, EM FORTALEZA

Nesta terça-feira, as mais de 2 mil famílias da Ocupação Copa do Povo-Ceará travam neste momento a BR-222 no 4º anel viário, parando o fluxo do trânsito na região metropolitana e a capital Fortaleza em pleno ao VI encontro da Cúpula do BRICS, que tem início hoje, como reação à ameaça de despejo das famílias e o cinismo do Secretário das Cidades do Estado do Ceará: Carlo Ferrentini.

O MTST só quer garantir que os acampados fiquem no terreno até o fim das negociações e promete fazer luta todos os dias do encontro do BRICS, até que saia essa garantia.

O movimento não tem nenhuma intenção de atrapalhar o encontro mas em resposta ao secretário Carlo Ferrentini e sua ameaça de despejo, pararemos a cidade todos os dias do encontro e for preciso. “O POVO ESTÁ NA RUA, FERRENTINI A CULPA É SUA.” tendo em vista que a negociação caminha nas esferas dos 3 poderes. As famílias que ocupam o terreno são de baixa renda e vivem em condições de moradia instável, dependendo do pagamento de aluguéis muito acima do que suas rendas suportam, muitas vezes em coabitação e com a falta de infraestrutura urbana básica nos locais onde vivem, como a falta de saneamento básico, de escolas e hospitais.

Sobre o terreno:

Segundo o secretário Carlo Ferrentini, da Secretaria das Cidades do Governo do Estado, o terreno pertence ao estado. Ele compreende uma área equivalente a 35 campos de futebol, começando próximo a BR-116 e terminando no Mosteiro de São Bento, na Paupina, já próximo a CE-040. A área ganhou recentemente dois residenciais de classe média (Fernando de Moraes e Conjunto Residencial Alto Alegre) aumentando a especulação imobiliária da região. Próximo dali, uma construção de conjunto habitacional pelo programa Minha Casa, Minha Vida (referente a etapa 2, para renda familiar a partir de 3 salários mínimos) está com as obras interrompidas há um ano.

Em Fortaleza os recentes despejos de ocupações urbanas, a maioria a partir de obras de mobilidade justificadas pelaCopa do Mundo, revelam o déficit habitacional de 250 mil famílias sem moradia na cidade e região metropolitana. Os dados são de 2012, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). O crescimento do déficit entre 2007 e 2012 foi o segundo maior do país, perdendo apenas para Brasília. Fortaleza também acumula alto nível de crescimento da especulação imobiliária, 72% nos últimos quatro anos, segundo o índice Fipe/Zap.

Sobre o MTST

O Movimento dos Trabalhadores Sem Teto surgiu em 1997, em São Paulo, a partir do impacto social do aumento populacional urbano e o seu consequente déficit habitacional na cidade. Tendo ganhado corpo dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, a pauta com suas especificidades urbanas levaram a criação de um movimento próprio. Nasce o MTST. Em Fortaleza, o movimento surgiu em 2011 através de um coletivo que deu início ao processo de articulação, formação e organização de trabalhadores sem teto na cidade para a luta pela garantia do direito à moradia.

Contatos do Movimento: *Douglas*- (85) 9969-6669 *Mr* - (85) 1917 – 1917

ANEXO B – NOTÍCIAS SOBRE O MTST EM FORTALEZA

POLÍCIA AMEAÇA MILITANTE DO MTST DE PRISÃO!

Por volta das 19:30 de hoje (8), a polícia do Governador Camilo Santana, Grupamento do RAIO, invadiu a assembleia com mais de 1 mil pessoas da Ocupação Povo Sem Medo, localizado Bom Jardim. Além de Ameaçar de prisão de uma militante do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) caso não obedecesse a ordem que buscava interromper a assembleia.

"A assembleia foi interrompida por três motos do RAIO. Chegaram e pararam tudo. Ficaram todos armados como nós fossemos um bando de marginais e um entrou com uma faca em punho para que ninguém passasse e encostasse nele. Chegou próximo à mim (coordenadora do MTST) que estava no palanque com o microfone e disse que havia passado três vezes por lá e havia aquela multidão de gente (assembleia da ocupação povo sem medo). Então, ele estava me dando uma chance de retirar todo mundo, porque se eu não retirasse ele ia fazer uma quarta volta. E nessa volta iria me levar presa. Dai eu teria que me explicar junto a um delegado." Relata a Coordenadora da Ocupação Povo Sem Medo

Essa é a segunda ação do RAIO com o objetivo de intimidar os/as acampados da Ocupação Povo Sem Medo. É lamentável este tipo de atitude.

Em reunião com o Estado no dia 01 de Junho, foi firmado acordo que não haveria nenhum tipo de ação de forças policiais em nossa Ocupação no bairro Bom Jardim. Hoje este compromisso foi quebrado. Além disso, o direito a liberdade de reunião que assegura que as pessoas reúnam-se em grupos, manifestações, assembleias ou qualquer outro tipo organização também foi quebrado.

Assim, pedimos a solidariedades de todos os movimentos e lutadores sociais que apoiam a luta dos trabalhadores e trabalhadoras Sem Teto.

Fonte: <https://www.facebook.com/mtstce/> Acesso em 16. Jan. 2015

ANEXO C – NOTÍCIAS SOBRE O MTST EM FORTALEZA

MTST ocupa latifúndio na periferia de Fortaleza (CE)

O acampamento é formado por famílias que viviam em áreas de risco, favelas, casas de parentes e na rua

Thiago Bruno

Especial para o Brasil de Fato, 25 de Maio de 2016 às 18:16



1200 famílias do MTST ocupam, desde a madrugada do dia 21 de maio, um latifúndio urbano na periferia de Fortaleza (CE) / MTST

Mais de 1200 famílias do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) ocupam, desde a madrugada do dia 21 de maio, um latifúndio urbano situado na região do Grande Bom Jardim, periferia de Fortaleza (CE). Além de reivindicar moradia digna, a iniciativa protesta contra medidas do presidente interino Michel Temer, dentre elas o fim do programa 'Minha Casa Minha Dívida'.

Em carta pública divulgada nas redes sociais, os militantes do MTST explicam que a ocupação é formada por famílias que viviam em áreas de risco, favelas, casas de parentes e na rua, além de pessoas que não conseguem mais pagar o aluguel porque estão desempregadas ou ganham muito pouco. "São mulheres, homens e crianças que decidiram lutar pacificamente depois de tanto descaso do poder público e da sociedade", afirma a carta.

Afirmam ainda que o terreno no bairro do Bom Jardim estava em situação de abandono quando os sem-teto chegaram e é "grande o suficiente para abrigar ainda mais famílias".

A ocupação pretende ajudar a sanar parte do déficit por moradia de toda a região. Diariamente, os ocupantes realizam assembleias para tomar decisões sobre a organização, estrutura e segurança de todos no local. Em uma das primeiras, que contou com a presença de mais de 2.500 pessoas, os sem-teto a nomearam de Povo Sem Medo.

"Esse tem sido o sentimento que impulsiona a luta por moradia e por democracia. Em tempos de retiradas de direitos e golpes, precisamos esquecer o medo e lutar", afirmam os sem-teto. Dentre as pautas da ocupação, além de moradia digna, as famílias exigem o fim da revogação do 'Minha Casa, Minha Vida', especialmente a modalidade Entidades, destinada a atender às demandas de moradia popular. Também protestam contra o governo interino de Michel Temer, afirmando que não o reconhecem e que o consideram "ilegítimo".

Edição: Camila Rodrigues da Silva